

Cristiano Binotti Müller Carioba

**UMA PARTIDA DE FUTEBOL:
GLOBALIZAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA**

Dissertação de Mestrado submetido
ao Programa de Pós Graduação em
Educação da Universidade do
Estado de Santa Catarina para a
obtenção de Grau de Mestre em
Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria
Hoepers Preve

Florianópolis
2017

C277p Carioba, Cristiano Binott Müller
Uma partida de futebol: globalização e ensino de
geografia / Cristiano Binott Müller Carioba. - 2017.
153 p. il.; 29 cm

Orientador: Ana Maria Hoepers Preve

Bibliografia: p. 151-153

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciencias Humanas e da Educação,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis,
2017.

1. Geografia- estudo e ensino. 2. Futebol - estudo e
ensino. I. Preve, Ana Maria Hoepers. II. Universidade do
Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Geografia. III. Título.

CDD: 910.7 - 20.ed.

Cristiano Binotti Müller Carioba

**UMA PARTIDA DE FUTEBOL:
GLOBALIZAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Educação, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós Graduação em Educação.

Florianópolis, de 13 de dezembro de 2016

Banca de Defesa:

Prof. Dra. Ana Maria Hoepers Preve
Orientadora
PPGE/FAED/UDESC

Prof. Dra. Valéria Cazetta
EACH/USP

Prof. Dra. Rosa Elisabete Miltz Wypczynski Martins
PPGE/FAED/UDESC

Prof. Dra. Sônia Maria Martins de Melo
PPGE/FAED/UDESC

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, a meu avô, Armando, que sempre me incentivou a ir atrás de meus sonhos com muita honestidade e força para realizá-los, e a minha avó, Nilza, pelo grande carinho e amor que sempre me deu e por suas orações e vibrações positivas. Aos meus pais, Mário e Cristina, pelo amor incondicional e pelo incentivo para fazer tudo o que eu quis em minha vida. Aos meus irmãos, Bruno, Vivian, Mariana e Lia, pelo incentivo e apoio na realização desse trabalho. A minha companheira, Isadora, que divide sua vida comigo e me incentiva a crescer e evoluir cada vez mais. E, em especial, a minha filha, Maya, que nasceu no período de realização desse trabalho e desde o seu nascimento mudou o sentido da minha vida. A minha amiga, professora e orientadora deste trabalho, Ana Maria Hoepers Preve, que tem uma importância gigantesca em minha vida, em minha formação acadêmica, profissional e pessoal; agradeço-a por ter ajudado a encontrar-me dentro do curso de Geografia, por despertar meu interesse pela educação, por ajudar as pessoas que cruzam o seu caminho a encontrarem seus próprios caminhos; pelo respeito, carinho e paciência, hoje cada vez mais raros nas relações de orientação no meio acadêmico. Aos companheiros de mestrado, em especial a Luiz, Danilo, Michele, Sandro, Gislaíne e demais companheiros do grupo Geografias de experiência, que sempre estiveram muito próximos ajudando muito nas reflexões e debates promovidos pelo grupo. À Universidade do Estado de Santa Catarina e ao povo catarinense que lutam e contribuem para que tenhamos uma educação gratuita e de qualidade. Aos órgãos de fomento à pesquisa dentro da Universidade (PROMOP) e a CAPES por terem financiado minhas bolsas de pesquisa durante os meses em que parei de dar aulas afim de focar-me na realização deste trabalho. Aos professores da UDESC que passaram por minha formação neste período de graduação e mestrado, em especial aos professores: Celso Carnimatti, Sônia Maria Martins de Melo, Ademilde Sartori, Mariléia dos Santos. Às professoras, Valéria Cazetta, Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins e Sônia Martins de Melo, por suas orientações e críticas tão fundamentais para a realização desta pesquisa. Aos amigos, Moriel, Áthila, Eduardo, Neemias e Luizão, que muito me apoiaram. Aos professores, Bruno Jackson Severino, pelo espaço cedido em suas aulas, e Maynine Macedo, por ajudar-me nos registros das primeiras oficinas. Ao grupo PIBID/Pedagogia, coordenado pela Prof. Dra. Alba Batisti, pelo convite e abertura para trabalhar com a formação de professores. A todos que participaram das oficinas, pois sem essas pessoas este trabalho não poderia ser realizado. Aos que cederam uma

parte do seu tempo para conversar comigo a respeito de futebol e, muitas vezes, sem se dar conta do tamanho da ajuda que estavam dando para esta pesquisa.

RESUMO

Este escrito é resultado de uma pesquisa feita através de experiências em educação, que se iniciaram no curso de graduação em Geografia e prolongaram-se até o presente momento (2016). Trata-se aqui de algumas questões, relativas ao futebol em suas conexões com o conceito de globalização, que se transformaram em oficinas. Nestas colocamos em movimento o conceito de globalização a partir de atividades e exercícios de reflexão. Assim, o presente trabalho visa atuar na educação ao incorporar o futebol como tema gerador de discussões relacionadas aos conteúdos geográficos, focando no conceito globalização. O objetivo com esta perspectiva de trabalho educacional em geografia foi de dar voz ao participante para que, a partir do futebol, possa compreender conceitos geográficos. Ressaltamos, deste modo, a importância dessa pesquisa como motivadora para a construção de práticas educacionais no ensino de Geografia mais voltadas para a realidade e, sobretudo, para diminuir os espaços vazios entre a vida e os lugares de educação, entre a geografia escolar e a vida, ou seja, por meio das oficinas, produziram-se encontros mais conectados às questões postas pelo mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Ensino de geografia. Futebol. Oficina. Globalização.

ABSTRACT

This text is the result from a research done through experiences in education, initiated in the Geography graduation and went on until this point (2006). This is about some questions, related to football and its connexions with the concept of globalization that became workshops. In those, we have set in motion the concept of globalization from activities and exercises of reflection. Thus, the present study aims act into education by incorporating the football as subject generator of discussions related to geographic contents, with focus in globalization concept. The goal with this perspective of geographic educational work was to give voice to the attending that through football may comprehend geographic concepts. We note, by this way, the importance of this research as motivating for the construction of educational practices in the teaching of Geography more oriented to the reality and, mainly, to reduce the empty spaces between life and education places, between scholar geography and life. In the words, through workshops, encounters more connected to the questions set by the contemporary world.

Keywords: Teaching of Geography. Football. Workshop. Globalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeiro campeonato e goleiro no primeiro tempo.....	21
Figura 2 – Do gol ao ataque	22
Figura 3 – O estádio da Inter de Limeira – SP	23
Figura 4 – Primeiro jogo no estádio	24
Figura 5 – Primeira viagem, no alojamento e os mapas ao fundo.....	26
Figura 6 – Pai e filha unidos pela paixão pelo futebol.	30
Figura 7 – Apresentação em curso de formação de professores.....	68
Figura 10 – Camisa do Santos de 1985.	81
Figura 11 – Camisa do Grêmio de 1987.....	82
Figura 12 – Camisa do Palmeiras de 1992.	83
Figura 13 – Camisa do Corinthians de 2009	83
Figura 14 – Globalização	92
Figura 15 – Globalização e os fluxos	92
Figura 16 – Globalização e a tecnologia	93
Figura 17 – Globalização e a desigualdade	94
Figura 18 – Globalização e as multinacionais.....	95
Figura 19 – Mundo globalizado e o mercado.....	96
Figura 20 – Globalização: conhecimento e desconhecimento.....	96
Figura 21 – Globalização e os Racionais Mc's.....	97
Figura 22 – Globalização e a fraternidade.....	98
Figura 23 – Futebol na Antártida.	99
Figura 24 – Futebol no Egito.....	100
Figura 25 – Futebol em Machu Pichu no Peru.	101
Figura 26 – Futebol no Himalaia.....	102
Figura 27 – Futebol em Mianmar e a presença do Brasil.....	103
Figura 28 – Futebol em Mianmar num monastério budista.....	104
Figura 29 – Futebol na muralha da China.	105
Figura 30 – Camisa do Corinthians de 1982 e 1983	111
Figura 31 – Preparação da sala de aula para a produção de mapas temáticos	112
Figura 32 – Participantes produzindo os mapas temáticos.....	113
Figura 33 – Mapa de fluxos do time do Paris Saint German (PSG)....	116
Figura 34 – Legendas do mapa do PSG	116
Figura 35 – Mapa de fluxos do time do Atlético de Bilbao	118
Figura 36 – Legendas do mapa do Atlético Bilbao	118
Figura 37 – Mapa temático do Real Madrid.....	120
Figura 38 – Legendas mapa do Real Madrid.....	120
Figura 39 – Mapa do Chivas Guadalajara	122
Figura 40 – Legendas do mapa do Chivas Guadalajara	122

Figura 41 – Participante mostra sua camisa do Bahia.....	125
Figura 42 – Participante mostra sua camisa do Real Madrid.....	127
Figura 43 – Participante mostra a sua camisa do Internacional.	128
Figura 44 – Primeiras camisas do Grêmio	130
Figura 45 – Camisa do Palmeiras de 1977.....	131
Figura 46 – Camisa do Atlético Mineiro de 1981.....	132
Figura 47 – Camisa do Santos- SP de 1985	133
Figura 48 – Camisa do Palmeiras de 1983.....	134
Figura 49 – Camisa do Flamengo de 1984.....	134
Figura 50 – Camisa do Corinthians de 1982 e 1983	135
Figura 51 – Camisa do Grêmio de 1987	136
Figura 52 – Camisa do Botafogo de 1992.....	137
Figura 53 – Camisa do Internacional de 1989.	137
Figura 54 – Camisa do Atlético Mineiro de 1989 e 1990.	138
Figura 55 – Camisa do Palmeiras de 1992.....	139
Figura 56 – Camisa do Vasco de 2001.....	140
Figura 57 – Camisa do Corinthians de 2009.....	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

FA – Associação de Futebol

FAED – Faculdade de Ciências Humanas e da Educação

FIFA – Federação Internacional de Futebol e Associados

JIUDESC – Jogos de Integração da Universidade do Estado de Santa Catarina

LEPEGEO – Laboratório de Estudos de Educação em Geografia

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PROMOP – Programa de Bolsas de Monitoria de Pós Graduação

PSG – Paris Saint German

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. PRIMEIROS CHUTES NA BOLA EM DIREÇÃO AO GOL – MEMÓRIAS	17
2. TRAJETÓRIA PERCORRIDA NO CAMPO – INTRODUÇÃO.....	31
3. PRELEÇÃO – DA GÊNESE DO FUTEBOL À GLOBALIZAÇÃO	37
3.1. O HOMEM E A BOLA: PRÉ-HISTÓRIA DO FUTEBOL	37
3.2. O FUTEBOL MODERNO	39
3.3. O FUTEBOL DESCOBRE O BRASIL.....	41
3.4. UMA BREVE HISTÓRIA DAS COPAS.....	44
3.5. A TRANSFORMAÇÃO DO JOGO EM ESPETÁCULO GLOBAL	50
4. ESQUEMA TÁTICO – A FORMA DE SE ORGANIZAR EM CAMPO.....	55
4.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO	55
4.2. PESQUISA DE ESTRATÉGIAS EM EDUCAÇÃO: OFICINA COMO FERRAMENTA PARA UMA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE	57
4.3. PESQUISA TEMÁTICA DA OFICINA: DO FUTEBOL À GLOBALIZAÇÃO	60
4.4. PESQUISA COMO INTERVENÇÃO E O MÉTODO DA CARTOGRAFIA	61
5. PRIMEIRO TEMPO: O INÍCIO DO JOGO – PRIMEIRAS OFICINAS.....	65
5.1. COM AS PROFESSORAS: JOGANDO CAMISAS PARA ALTO.....	65
5.2. ENQUANTO ROLA A OFICINA, A BOLA ROLA NA COPA.....	69
5.3. MAPAS E FRONTEIRAS: TIMES GLOBALIZADOS X TIMES TRADICIONAIS	74
5.4. CHELSEA: O CASO DO TIME INGLÊS MENOS INGLÊS	75
5.5. ATLÉTICO DE BILBAO E O CASO DO PAÍS BASCO	76
5.6. DINHEIRO COMPRA TRADIÇÃO?.....	78
5.7. VAMOS ÀS CAMISAS!.....	80
6. INTERVALO – REPENSAR AS ESTRATÉGIAS, RECUPERAR AS ENERGIAS	87

7. SEGUNDO TEMPO: A NOVA ESTRATÉGIA NO CAMPO – NOVA OFICINA	89
7.1. PRIMEIRO ENCONTRO DA OFICINA (23/08/2016).....	89
7.2. O DIA QUE NÃO TEVE OFICINA E, MESMO ASSIM, ALGO SE PASSOU (30/08/2016)	110
7.3. SEGUNDO ENCONTRO DA OFICINA (06/09/2016).....	112
8. MESA REDONDA: A ANÁLISE DA PARTIDA – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
REFERÊNCIAS.....	151

1. PRIMEIROS CHUTES NA BOLA EM DIREÇÃO AO GOL – MEMÓRIAS

Para entender um pouco da minha trajetória se faz necessário uma volta ao passado e, para isso, utilizarei algumas fotografias ao longo deste memorial mostrando o porquê e como cheguei até esta pesquisa de mestrado em Educação, que, por sua vez, está intimamente relacionada a uma parte muito importante da minha vida: minha paixão pelo futebol.

Vim ao mundo no ano de 1990, na cidade de São Paulo, sou filho caçula de uma família composta pelo meu pai, Mário, minha mãe, Cristina, e minhas irmãs mais velhas, Mariana e Vivian. Minha mãe era dona de casa e meu pai trabalhava como gerente de exportação de produtos, geralmente alimentícios.

Ele viajava bastante a trabalho para vários lugares do Brasil e para o exterior. Fala inglês e alemão fluentemente e já percorreu boa parte do mundo. Sempre que podia nos levava junto em suas viagens, conheci os Estados Unidos, alguns países da Europa e parte do Brasil. Ficava impressionado com as habilidades do meu pai em se comunicar com as pessoas em diferentes idiomas e por sua facilidade de guiar-se pelos lugares. Meu pai sempre foi muito ligado ao surgimento das novas tecnologias e, no final dos anos 90, já dispúnhamos de TV a cabo e internet (discada), além aparelhos eletrônicos como fax e telefone celular, artigos raros na maioria dos lares brasileiros naquele período. Meu pai trabalhava boa parte do seu tempo em casa no computador: fazia planilhas, mandava e-mails, contatava clientes por telefone, preenchia documentos aduaneiros, mandava amostras de produtos pelo correio, entre outras coisas. Desde criança fui percebendo que o mundo ia muito além dos lugares que percorria no dia-a-dia, que ele era muito maior do que aparentava e que havia muitos lugares, culturas e pessoas diferentes para se conhecer.

Ao longo da minha infância e adolescência, mudei-me de cidade diversas vezes em razão das mudanças de emprego do meu pai. No total foram nove cidades diferentes: Sorocaba (SP), Boca Ratón (FL/EUA), São Paulo (SP), Ribeirão Preto (SP), Pirassununga (SP), Joinville (SC), Peruíbe (SP), São Vicente (SP) e Santos (SP). Na época, eu não percebia o que hoje percebo: quanto minha vida foi influenciada pelo conceito de globalização. Pois, para mim, era normal esse estilo de vida nômade que minha família vivia. De certa maneira, a forma como vivíamos era produto da intensificação dos fluxos de pessoas, capitais, mercadorias e informações proposta pela globalização. As mudanças de cidade surgiam em função das oportunidades de emprego do meu pai. O lado bom dessas

mudanças foi ter a oportunidade de conhecer novos lugares, pessoas e culturas diferentes. Já a parte ruim, ter que deixar pessoas muito queridas para trás e buscar uma rápida adaptação em novos lugares tendo que fazer novas amizades. Daí a importância do esporte na minha vida, em todos esses lugares por onde passei, o futebol ajudou-me a fazer amigos e a adaptar-me melhor aos novos lugares.

Meu interesse pelo futebol surgiu na escola nas aulas de educação física nos primeiros anos do ensino fundamental. Nessa época tinha sete anos de idade, residia em Pirassununga, pequena cidade no interior do estado de São Paulo, e estudava num colégio particular chamado “Colégio John Kennedy”. No período do recreio, na ausência da bola, amassávamos uma lata de refrigerante que se transformava em bola. Meus colegas e eu criamos um jogo chamado “malha”, que consistia em passar a lata amassada por entre as pernas (drible conhecido como caneta, rolinho ou ovinho) de qualquer outro jogador e, se isso ocorresse, todos podiam bater no jogador que sofreu o drible até que ele chegasse no “seguro” (local em que o jogador que sofreu o drible precisa chegar para não apanhar mais). Devido à violência da “brincadeira” muitas brigas aconteciam pelo excesso de força empregado nos golpes, por essa mesma razão conseguimos convencer a diretora da escola a emprestar-nos uma bola e nos deixar jogar futebol na quadra também durante os recreios.

Todos os dias dividíamos os times por turmas e, como havia muitas turmas e consequentemente muitos times, jogávamos partidas de no máximo cinco minutos de duração. Ganhava a partida o time que fizesse dois gols primeiro. O time vencedor permanecia na quadra e, no caso de empate, saíam ambas as equipes. Este formato de disputa acirrava ainda mais o jogo, pois nenhum dos times queria perder ou empatar porque sairia da quadra. Fora da escola, eu jogava bola na garagem de casa, na rua, com traves feitas com chinelos, e em qualquer lugar que despusesse de pessoas com vontade de jogar e que houvesse uma bola ou algo que a se transformar em uma.

Para desenvolver alguma habilidade no esporte praticava sozinho em casa dando chutes na parede da garagem. Contava com a ajuda de um grande amigo, Guilherme Barbosa, vulgo Barba. Ele ensinou-me como bater na bola de chapa (parte interna do pé), de peito (peito do pé), de trivela ou três dedos (parte externa do pé, usando apenas três dedos para dar rotação na bola) e de bico (bico do pé). Sou destro mas por iniciativa do Barba passei a treinar chutes, passes e lançamentos com a perna esquerda também. Por esse motivo desenvolvi muita força, habilidade e potência nos chutes com ambas as pernas e, até hoje, perguntam-me se sou canhoto. Em geral quem joga futebol é destro ou canhoto, os

jogadores que possuem habilidade com as duas pernas são chamados de ambidestros.

Meus pais foram meus principais incentivadores no futebol. Nunca foram grandes entusiastas do esporte, não frequentavam o estádio, não assistiam às partidas pela televisão e muito menos sabiam jogar muito bem. Como foi dito anteriormente, meu desejo e paixão pelo esporte surgiu na escola, mas ao perceber meu gosto pelo esporte, eles passaram a incentivar-me a praticá-lo. Foi por meio do meu pai que passei a ser torcedor do São Paulo Futebol Clube, foi presente de minha mãe minha primeira camisa do clube, ambos me levavam aos treinamentos nas “escolinhas”, deram-me minha primeira chuteira, torceram por mim em meu primeiro campeonato e me levaram ao estádio para assistir a nossa primeira partida. Este é o período crucial na vida de qualquer criança, em que ela escolhe o time pelo qual ele irá torcer pelo resto da vida. Para alguns fãs de futebol, a escolha pelo seu time de coração é encarada da mesma maneira como, por exemplo, escolhas relativas a religião, posicionamento político ou opção sexual. Ou seja, coisas que escolhemos em nosso período de formação e segue até a idade adulta e que, geralmente, não mudamos ao longo da vida. Dificilmente um fã de futebol troca de time ao longo da vida, independente se ele está perdendo ou ganhando as competições.

Acredito que três fatores são preponderantes na escolha por um time de futebol. O primeiro é o fator hereditário, nesse a escolha pelo clube se deve devido a influência de algum familiar, geralmente o pai, o que foi o meu caso. O segundo fator é a época de nascimento do torcedor, se for uma época vitoriosa para determinado clube provavelmente a torcida desse clube irá crescer nesse período. No meu caso não havia como não ser são-paulino, pois nasci em 1990 e, em 1991, fomos campeões brasileiros. Em 1992 e 1993 fomos bicampeões da Taça Libertadores da América e bicampeões mundiais derrotando Barcelona da Espanha (2 a 1, em 1992) e Milan da Itália (3 a 2, em 1993), clubes europeus que garimpam talentos de todas as partes do mundo. O terceiro fator é o regional, normalmente torcedores escolhem times locais das suas cidades para torcer, salvo exceções de alguns estados do Brasil, em que os clubes locais ainda não ganharam representatividade em âmbito nacional e por isso as pessoas escolhem torcer por clubes de outros estados mais vitoriosos nacionalmente. Nesses estados existem torcedores que torcem para dois clubes: um local de menor expressão nacional, mas que o torcedor pode acompanhar de perto indo ao estádio, e para um time de maior expressão de outro estado, que já possui títulos nacionais e que pode acompanhar os jogos pela televisão ou internet. Nos

dias atuais, em decorrência da intensificação do processo de globalização, ocorre uma grande exposição na mídia de times estrangeiros, principalmente europeus, que angariam novos torcedores e potenciais consumidores pelo mundo. Assim, existem torcedores brasileiros que torcem por um clube no Brasil e também por outro time estrangeiro.

Por intermédio de alguns amigos da escola fui convidado a treinar futsal em duas “escolinhas” da cidade, uma no clube Pirassununga, tradicional clube da cidade, treinada pelo professor Rui e outra chamada RM treinada pelo professor Matheus. Nas duas escolinhas passei a ter treinamentos específicos à prática do futebol, iniciávamos os treinamentos com a parte física (alongamento e aquecimento), fundamentos do futebol (passe curto e longo, posse de bola, drible, domínio de bola, chute a gol), parte tática (posicionamento e movimentação em quadra) e, por fim, minha parte preferida, o coletivo (jogo).

Na escolinha RM, professor Matheus inscreveu-nos num festival (jogo festivo em que o vencedor levava um troféu e medalhas). Considero essa disputa meu primeiro campeonato de futebol. Na escolinha treinávamos futsal, porém esta disputa se realizou em campo. No primeiro tempo da partida joguei como goleiro e no segundo tempo como centroavante, posições totalmente opostas pois o primeiro tem como objetivo principal deter os chutes a gol do adversário e o segundo tem como meta marcar os gols. Claramente ao olhar as fotografias desse período tenho a recordação de treinos em que jogava uma parte no gol, pois não havia goleiros na minha categoria Sub-9 (categoria também conhecida como dente de leite ou fraldinha).

Figura 1 – Primeiro campeonato e goleiro no primeiro tempo



Fonte: arquivo pessoal do autor

Mas também jogava como pivô ou atacante (jogador de linha que joga no campo de ataque), pois dava bons chutes e passes com ambas as pernas. Esta é a fase em que defini a porção do campo mais gostava de jogar. Escolhi jogar no ataque porque o que eu mais gosto de fazer no jogo é marcar gols. O ex-jogador de futebol Dadá Maravilha tinha um bordão que sempre tomei como inspiração e que diz o seguinte: “não existe gol feio, feio é não fazer o gol”. Nunca fui o jogador mais habilidoso da equipe, aquele que pensa meticulosamente o jogo, dá dribles desconcertantes e assistências para gols. O que sempre me moveu e move em campo é a vontade de decidir as partidas fazendo gols, pois somente fazendo a maior quantidade de gols é que minha equipe sai de campo vitoriosa.

Figura 2 – Do gol ao ataque



Fonte: arquivo pessoal do autor

Minha primeira ida ao estádio foi num jogo do campeonato Paulista em que São Paulo enfrentou a Inter de Limeira em Limeira (SP). Fui convidado por um amigo da escola, Rafael Campolina, para ir ao jogo e nossos pais levaram-nos para assistir à disputa. O São Paulo ganhou a partida por 2 a 1 com dois gols do goleiro Rogério Ceni (um de pênalti e outro de falta), na época recém promovido a titular. A vibração e emoção em cada comemoração dos gols ficaram muito marcadas na minha memória, pois todos os torcedores gritavam e se abraçavam. A partir daí passei a comemorar qualquer gol, fosse quando eu o marcava enquanto atleta amador, fosse ele marcado pelo São Paulo enquanto o assistia como torcedor, passei a comemorar ambos com aquela mesma vibração e emoção. No estádio pude perceber uma atmosfera totalmente diferente do que eu via pela televisão, senti o clima de estar em uma arquibancada, de gritar até ficar sem voz apoiando o meu time, de abraçar os torcedores desconhecidos próximos. Passei a idolatrar Rogério, que nessa partida marcou o oitavo e nono gols da sua carreira. Rogério Ceni aposentou-se no final de 2015 como o maior jogador da história do clube e detentor de inúmeros recordes mundiais. Entre eles o de goleiro que mais fez gols na história do futebol (131 gols) e o de goleiro que possui o maior número de jogos oficiais por uma mesma equipe (1237 partidas), entre muitos outros recordes.

“O mito”, apelido dado ao arqueiro pela torcida tricolor, jogou 25 anos pelo São Paulo, de 1990 até 2015, chegou a titularidade do time em

1997, mesmo ano em que comecei a interessar-me pelo esporte. Em 2017 será o treinador da equipe. Percebo desta maneira uma relação muito estreita entre a minha paixão pelo futebol, pelo meu time e a carreira do maior ídolo da história do clube. Ao ficar todo esse tempo no mesmo clube, Rogério passou a ser uma exceção à regra posta em vigor desde o início da década de 1990: todo jogador de um clube pequeno que se destaca vai para um clube grande do mesmo país e, posteriormente, transfere-se para algum clube estrangeiro. A globalização chegou ao futebol muito antes que a internet e os smartphones se popularizassem na maior parte do mundo. Nessa dinâmica de fluxos a Europa figura como centro do futebol mundial e os demais países, como o Brasil, são a periferia. A América do Sul e a África têm como principal função fornecer talentos para brilhar nos campeonatos europeus, fazendo com que os campeonatos periféricos percam o encanto de seus encontros locais. Daí a importância de ídolos como Rogério Ceni no São Paulo, é o exemplo de fidelidade àquele grupo de torcedores locais, a valorização do local ao global, do sentimento de pertencimento a um determinado lugar e de sua cultura própria.

Figura 3 – O estádio da Inter de Limeira – SP



Fonte: arquivo pessoal do autor

Figura 4 – Primeiro jogo no estádio



Fonte: arquivo pessoal do autor

Na imagem acima estou com a minha primeira camisa do São Paulo, que ganhei de presente de minha mãe, na camisa chamava-me a atenção os patrocinadores do time, “Adidas”, empresa alemã fornecedora de material esportivo, e “Círio”, empresa italiana de produtos alimentícios. Achava compreensível uma marca de materiais esportivos estampar a camiseta de um time, mas não entendia o porquê de uma empresa de produtos alimentícios também estampar a camisa.

Posteriormente ira compreender que as camisas funcionam como veículos de propaganda para as empresas que pagam uma quantia ao clube. Através da televisão e internet, passei a acompanhar notícias, debates e mesas redondas sobre futebol. Percebi que esses valores eram muito importantes para um clube poder contratar bons jogadores e investir nas categorias de base, enfim, montar bons times e ganhar títulos. Nesse período entre 1997 a 1999 foi o início da minha paixão pelo futebol, no ano 2000 mudei-me com minha família para a cidade de Joinville (SC), foi a primeira mudança de cidade que me doeu, pois deixei minhas primeiras amizades para trás.

Joinville era uma cidade industrial muito maior em área e população do que Pirassununga. O município catarinense apresenta um clima úmido e bem mais frio no inverno, recordo-me de ficar com os lábios rachados por conta disto. Cursei a 5ª série no colégio “Bom Jesus”, um colégio particular e católico, que tinha fama de ser bem mais difícil do que eu estava acostumado. Logo que cheguei na escola percebi que minha turma era um pouco fechada e ninguém veio falar comigo nos primeiros dias de aula. Somente na sexta-feira, dia das aulas de educação física, que fui notado pelos colegas de turma. Neste dia jogamos futebol e me destaquei no jogo fazendo alguns gols e boas jogadas para minha equipe. Após a aula muitos colegas vieram falar comigo e fui aos poucos fazendo novas amizades. A convite de alguns amigos da escola passei a treinar futsal na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) de Joinville, onde, aos 11 anos, fui em minha primeira excursão com um time para outra cidade, Rio do Sul (SC).

Figura 5 – Primeira viagem, no alojamento e os mapas ao fundo



Fonte: arquivo pessoal do autor

Disputamos um campeonato entre todas as AABB do estado de Santa Catarina. Nosso time ficou alojado em uma escola da cidade, foi minha primeira viagem sozinho, sem meus pais. No dia seguinte à saída da excursão, meu pai foi a Rio do Sul para me levar mais cobertores e assistiu às duas partidas de nosso time. Perdemos as duas de goleada, mas foi uma experiência muito viva e marcante em minhas memórias.

No ano de 2001, mudei-me para a cidade de Peruíbe, uma pequena cidade no litoral do estado de São Paulo, localizado na baixada santista. Passei estudar num colégio particular chamado “Irene Bargieri”, esta escola incentivava muito a prática de esportes, bem como participava de competições na cidade. Morei em Peruíbe de 2001 a 2004, e nesta época tornei-me um atleta amador, vivi e respirei futebol quase todos os dias. Às terças e quintas-feiras à tarde havia treinos de futsal na escola coordenados pelo Professor André, o qual eu considero o melhor treinador que já tive. Na época estava com onze anos de idade e logo no primeiro treinamento me destaquei bastante fazendo gols e dando assistências para companheiros de time. O professor André convidou-me para treinar na escola de futebol dele, a Impacto. Os treinamentos ocorriam todas as segundas, quartas e sextas-feiras no período da tarde. Na escolinha encontravam-se os melhores jogadores da cidade, garotos de todos os colégios públicos e particulares. E aos finais de semana disputávamos campeonatos. Demorei um certo tempo para me adaptar ao futebol de sete (futebol em gramado sintético), devido às dimensões do campo serem maiores, ao fato do gramado ser artificial, dado que o posicionamento em campo é diferente e também tendo em vista o peso da bola, mais leve do que a pesadíssima bola de futsal. No futsal jogava de pivô e no futebol de sete como centroavante ou meia.

Aprendi muito nesse período e melhorei muito meu futebol graças às orientações do professor nos treinamentos, principalmente nas finalizações – meus chutes eram extremamente fortes e certos. Morava numa casa em um condomínio que possuía quadra de futebol, na qual eu ficava treinando com alguns amigos ou até mesmo sozinho. No verão a cidade e o condomínio ficavam mais povoados tendo que vista que muitas casas eram de veraneio. Todas as tardes e noites jogávamos futebol em partidas intituladas de “dois gols ou dez minutos”, à tarde jogava com os garotos de minha idade e à noite com os adultos. Como jogava bem na época, era convidado para jogar entre os adultos e fazia bonito. Recordo-me do suor e das dores no corpo tomado por hematomas depois de mais de 6 horas ininterruptas jogando. Fiz muitos amigos da cidade de Peruíbe devido à Impacto, e também amigos de outras cidades nos jogos realizados no condomínio.

Por intermédio do meu tio Tomás consegui um teste para integrar as categorias de base do São Paulo Futebol Clube, meu time do coração. Esse teste é realizado pelas categorias de base do clube somente duas vezes por ano. Só consegui a vaga para o teste porque meu tio, que é advogado, tinha um grande amigo desembargador, que atua como conselheiro vitalício no clube. Foram dois dias de testes, um grande

amigo do meu pai, chamado Alexandre, levou-me até o estádio do Morumbi de onde partiu o ônibus até o local dos testes. Havia mais de trinta garotos e, no primeiro dia, alongamo-nos, aquecemo-nos e fizemos fundamentos do futebol: passes curtos, condução de bola, lançamentos e chutes a gol. Em seguida veio a parte mais esperada por todos: o coletivo (jogo). Fui o último atleta a ser escolhido pelo segundo time, os atletas que sobraram começaram na reserva. Joguei com centroavante, minha posição preferida e logo na primeira bola que sobrou para mim fiz um golão da entrada da grande área, batendo na bola de primeira com a perna esquerda. No segundo dia de testes repetimos o mesmo treino realizado no dia anterior e fomos em seguida para o coletivo. Marquei dois gols: o primeiro partiu de um cruzamento pela esquerda e, na falha do zagueiro, bati rasteiro com a perna direita no canto esquerdo do goleiro; o segundo foi já no final do coletivo, quando arranquei pela intermediária adversária cortei dois marcadores e bati forte com a perna direita encobrendo o goleiro. No final dos testes (ou da “peneira”), os treinadores deram-nos o veredicto final: nenhum atleta seria selecionado para integrar as categorias de base. Os treinadores destacaram que somente três atletas teriam condições de no futuro de passar em futuras peneiras: um meia canhoto alto e extremamente habilidoso, um volante forte que dominou o meio de campo com muitas roubadas de bola além da distribuição de bola e por fim eu, que me destaquei pela minha capacidade de finalização e posicionamento em campo. Confesso que fiquei frustrado por não ter passado no teste, posto que me dediquei bastante, e com o passar do tempo acabei desanimando em seguir a carreira como jogador profissional. Normalmente para se profissionalizar um atleta precisa passar pelas categorias de base para que futuramente suba de categoria até chegar ao profissional. Com 14 anos já estava começando a ficar “velho demais” para seguir carreira profissional, pois para chegar lá precisava passar pelas categorias de base de algum clube.

No final de 2004, com 14 anos de idade, formei-me na 8ª série (atual 9º ano) do ensino fundamental e, devido a separação dos meus pais, decidi morar com o meu pai na cidade de São Vicente, que também se localizava na baixada Santista. Esta cidade possuía certa rixa com a cidade vizinha de Santos e eu morava bem perto da divisa entre as duas cidades. Em 2005 fui estudar no “Liceu Santista”, um colégio particular e católico na cidade de Santos e que, assim como meu colégio anterior, apoiava bastante o esporte.

Fiz uma peneira para o time da escola em minha categoria, sub-15 e passei, disputamos a Copa CNA de futsal escolar, na qual me destaquei com nove gols e algumas assistências, porém perdemos nas semifinais

nas penalidades. Fui chamado pelo treinador para integrar a equipe sub-17 e, dado meu empenho nos treinamentos, tornei-me titular e capitão da equipe. Disputamos a “Taça de Prata”, torneio regional de futsal da baixada santista, e também perdemos nas semifinais em decisão por pênaltis.

Em 2005 novamente o São Paulo foi campeão da taça libertadores e do mundial derrotando o Liverpool da Inglaterra (1 a 0), com belíssimas atuações do goleiro Rogério Ceni, tornando-se o único clube brasileiro até hoje tricampeão mundial. Em 2006 estudei em São Vicente (SP) no colégio “Objetivo”, no ano seguinte mudei-me para Santos para morar com minha irmã, Vivian, e estudar em outra unidade do mesmo colégio nesta cidade. Nestes anos passei a jogar futebol na praia, jogava em um time de praia chamado Real Santista Futebol e Regatas, disputávamos amistosos com outras equipes na orla de Santos e treinávamos remo em canoa havaiana também. Meu foco neste período se concentrou no prazer em jogar futebol e não mais em competir em campeonatos. Em 2009 mudei-me para São Paulo capital para fazer cursinho. Morei com minha mãe, meu tio e meus avós e estudei num cursinho no bairro da Consolação chamado “Hexag”. Através amigos do cursinho descobri que aconteciam jogos de futsal durante as tardes nas quadras da Faculdade Mackenzie, passei a ir jogar lá e aos poucos fui fazendo algumas amizades.

Em 2010 passei no vestibular na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) para cursar Geografia e me mudei para Florianópolis (SC). A UDESC é uma universidade descentralizada com vários campi/centros espalhados pelo estado e meu centro era a Faculdade das Ciências Humanas e da Educação (FAED). Por intermédio dos alunos veteranos fui chamado para participar de uma peneira visando a formação de uma equipe para representar o centro nos Jogos de Integração da UDESC (JIUDESC). Fiquei sabendo que a UDESC mantinha parceria com um clube próximo a universidade com a finalidade de apoiar as práticas esportivas dos acadêmicos e servidores. Desde então passei a integrar equipes da FAED em diversas modalidades. Durante a graduação fui a seis jogos consecutivos em Ibirama (2010), Laguna (2011), Balneário Camboriú (2012), Joinville (2013), Lages (2014) e Florianópolis (2015), todos em cidades catarinenses. Neste período conquistei duas medalhas: uma no futsal (bronze em 2010) e outra no Futevôlei (prata em 2012). Participei também de duas gestões da atlética do centro e tenho muito orgulho das conquistas esportivas de meu centro nesse período. Em todos esses anos de relação com o futebol vejo que sua importância em minha vida sempre esteve presente, porque através dele fiz muitos amigos. Atualmente jogo futsal duas vezes na semana e

participo de campeonatos amadores na região metropolitana de Florianópolis. Em 2015 tornei-me pai de uma pequena menina chamada Maya, assistimos a jogos juntos pela televisão, levo-a para assistir a meus jogos e tento transmitir um pouco de meu amor pelo futebol.

Figura 6 – Pai e filha unidos pela paixão pelo futebol.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

2. TRAJETÓRIA PERCORRIDA NO CAMPO – INTRODUÇÃO

Antes de tudo é necessário esclarecer que a proposta para o desenvolvimento dessa pesquisa já nasce ligada a uma série de experiências e questões levantadas anteriormente, sobretudo em meu TCC, intitulado “Geografia, futebol e globalização: um olhar sobre o mundo a partir do mundo da bola”.

Durante o período de graduação em Geografia, no período de estágios, tive como sugestão por parte de minha orientadora em criar uma aula que unisse algo que eu gostasse muito com algum conteúdo proposto pela Geografia escolar, o qual deveria ser ministrado para a turma de 2º ano do ensino médio de uma escola pública, onde seriam desenvolvidos o estágio curricular e as atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Como tema de meu interesse pessoal, veio-me a ideia de trabalhar com o futebol, pois desde criança pratico e sou apaixonado por este esporte.

Inicialmente debrucei-me sobre os possíveis conteúdos que poderiam relacionar-se com o futebol, e logo me chamou a atenção como o conceito de globalização está presente em qualquer partida de futebol jogada hoje em quase qualquer parte do mundo. Não exatamente o conceito, mas se pode dizer que a operacionalização deste conceito. Como se não houvesse mais a possibilidade de falar e fazer futebol sem que essa noção estivesse presente. Mesmo assim, sabe-se que quase ninguém, ao assistir uma partida de futebol ou mesmo ao olhar uma camisa de futebol, dá-se conta de seu funcionamento tão presente ali. Esse é um dos motivos fortes de meu trabalho, sobretudo quando ele se liga à educação.

Em seguida pensei em alguns fatos do cotidiano do futebol que poderiam ser utilizados como disparadores de discussão para refletir a respeito do conceito de globalização. Esta parte da pesquisa foi a parte temática na qual me dediquei a estudar sobre o conceito de globalização e sobre o futebol, refletindo a respeito dos possíveis vieses para relacionar esses dois temas.

A geografia escolar entende o conceito de globalização como sendo uma intensificação nos fluxos de informações, capitais, mercadorias e pessoas promovido pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte. Conforme livros didáticos presentes nas escolas, especificamente a Coleção do Projeto Radix (2012, p.13):

A globalização corresponde a fase mais avançada do capitalismo, caracterizada pela crescente intensificação das trocas de mercadorias,

informações e pessoas entre os países do mundo, [...] ela também tem promovido a integração cada vez mais efetiva do espaço geográfico mundial [...].

A definição acima está presente no livro didático dos 9º anos com o qual trabalhei nas escolas municipais de Florianópolis no período compreendido entre 2014 e 2015. Pude perceber que esse conceito não dá conta de expressar a multiplicidade de relações presentes na globalização e que, muitas vezes, não fazia sentido para os educandos. Daí a abertura para se pensar em práticas em educação voltadas para construção do conceito levando-se em consideração os saberes dos educandos.

Logo, pensei em usar temas cotidianos do futebol como, por exemplo, a ida de jogadores brasileiros para o exterior ou a presença de patrocinadores estrangeiros nos times nacionais como um meio de iniciar as discussões acerca do conceito de globalização.

É nesta parte que entra a pesquisa de estratégias em educação e geografia, que se iniciou a partir das leituras realizadas pelo grupo PIBID/Geografia do qual fui bolsista durante o período de dois anos e meio, orientado pela Prof. Dra. Ana Maria Hoepers Preve. Parte desta pesquisa foi realizada em 2014 com o foco na busca de outras estratégias em educação de Geografia e também visando levantar apontamentos acerca da experiência com oficinas pedagógicas visando colocar em movimento o conceito de globalização buscando compreendê-lo via imersão no universo do futebol. Por meio de oficinas propus uma experiência em educação que procurava ligar algo do mundo, como o futebol, com um conceito da Geografia, a globalização. Durante 2013 e 2014 foram realizadas 6 oficinas em turmas de 1º, 2º e 3º anos de ensino médio da Escola de Educação Básica “Simão José Hess”, em um curso de formação de professores na Escola Básica Municipal “João Alfredo Rohr” e com uma turma da 3ª fase do curso de Geografia da UDESC. Todo movimento de pesquisa inicial culminou na produção do meu trabalho de conclusão de curso no primeiro semestre de 2014, intitulado de “Geografia, futebol e globalização: um olhar sobre o mundo a partir do mundo da bola”. Percebi a potência dos temas, sua receptividade nos lugares por onde permeou e vislumbrei a possibilidade de seguir adiante após o ingresso no PPGE (Programa de Pós Graduação em Educação) da UDESC no semestre seguinte do mesmo ano.

A oficina, como modo de trabalho, acontece em qualquer lugar em que haja o interesse a respeito do tema proposto e conforme a disponibilidade de tempo dos participantes. Ela se molda e se adapta conforme o tempo e os espaços em que ela é realizada. Pode ocorrer em

espaços formais de educação, como escolas e universidades, e também pode ser realizada em qualquer outro lugar em que se tenha interesse nesse tipo de prática em educação.

Como resultado desse primeiro movimento de pesquisa obtive algumas constatações interessantes. Em grande parte onde a oficina se realizou houve bastante receptividade por parte dos participantes da oficina ao tema. Pude perceber também que da maneira como as primeiras oficinas se configuraram, não alcancei êxito em fazer com que todos os participantes falassem ou dialogassem sobre o conceito de globalização. Bem como não consegui captar as impressões dos participantes a respeito do tema de forma processual, pois somente trazia minha percepção sobre esse processo de aprendizagem. Assim, ao trabalhar numa perspectiva de educação baseada na dialogicidade, vi a necessidade de criar e aprimorar os exercícios a serem realizados para dar mais voz aos participantes e também para captar melhor as impressões dos participantes das oficinas. Neste primeiro movimento da pesquisa o resultado do processo, do desenrolar da oficina, ficou baseado somente em minhas impressões sobre o que se passou na oficina, sendo registrados por mim logo após o término das oficinas em meu caderno de anotações. Posteriormente, aprofundi as discussões por meio dos exercícios propostos na oficina, que passou então por um processo de reformulação.

A relevância deste trabalho consiste na pouca existência de trabalhos em ensino de Geografia e educação que correlacionam os temas futebol e globalização. Na revisão sistemática presente neste trabalho, busquei referências nos bancos de teses e dissertações da CAPES e de algumas universidades. Dentre as poucas referências que trabalham com o tema futebol no ensino de Geografia, destaco três trabalhos. Primeiramente os trabalhos de Flávio Lopes Holgado, tendo como principal deles sua dissertação de mestrado defendida em 2013 intitulada: “Além das quatro linhas: o futebol no ensino de Geografia”, orientada pela Prof. Dra. Maria Ivaini Tonini da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesta pesquisa o autor discute a temática do futebol na produção de paisagens e no ensino de Geografia. Através do futebol e a partir do conceito de paisagem, problematizou-as as imagens veiculadas pela mídia sobre o futebol e investigou-se em que medida os alunos compreendem a produção das paisagens através do futebol. O autor também apresentou reflexões da paisagem do futebol, tendo como aporte a Geografia Cultural, apontando a existência de vários simbolismos nestas paisagens inscritas no espaço geográfico. Holgado (2013) utilizou como ferramentas teóricas os conceitos de “paisagem”, “identidade” e “consumismo” para analisar o material empírico da pesquisa.

Outra referência de trabalho na área do ensino de Geografia é o artigo de Fabiano Ferreira Machado (2009) da Universidade Federal de Viçosa apresentado no 10º ENPEG (Encontro Nacional de Prática de ensino de Geografia), intitulado “Futebol: uma nova perspectiva no ensino de Geografia”. Neste artigo o autor aponta para alguns conteúdos do ensino de Geografia que são passíveis de serem trabalhados em relação com o futebol. Segundo o autor o método de análise realizado foi a abordagem sistêmica, onde, para a compreensão de um determinado processo, faz-se necessário o conhecimento do todo. Tendo como base a escola humanista, valorizando o estudante e instigando o seu conhecimento prévio. O artigo em questão foi baseado num projeto que leva o mesmo nome do artigo e foi dividido em oito momentos (aulas) sendo que cada uma delas trabalhou alguma temática da Geografia em relação com o futebol. Os temas propostos foram: (1) futebol e suas origens visando compreender a formação do esporte, sua influência no cotidiano e história do Brasil; (2) revolução industrial e a análise dos sistemas produtivos; (3) nacionalismo e território; (4) futebol como instrumento de manipulação pela mídia escrita, radiofônica e televisiva; (5) e a questão do meio técnico-científico-informacional e a globalização visando explorá-la a partir da escalação da seleção brasileira de futebol que têm jogadores brasileiros jogando em várias partes do mundo, principalmente na Europa.

Por fim, a referência mais recente (2016) no ensino de Geografia foi o TCC intitulado “Futebol e Globalização: Espetáculo, Consumo e Lucro na sociedade contemporânea” produzido por três autores: Hipólito de Andrade, Renato de Oliveira e Vinícius Lúcio Barcelos (2016), orientado pelo Prof. Dr. José Américo Cararo da Universidade Federal do Espírito Santo. Os autores se propuseram trabalhar o tema globalização a partir do futebol por meio de aulas planejadas e trabalhadas, em que foram discutidas como ocorreriam os processos e a evolução do capitalismo, relacionando a evolução dos meios técnico-científicos em uma escala global. Também foi ressaltada a influenciada mídia como difusora de ideias, aliada ao seu papel na economia e no consumo, muito característico desta sociedade contemporânea. Segundo os autores o atual momento do futebol está relacionado diretamente à fase contemporânea do capitalismo, ou seja, dentro dessa realidade presenciamos todos os atores que promovem a globalização “entrando em campo”, como os meios técnicos: a mídia, as transnacionais e as forças do mercado.

Todos esses trabalhos no ensino de Geografia foram muito importantes do ponto de vista teórico tendo em vista que entrei em contato com outros autores que me ajudaram a pensar nessa relação entre futebol

e globalização. E também do ponto de vista prático pois pude pensar em outras maneiras de correlacionar a conexão entre futebol e ensino de Geografia, até mesmo para além do conceito de globalização, foco desta pesquisa.

Assim este trabalho está estruturado da seguinte maneira. Na parte intitulada “Preleção – da gênese do futebol à globalização” trago a história do futebol desde os jogos primitivos com bola, passando pela consolidação da prática como esporte a partir da formulação das regras e difusão pelo mundo, até chegar ao atual período de transformação do esporte em espetáculo global de uma indústria bilionária.

Em seguida, na seção intitulada “Esquema tático – a forma de se organizar em campo”, faço algumas considerações sobre a educação na comunicação baseado na obra de Paulo Freire (1977) “Extensão ou comunicação”, em que o autor discute de que maneira é possível pensar em outras formas de comunicação na educação baseado na realidade do grupo em que se está inserido respeitando as especificidades da cultura local numa perspectiva de educação libertária. Assim como a definição de oficina que se faz presente nesta pesquisa a partir das considerações propostas pelo Prof. Dr. Guilherme Carlos Corrêa em seu texto “Oficinas novos territórios em educação: experiências hoje”. E por fim as considerações propostas pelos autores Prof. Dra. Virgínia Kastrup, Prof. Dr. Eduardo Passos e pela Prof. Dra. Liliana da Escóssia no livro “Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”.

No “Primeiro tempo – início do jogo: primeiras oficinas” trago o relato de duas oficinas das primeiras que foram realizadas e seus desdobramentos como prática em educação. A primeira foi realizada como formação de professores numa escola municipal de Florianópolis em parceria com o grupo PIBID/Pedagogia da UDESC, coordenado pela Prof. Dra. Alba Batisti. A segunda foi realizada com uma turma de ensino médio de uma escola estadual também no município de Florianópolis, ocorrendo como desdobramentos das proposições do grupo PIBID/Geografia da UDESC, do qual fui integrante de 2011 a 2013 coordenado pela Prof. Dra. Ana Maria Hoepers Preve.

Entre o primeiro e o segundo tempo do jogo é preciso uma pausa, “Intervalo – repensando as estratégias, recobrando as energias”, no qual é descrito o processo de reconfiguração da oficina.

No “Segundo Tempo: a nova estratégia no campo – nova oficina.” trago o relato oficina, que passou por um processo de reformulação, seus desdobramentos e a análise do trabalho desenvolvido como um todo. A oficina ocorreu na UDESC, com alunos da 4ª fase do curso de Geografia

na disciplina de Metodologia do ensino de Geografia, nas aulas ministradas também pela Prof. Dra. Ana Maria Hoepres Preve.

Por fim, “Mesa redonda: análise da partida – considerações finais”, onde traço as considerações finais da pesquisa que surgiram a partir do processo, da prática das oficinas e o que foi possível pensar a partir delas para o ensino de Geografia, para o próximo jogo.

3. PRELEÇÃO – DA GÊNESE DO FUTEBOL À GLOBALIZAÇÃO

3.1. O HOMEM E A BOLA: PRÉ-HISTÓRIA DO FUTEBOL

Esta seção é dedicada a expor quando e como surgiu o futebol, desde sua origem na antiguidade, nos jogos primitivos com bola que eram praticados nos mais distantes recantos do planeta, passando pela formulação das suas regras, consolidação como esporte e difusão pelo mundo durante o início da modernidade. E, por fim, chegarmos ao atual período em que o futebol se consolidou como esporte global, tido como espetáculo vendido como mercadoria em uma indústria bilionária.

Ao longo dos tempos, em diferentes épocas, diversas culturas apontam que o homem teve certo fascínio pela bola e assim surgiram muitos jogos com bola considerados precursores do futebol atual, os quais são chamados de futebol primitivo. Esses jogos tinham diferentes objetivos e motivações, como passatempo recreacional ou como parte de um ritual cerimonial ou rito de passagem.

Segundo Giulianotti o mais antigo registro de futebol primitivo vem da China, “no período neolítico em que bolas de pedra eram chutadas na província de Shan Xi e posteriormente na dinastia Han (206 a.C. a 220 d.C.) em que praticava-se Cuju que possui regras semelhantes ao futebol atual.” (GIULIANOTTI, 1999, p.15). No *Cuju*, 12 jogadores deveriam chutar a bola sem deixá-la cair no chão e sem utilizar as mãos para marcar gols num espaço designado ou numa pequena rede, as balizas ficavam ao centro do campo. Neste sentido também aponta Galeano (1995, p.25), “Há mais de 5000 anos, os malabaristas chineses faziam dançar a bola com os pés e que foi na China tempos depois que se organizaram os primeiros jogos.”

No Japão durante a dinastia Heian (644 d.C. – 1185 d.C.), praticava-se o *Kemari*, jogo com bola em que o objetivo era manter a bola no ar sem deixá-la cair no chão, nele não havia vencedor, posto que o jogo era considerado como atividade de caráter cerimonial e lúdico, e ainda é praticado no país.

Na Grécia, por volta do século I da nossa era, praticava-se o *Episcyros* do qual se tem poucos registros escritos, mas em alguns deles já havia indícios da prática do esporte. Neste sentido também aponta Galeano (1995, p.25): “nas comédias de Antífanos há expressões reveladoras como: bola longa, passe curto, bola adiantada.” Acredita-se que esse jogo grego com bola tenha se espalhado para o restante da Europa após as invasões romanas à Grécia e que logo surgiram inúmeras

variáveis do jogo pelo continente. Os romanos criaram a partir dele o *Harspatum*, jogo em que se enfrentavam 27 ou mais jogadores, e, por não possuir regras muito bem definidas, as partidas duravam até mesmo dias, além de serem extremamente violentas provocando até mesmo a morte dos seus praticantes. Na Itália, em Florença, durante os séculos XIII ao XVIII, era jogado o *Calcio*, nome que até hoje é usado para designar uma partida de futebol na Itália e dá nome ao campeonato italiano. Galeano (1995) faz algumas considerações interessantes sobre como se realizava a prática do *Calcio* italiano, segundo o autor:

Leonardo da Vinci era torcedor fervoroso, e Maquiavel jogador praticante. Participavam equipes de 27 homens, distribuídos em três linhas, que podiam usar as mãos e pés para golpear a bola e para estripar adversários. [...] Longe de Florença, nos jardins do Vaticano, os papas Clemente VII, Leão IX e Urbano XIII costumavam arregaçar as batinas para jogar o calcio (GALEANO, 1995, p.26).

Na França o jogo era intitulado de *Soule* e conservava também características parecidas com o *Harspatum* romano. Posteriormente chegou à Inglaterra, local que veio a se tornar o berço do futebol moderno. Nas ilhas britânicas algumas variações do futebol primitivo foram praticadas a partir do século XIII como passatempo das massas nos dias considerados santos. Porém, há que se ressaltar que muitos desses jogos enfrentaram certa resistência por parte das classes dominantes, principalmente devido às variáveis do jogo que eram mais violentas. Na Inglaterra, Eduardo II “proibiu a prática em 1314 para deixar mais tempo para a prática do arco e flecha”. (GIULIANOTTI, 1999, p.16 apud, STRUTT, 1969, p.94). Neste mesmo sentido aponta Galeano (1995), ao trazer à tona diálogos e trechos de peças de Shakespeare, em Rei Lear o conde de Kent insultava outro personagem em seus diálogos desta maneira: “Tu, desprezível jogador de futebol” (GALEANO, 1995, p.26).

Nas Américas muitos povos também já praticavam jogos com bola. No século XVII, os colonizadores depararam-se com alguns costumes antigos dos povos locais que dão indícios da prática dos jogos com bola. Galeano (1995) destaca o relato de um sacerdote jesuíta no Alto Paraná que descreveu assim um costume antigos dos guaranis: “Não lançam a bola com a mão, como nós, mas sim com a parte superior do pé descalço” (GALEANO, 1995, p.27). E que em outros povos originários da selva amazônica na Bolívia “tem origens remotas a tradição que os leva a correr

atrás de uma bola de borracha maciça, para metê-la em dois paus sem fazer uso das mãos” (GALEANO, 1995, p.27).

Neste sentido também vai Giulianotti (1999) ao descrever a chegada dos colonizadores na América do Norte também no século XVII, que se depararam com os povos indígenas praticando o *Pasuckquakkohowog* que era traduzido da seguinte maneira: “eles se juntam para jogar futebol” (Giulianotti, 1999, p. 15 apud Foulds e Harris, 1979, p. 7-8). Na América do Sul, no Chile, praticava-se o *Pilimatum* e, na Patagônia, o *Tchoekah* muito tempo antes da invasão dos colonizadores (GIULIANOTTI, 1999).

No âmbito da sociologia alguns pensadores dedicaram-se ao estudo do futebol, nesta fase primitiva até o início do futebol moderno. Muitas interpretações históricas do desenvolvimento do futebol vão na direção da perspectiva de Max Weber e de Norbert Elias, pensadores que salientavam o limitado grau de modernização do futebol primitivo no que diz respeito a regras e organização. Em muitos jogos podia-se usar as mãos e em seguida chutar a bola, nas partidas os times não possuíam um número de jogadores pré-definido, não possuíam organização em campo no que se refere à posição de cada jogador ou aos esquemas táticos. O que ocorria dada a ausência, como destaca Giulianotti (1999, p.17 apud WEBER, 1978, p. 341 e ss.), de “máquina burocrática alguma destinada a fiscalizar a organização do jogo”. Porém, há de se destacar um fator em comum a todos os lugares em que se praticava o futebol primitivo: os times eram formados por grupos masculinos rivais de cidades e povoados vizinhos. Outros sociólogos na linha de pensamento de Durkheim afirmam que o futebol primitivo serviria para manter a ordem social e integrar os indivíduos num âmbito local. Neste sentido Giulianotti (1999, p.17) aponta que

[...] da mesma maneira que muitos carnavais, esses jogos de futebol promoviam a ordem social ao longo prazo, dando maturidade aos jovens. [...] De modo geral, o futebol alimentava um forte sentimento de solidariedade social.

3.2. O FUTEBOL MODERNO

Para compreender de que modo ocorreu a transição do futebol primitivo para o esporte moderno é necessário considerar o contexto histórico. No início do século XIX a classe social mais privilegiada

precisava conter revoltas e focos de desordem nas escolas inglesas. Thomas Arnold se tornou diretor de uma escola na cidade de Rugby em 1828 e promoveu uma revolução na educação moral dos jovens mais afortunados da Grã-Bretanha. Assim aponta Giulianotti (1999, p.18), “O esporte e a educação física foram fundamentais para essa missão. Os jogos foram introduzidos como estrutura de caráter, ensinando as virtudes de liderança, lealdade e disciplina, sintetizando a filosofia de *mens sano corpore sano*.”

A prática obteve bons resultados e se espalhou por todas as escolas britânicas. Assim começaram as discussões a respeito de quais regras deveriam ser adotadas para a organização dos jogos. Havia duas propostas, uma dos veteranos de Rugby e Eton que não queriam abolir os pontapés dados aos adversários e que eram favoráveis à permissão do uso das mãos nos jogos. A outra era dos veteranos de Harrow que eram contrários a essas ações no jogo. Logo as duas vertentes codificaram suas próprias regras e deram origem a dois diferentes esportes: o rúgbi e o futebol. Os ex-alunos de Harrow imprimiram as regras e fundaram a Associação de Futebol (FA), um dos veteranos de destaque foi C.W. Alcock que presidiu a FA durante 25 anos. Em 1872 ocorreu a primeira disputa “a copa FA foi inicialmente disputada em um torneio de eliminatórias entre as escolas públicas, e a primeira totalmente internacional foi jogada entre Inglaterra e Escócia, em Glasgow (GIULIANOTTI, 1999, p. 19 apud WALVIN, 1994, p.48).

A partir daí começaram a surgir mais clubes, competições e disputas entre nações. As disputas eram de caráter amador, porém muitos clubes passaram a remunerar os melhores jogadores extra oficialmente afim de ganhar títulos. Houve sérios embates entre aqueles favoráveis e contrários à profissionalização do esporte. A partir de 1885 a FA não teve como resistir e aceitou a profissionalização do esporte e de seus jogadores. “A FA não conseguiu limitar o pagamento as “despesas reembolsadas” e, assim, relutantemente, reconheceu os jogadores profissionais em julho de 1885.” (GIULIANOTTI, 1999, p.19, apud BIRLEY, 1995a, p. 32)

A respeito das regras do esporte Galeano (1995) traz algumas considerações interessantes. Em 1863 em uma taverna de Londres, 12 clubes ingleses decidiram estabelecer as regras propostas pelos alunos de Cambridge em 1846, porém este acordo “não limitava o número de jogadores, nem a extensão do campo, nem a altura do arco e nem a duração das partidas” (GALEANO, 1995, p.28), logo foram surgindo regras para organizar melhor o jogo. “Em 1871 surgiu o arqueiro, única exceção desse tabu, que poderia defender a meta com o corpo inteiro”

(GALEANO, 1995, p.29). Em 1872 surgiu o árbitro e em 1875 veio o travessão para delimitar a altura da meta e em 1880 o árbitro passou a usar um cronômetro e decidia quando terminava uma partida além de poder expulsar quem agisse inadequadamente. Em 1882 os dirigentes ingleses passaram a autorizar cobranças de lateral com as mãos, em 1890 as áreas do campo foram delimitadas com cal e traçou-se um círculo no centro. Nesse mesmo ano as balizas ganharam redes evitando dúvidas nos gols. E em 1891 o árbitro entrou em campo com um apito na mão e assinalou o primeiro pênalti da história do futebol. Em 1904 surgiu a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) que “governa as relações entre a bola e o pé no mundo inteiro” (GALEANO, 1995, p. 28-30). Ao longo do tempo a FIFA introduziu poucas mudanças nas regras propostas pelos britânicos.

3.3. O FUTEBOL DESCOBRE O BRASIL

O futebol foi introduzido no país a partir das relações comerciais estabelecidas com a Inglaterra desde a vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808. No final do século XIX a Inglaterra era a maior potência econômica do mundo e mantinha investimentos em muitos lugares do planeta. Vieram para o Brasil muitos imigrantes ingleses provenientes de classe média e alta para trabalhar na implementação de ferrovias e em outros investimentos. Destacam-se alguns pioneiros, que mantinham algum tipo de relação com a Europa e que trouxeram o esporte para o Brasil.

Segundo Guterman (2010), Charles Willian Miller nasceu em São Paulo no ano de 1874 e com nove anos de idade foi estudar na Inglaterra em Southampton permanecendo por lá até 1884. Seu pai era o escocês John Miller e trabalhava na companhia ferroviária São Paulo Railway e sua mãe, Carlota Alexandrina Fox Miller, era brasileira filha de ingleses (GUTERMAN, 2010). C. Miller é considerado um dos pioneiros no esporte por trazer e importar os primeiros equipamentos para a realização da prática do esporte, por difundir as regras e por ser um dos primeiros jogadores brasileiros de destaque no esporte na primeira década do século XX. No país, a primeira partida realizada dentro das regras e condições mais próximas do ideal ocorreu por iniciativa de Miller que “reuniu funcionários da Companhia do Gás (*The team of the Gaz Company*) e da São Paulo Railway” (Guterman 2010, p.20). Já a organização das

primeiras ligas e difusão do esporte couberam a Oscar Alfredo Cox no Rio de Janeiro e Hans Nobling em São Paulo. Cox era filho de um diplomata equatoriano radicado no Rio de Janeiro e que representava os interesses ingleses no Brasil, já Nobling era alemão e tinha jogado no Germania de Hamburgo na Alemanha. Segundo Guterman ambos foram “mais importantes para a organização do futebol do que o próprio Charles Miller, a quem pode se atribuir o pioneirismo do futebol no Brasil, mas não sua disseminação de modo organizado” (GUTERMAN, 2010, p.28). Assim os dois pioneiros na organização do esporte no Brasil perceberam que para difundir o futebol no Brasil era necessário angariar adeptos ao novo esporte. Ambos sabiam “que somente por meio dos clubes o futebol fincaria raízes no Brasil e deixaria de ser um mero passatempo da elite” (GUTERMAN 2010, p.29)

No final do século XIX e nos primeiros anos do século XX surgiram inúmeros clubes de futebol que tinham caráter amador, deixando vários de existir porque muitos eram contra a profissionalização do esporte. A título de curiosidade, o primeiro clube de futebol ainda em atividade no Brasil foi o Sport Club Rio Grande, do Rio Grande do Sul, fundado em 1900. Todavia São Paulo foi a cidade em que o esporte encontrou terreno mais fértil para prosperar. O esporte era praticado no país principalmente pelas classes sociais mais altas e geralmente os primeiros times eram compostos de estrangeiros residentes no Brasil. Segundo Guterman (2010) os primeiros campos de São Paulo foram na Várzea do Carmo, na Chácara Duley e no Velódromo Paulista. O futebol era negado às classes sociais mais baixas e principalmente a população negra. Alguns clubes proibiam em seus estatutos os negros de jogarem. Cabia aos jogadores de pele mais escura cobrir a pele com pó de arroz afim de se “embranquecer” para poderem participar das partidas. Galeano (1995) relata em umas de suas crônicas alguns fatos que demonstram o racismo presente no esporte:

Em 1916, no primeiro campeonato sul americano, o Uruguai goleou o Chile por 4 a 0. No dia seguinte a delegação do Chile exigiu a anulação da partida, porque o Uruguai havia escalado dois africanos. Eram os jogadores Isabelino Grandín e Juan Delgado. Grandín haviam feito dois dos quatro gols. E se orgulha do seu país a afirmar que O Uruguai era, naquela época, o único país do mundo que tinha jogadores negros na seleção nacional (GALEANO, 1995, p.43).

A influência inglesa era tamanha que os termos utilizados pelos jornais da época para descrever o jogo tinham origem inglesa. Os jogadores eram os “*footballers*”, o árbitro era o “*referee*”, e as partidas eram chamadas de “*match*”. O primeiro craque do futebol brasileiro foi Arthur Friedenreich, filho de um alemão e de uma brasileira negra. Fried, como era chamado, tinha características de ambos e por isso foi um dos principais exemplos da miscigenação de raças no nosso país. Ele jogou por 26 anos como amador e marcou cerca de 595 gols (feito incrível para a época), foi o autor do gol do primeiro título conquistado pela seleção brasileira contra os uruguaios na segunda edição da copa américa de 1919. Copa que foi a primeira competição entre seleções disputada no mundo. O craque brasileiro foi descrito da seguinte maneira:

Este mulato de olhos verdes fundou o modo brasileiro de jogar. Rompeu com os manuais ingleses: ele ou, o diabo que se metia pela planta de seu pé. Friedenreich levou ao solene estádio dos brancos a irreverência dos rapazes cor de café que se divertiam disputando uma bola de trapos nos subúrbios. Assim nasceu um estilo aberto à fantasia, que prefere o prazer ao resultado (GALEANO, 1995, p.47).

Em 1921, o Vasco da Gama foi o primeiro clube brasileiro a aceitar jogadores negros em seu time futebol, posteriormente outros clubes se viram obrigados a rever seus estatutos, bem como as federações que organizavam o esporte para também integrar os jogadores negros ao esporte. A partir da industrialização e urbanização brasileira o esporte popularizou-se e clubes formados por jogadores operários e negros começaram a surgir, incluindo-se assim as classes mais baixas e os jogadores não brancos. Dentre os times formados por trabalhadores destaca-se o Sport Clube Corinthians Paulista fundado em 1910 por operários no bairro do Bom Retiro na capital paulista. A partir da Olimpíada de 1924 o futebol passou a ser esporte olímpico e nas duas primeiras edições, em 1924 em Paris na França e em 1928 em Amsterdã na Holanda, os uruguaios foram campeões e encantaram a Europa com sua forma magnífica de jogar. Os ingleses eram adeptos dos passes longo, bola alta e chutavam a bola para frente correndo em direção ao campo adversário. Os uruguaios trocavam passes curtos entre si de maneira objetiva avançando seu time gradativamente até chegar ao gol. Neste ínterim, os europeus redescobriram a América ao conhecer o futebol uruguaio nas Olimpíadas e um dos seus dirigentes que havia hipotecado

sua casa para financiar a participação nos jogos disse: “Agora não somos mais aquele pequeno ponto no mapa do mundo” (GALEANO, 1995, p.50) No início da década de 1930, Argentina, Brasil e Uruguai profissionalizaram o futebol, pois não podiam conter o ímpeto dos clubes em contratar os melhores jogadores ou mesmo controlar as remunerações que ocorriam extraoficialmente. Ainda segundo Galeano (1995), a profissionalização tornou o jogador um trabalhador e ao mesmo tempo uma mercadoria. Os jogadores ficavam vinculados a seus clubes por toda sua carreira a não ser que o clube decidisse vendê-lo. Os atletas assemelhavam-se aos operários das indústrias e, ao mesmo tempo, ficavam prisioneiros de seus clubes como servidores de uma gleba feudal.

3.4. UMA BREVE HISTÓRIA DAS COPAS

Em 1930 ocorreu a primeira Copa do Mundo de Futebol, doze países participaram do evento, disputado no Uruguai e vencido pelos donos da casa, em disputa com a Argentina, por 4 a 2. A copa foi organizada pela FIFA e por seu presidente, o francês Jules Rimet, que batizou com seu nome a primeira taça de campeão do mundo. O argentino Stábile sagrou-se artilheiro da competição com oito gols marcados. Em 1934 a copa foi disputada na Itália, no auge do regime fascista de Mussolini. Participaram do certame dezesseis países e também vencido pelos donos da casa. Os italianos ganharam da Tchecoslováquia por 2 a 1 na prorrogação. O tchecoslovaco Nejedly foi o artilheiro da competição com cinco gols marcados. O futebol foi utilizado como veículo de comunicação para legitimar o regime fascista: após as partidas os jogadores italianos saudavam Mussolini com a palma da mão estendida. No Brasil, o principal veículo de comunicação que divulgava informações sobre os jogos eram os jornais e por isso o resultado das partidas acabava divulgado somente dia seguinte a sua realização.

Em 1938 a copa foi disputada na França e participaram quatorze países. Essa disputa também foi conquistada pelos italianos que bateram a Hungria por 4 a 2. O Brasil teve como destaque o atacante Leônidas da Silva, apelidado de Diamante Negro, artilheiro da competição com incríveis oito gols. A partir dessa copa já era possível acompanhar aos jogos ao vivo por meio das transmissões de rádio e ver as imagens das partidas alguns dias depois nos cinemas. As copas de 1934 e 1938 foram excelentes veículos da propaganda fascista, das ideias de superioridade racial que estavam em pauta no período. Assim, Galeano ressalta a maneira como os veículos de comunicação da Itália na época retratavam

as vitórias italianas, “a apoteose do esporte fascista nesta vitória da raça” (1995, p.79), e contra os brasileiros na semifinal, “Saudamos o triunfo da inteligência itálica contra a força bruta dos negros” (GALEANO, 1995, p.79). Durante a década de 1940 não houve disputas de Copas do Mundo devido aos conflitos da Segunda Guerra Mundial.

Em 1950 o Brasil sediou a copa e na final perdeu o título para a seleção uruguaia por 2 a 1 de virada, episódio que ficou conhecido como *maracanazo*. O herói daquela disputa foi o atacante uruguaio Ghiggia que marcou o gol da vitória, já o goleiro brasileiro Barbosa foi o considerado o culpado e grande vilão por ter cometido um suposto erro no lance do gol. Galeano (1995), em uma de suas crônicas, traz uma fala de Barbosa de 1993 que relata sobre o fato: “No Brasil, a maior pena por um crime é de trinta anos de cadeia. Há 43 anos pago por um crime que não cometi” (Galeano, 1995, p.101). Já Ghiggia silenciou cerca de duzentas mil pessoas que estavam no maior estádio do mundo na época, o recém construído estádio do Maracanã no Rio de Janeiro. O jogador uruguaio gostava de se gabar em relação a esse fato dizendo que somente três pessoas haviam conseguido calar o Maracanã: o Papa, Frank Sinatra e ele mesmo. Nessa época chegaram ao Brasil os primeiros televisores, porém ainda levariam quase duas décadas para o início das transmissões ao vivo. Ainda na copa de 1950, o brasileiro Ademir foi o artilheiro da competição com nove tentos marcados.

Em 1954 a copa foi disputada na Alemanha e participaram dezesseis países do torneio. Foi vencida pelos donos da casa que ganharam da poderosa seleção da Hungria de virada por 3 a 2. Foi a primeira copa que a Alemanha disputou após a guerra e o grito de gol no tento da vitória, faltando seis minutos para o fim da partida, representou o símbolo de um país que buscava a ressurreição nacional. Para os húngaros a derrota não poderia ter sido mais amarga, pois não perdiam uma partida a quatro anos, haviam derrotado os alemães nesse mesmo mundial em fase prévia por 8 a 3 e contavam com Puskas e Kocics dois dos maiores jogadores do mundo da época. O artilheiro daquela competição foi Kocics com impressionantes onze tentos marcados.

Em 1958 a copa foi disputada na Suécia e assim veio o primeiro título da seleção brasileira, que bateu os suecos na final por 5 a 2, com atuações magníficas de um garoto de dezessete anos chamado Pelé, que viria a ser o maior jogador de todos os tempos. O artilheiro da competição, porém foi o francês Fontaine que marcou inigualáveis treze gols, maior quantidade de gols marcados em uma mesma copa até os dias atuais.

Em 1962 a copa foi disputada no Chile, participaram dezesseis seleções nacionais e, novamente, foi vencida pelo Brasil que teve como

destaque um jogador, de pernas tortas que entortava seus adversários, chamado Garrincha. Os brasileiros derrotaram os tchecoslovacos por 3 a 1. Pelé ficou de fora da maior parte dos jogos por causa de uma contusão muscular sofrida durante o mundial. Yashin, arqueiro russo tido como melhor do mundo em sua posição também havia se machucado assim como o argentino Di Stéfano que ficou sem condições de jogo pouco tempo antes do início do certame. Nessa edição vários jogadores empataram na artilharia com quatro gols marcados, são eles: os brasileiros, Garrincha e Vavá; o chileno, Sanchez; o iugoslavo, Jerkovic; o húngaro, Albert; e o soviético, Ivanov. Pela primeira a televisão transmitiu a final da competição, entretanto para poucos países e em preto e branco.

Em 1966 a copa foi disputada na Inglaterra, dezesseis países disputaram a competição que foi vencida pelos anfitriões por 4 a 2 contra os alemães. Nesta copa muitas seleções jogavam de uma maneira extremamente defensiva e violenta, seleção da Inglaterra foi a representante máxima desse estilo de jogo. Pelé foi caçado nos jogos contra a Bulgária e Portugal. Dessa forma o Brasil se despediu do sonhado tricampeonato mundial sendo eliminado ainda na primeira fase do torneio. Os principais destaques no torneio foram Eusébio de Portugal, que foi o artilheiro da competição com nove gols levando Portugal ao terceiro lugar na competição, e o jovem alemão Beckenbauer que liderou os alemães até a final. Nesta edição as partidas foram transmitidas via satélite para várias partes do mundo, ainda que em preto e branco.

Em 1970 a copa foi disputada no México, dezesseis seleções nacionais participaram do torneio. Foi conquistada pelo Brasil que massacrou a Itália por 4 a 1 com grandes atuações de Pelé que disputou sua última copa do mundo. O Brasil se tornou o maior campeão do mundo com 3 conquistas (1958, 1962, 1970), deixando para trás os bicampeões Uruguai (1930 e 1950) e Itália (1934 e 1938). Esta copa marca a chegada da televisão a cores no Brasil, que aos poucos foi se popularizando no país. Pela primeira vez foi utilizado o cartão amarelo, usado como advertência aos jogadores que cometiam faltas violentas e até mesmo para atitudes antidesportivas. Foram introduzidas as substituições de atletas, dois atletas podiam ser trocados durante as partidas. Antes disso somente o goleiro poderia ser substituído em caso de lesão. No Brasil a ditadura militar governada pelo general Médici se utilizava da seleção nacional para reafirmar e legitimar o regime autoritário instalado no país. O artilheiro da competição foi o alemão Müller com dez gols, seguido pelo brasileiro Jairzinho com sete tentos, apelidado de “o furacão da copa”, marcou em todas as partidas da competição. Por decisão da

FIFA a taça Jules Rimet ficou em definitivo com o Brasil, já que estava sendo confeccionada uma nova taça que seria disputada a partir da copa seguinte. Nos anos 1980 a taça Jules Rimet foi roubada do prédio da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no Rio de Janeiro, onde ficava guardada. A taça de ouro maciço foi derretida e vendida.

Em 1974 a copa foi realizada na Alemanha, o campeonato marcou a estreia da nova taça que foi conquistada pelos anfitriões por 2 a 1 contra os holandeses. A Holanda encantou o mundo com seu estilo de jogo intitulado de “futebol total” ou “carrossel holandês”. Os jogadores holandeses não mantinham uma posição fixa e todos os jogadores, principalmente os de ataque, sabiam jogar em outras porções do campo. Liderados por Johan Cruyff chegaram à final invictos, com quatorze gols marcados e somente um gol sofrido. E novamente contra todos os prognósticos, assim como haviam feito contra a Hungria em 1954, os alemães levaram a taça. O artilheiro da competição foi o polonês Lato que marcou sete gols. Neste mesmo ano, segundo Galeano, o brasileiro João Havelange ao se eleger presidente da FIFA declarou: “Vim vender um produto chamado futebol” (GALEANO, 1995, p.166).

Em 1978 a copa se realizou na Argentina, no auge da ditadura militar no país comandada pelo general Videla. Estima-se que pelo menos cerca de 30 mil pessoas simplesmente tenham desaparecido durante o seu regime. A copa desse ano foi vencida pelos donos da casa por 3 a 1 contra a Holanda. Essa edição ficou marcada por um escândalo de arbitragem que favoreceram os donos da casa. A seleção peruana foi acusada de entregar o resultado para os argentinos, que precisavam vencer os peruanos por uma diferença de 4 ou mais gols. A partida terminou 6 a 0 para os argentinos levantando muitas suspeitas por parte da imprensa que especulou uma possível armação de resultados promovidos pelo governo argentino. A partir dessa copa todos os jogos decisivos passaram a ser disputados no mesmo horário para que nenhuma seleção soubesse qual resultado era necessário para classificação. Na argentina, assim como no Brasil, o futebol também serviu para legitimar o regime autoritário. Na cerimônia de entrega das medalhas, os jogadores holandeses recusaram-se a cumprimentar os generais argentinos. O artilheiro da competição foi o argentino Mário Kempes com seis gols marcados que também foi considerado o craque daquela copa.

Em 1982 a copa foi realizada na Espanha, participaram vinte e quatro países, oito países a mais que na edição anterior. Foi conquistada pelos italianos que cresceram durante a competição e derrotaram a Alemanha na final por 3 a 1, se igualando ao Brasil com 3 títulos conquistados (1930, 1934 e 1982). Essa edição teve como grande herói o

atacante italiano Paolo Rossi autor de três gols fatídicos que eliminaram a seleção brasileira, o italiano também foi o artilheiro da competição com 6 gols. Na época o Brasil apresentava um futebol ofensivo e alegre que encantou o mundo no período. Os brasileiros haviam montado uma das melhores seleções de sua história e contava com jogadores como Zico, Falcão e Sócrates que faziam parte de uma geração de jogadores geniais, porém que não venceram uma copa do mundo.

Em 1986 a copa foi realizada outra vez no México e conquistada pela Argentina liderada pelo gênio Diego Armando Maradona. Na final, os argentinos derrotaram a Alemanha por 3 a 2 e faturaram sua segunda copa. Mas a partida mais polêmica daquela copa foi a das quartas de final entre Argentina e Inglaterra. Maradona foi o protagonista de dois lances polêmicos na partida vencida pelos argentinos por 2 a 1. No primeiro gol, Maradona utilizou a mão para desviar a bola para dentro das redes fingindo que tinha cabeceado a bola, e ainda por cima intitulou o lance de “a mão de Deus” (*la mano de Dios*). Já o segundo gol foi uma obra prima, arrancou do meio de campo e driblou meio time inglês incluindo o goleiro para fazer um dos gols mais bonitos da história das copas. Havia uma atmosfera hostil entre os dois países fora das quatro linhas, pois Inglaterra e Argentina recentemente tinham travado uma guerra pelo território das Ilhas Malvinas que fora vencida pelos ingleses. Essa partida contra a Inglaterra é considerada a revanche ao orgulho argentino ferido pela perda do território. Nesta edição houve muitas reclamações por parte dos jogadores de várias seleções que eram contra o horário em que as partidas eram realizadas. Os jogos aconteciam a uma da tarde em pleno horário de verão mexicano, tudo isso para favorecer a transmissão das partidas na Europa, em detrimento da saúde dos atletas e da qualidade dos jogos. O artilheiro da competição foi o inglês Linecker com seis gols, houve três vezes com cinco gols: o argentino, Maradona; o brasileiro, Careca; e o espanhol, Butragueño.

Em 1990 a copa foi realizada na Itália, participaram vinte e quatro seleções. Nesta disputa a situação da copa anterior se inverteu, a Alemanha foi campeã em cima da Argentina de Maradona, os alemães venceram a partida por 1 a 0 com um gol de pênalti. A Alemanha se igualou ao Brasil e Itália no seleto grupo de tricampeões mundiais (1954, 1974 e 1990). Atuando como técnico, o alemão Beckenbauer foi o segundo a ser campeão como jogador, em 1974, e, em nesta edição, como treinador. Ele alcançou o brasileiro Zagallo que foi campeão como jogador, em 1958, e depois, em 1970, como técnico. Essa copa teve a pior média de gols da história das copas realizadas até aquele momento. As seleções primavam pela falta de criatividade, táticas defensivas que

faziam com que os jogos fossem muito entediantes. O italiano Schillaci foi o artilheiro da competição com seis gols anotados.

No ano de 1994 realizou-se a copa do mundo nos Estados Unidos, essa edição ficou marcada pela realização de jogos ao meio-dia no quente verão americano. O interesse dos patrocinadores e das redes de televisão que transmitiam o espetáculo novamente falou mais alto. Essa copa do mundo teve a menor média de gols da história das copas. E também ficou marcada pela final entre Brasil e Itália, que teve que ser decidida nas penalidades depois de 120 minutos de uma partida enfadonha. Romário se consagrou como o herói e craque da copa com cinco gols decisivos, e o atacante italiano Roberto Baggio foi o grande vilão desperdiçando a cobrança de pênalti decisiva que deu o título aos adversários brasileiros. Desta forma o Brasil se tornou a seleção com mais títulos na história das Copas até o momento com quatro copas conquistadas (1958, 1962, 1970 e 1994). Nesta copa também viu-se a despedida de Maradona das copas, que foi pego no exame antidoping pelo uso de efedrina, substância considerada estimulante. Os artilheiros da copa foram o russo, Oleg Salenko, e o búlgaro, Hristo Stoichkov, com seis gols marcados cada.

Em 1998 a Copa do Mundo realizou-se na França, trinta e duas seleções participaram do evento. Foi a consagração de Zinedine Zidane como carrasco dos brasileiros na final, o francês marcou dois gols e a França venceu por 3 a 0 ganhando o título pela primeira vez. Essa copa ficou marcada pelas convulsões de Ronaldo, melhor jogador do mundo na época. O jogador brasileiro passou mal na noite anterior a partida final e mesmo assim o treinador Zagallo o escalou. O atacante não teve um bom desempenho e a imprensa especulou que a patrocinadora de materiais esportivos da seleção e do atleta, Nike, havia exigido a presença do atleta em campo. Ronaldo foi o grande vilão, já que não ganhou a copa, e Zidane, o grande herói liderando os franceses na sua primeira conquista. O artilheiro dessa copa foi o croata, Suker, com seis gols marcados.

Em 2002 trinta e duas seleções disputaram a competição, foi a primeira copa realizada fora do eixo América-Europa. Coube ao Japão e a Coreia do Sul realizar a primeira copa do oriente. Essa competição foi a redenção de Ronaldo, que foi campeão com o Brasil contra a Alemanha. O brasileiro foi o artilheiro do certame com oito gols, além de marcar os dois gols na final em que o Brasil venceu os alemães por 2 a 0. O craque brasileiro superou as expectativas após mais de um ano sem jogar devido a uma delicada cirurgia no joelho. A França atual campeã decepcionou sendo eliminada ainda na primeira fase do torneio.

Em 2006 a copa voltou para a Europa que teve a Alemanha como a anfitriã. Trinta e duas seleções participaram dessa disputa que teve como

campeões os italianos que bateram os franceses em decisão por penalidades, a segunda da história da competição. Zidane se destacou com um gol e uma expulsão após cabeçada no zagueiro italiano Materazzi, que segundo Zidane havia o provocado, proferindo palavras não muito amigáveis a respeito de sua mãe e irmã. Essa foi a última partida da sua brilhante carreira do jogador. O artilheiro da copa foi o alemão, Miroslav Klose, com cinco gols marcados.

Em 2010 realizou-se a primeira copa no continente africano, realizada na África do Sul que contou com a participação de trinta e duas seleções. Essa copa teve a Espanha como campeã em final inédita contra os holandeses. Os espanhóis venceram sua primeira copa do mundo. Na final o jogador espanhol, Andres Iniesta, fez o gol da vitória de uma seleção que primou pela eficiência e posse de bola, mas não apresentou um futebol vistoso, vencendo a maioria dos jogos por 1 a 0. Os holandeses ficaram pela terceira vez com o vice campeonato (1974, 1978 e 2010). O jogo mais emocionante desta copa foi o das quartas de final entre Uruguai e Gana. No tempo normal as seleções empataram em 1 a 1 e na prorrogação ocorreu um lance polêmico: o atacante uruguaio Suarez defendeu uma bola que iria para o gol depois de uma cabeçada. Nesta copa houve quatro jogadores empatados com cinco gols na artilharia da competição, são eles: o uruguaio, Forlán; o espanhol, Villa; o alemão, Müller; e o holandês, Sneijder.

Em 2014 após sessenta e quatro anos a copa do mundo voltou ao Brasil, agora maior campeão da história da competição. Nesta edição participaram trinta e duas seleções. Em uma final muito disputada entre Alemanha e Argentina, os alemães bateram os argentinos na prorrogação por 1 a 0, com um gol marcado pelo alemão, Mário Gotze. O jogo mais marcante dessa competição foi a semifinal entre Brasil e Alemanha que terminou num resultado atípico: 7 a 1 para os alemães, esse foi o maior vexame da história das copas do mundo. O artilheiro da competição foi o colombiano James Rodrigues com seis gols marcados.

3.5. A TRANSFORMAÇÃO DO JOGO EM ESPETÁCULO GLOBAL

O futebol é um dos esportes mais democráticos dentre as modalidades esportivas. Não existe um biótipo específico para participar, altos e baixos, gordos e magros podem jogar. Para praticá-lo não são necessários grandes equipamentos, as traves podem ser improvisadas com paus e pedras no chão, o campo pode ser na rua, num gramado, numa

quadra, na praia ou mesmo em casas de família. O instrumento mais importante para praticá-lo é a bola que pode ser qualquer objeto esférico, basta que haja a vontade de correr atrás dela e de chutá-la para o gol. Em alguns países da África, na falta de recursos para adquirir uma bola oficial, as crianças juntam vários preservativos, colocam um por cima do outro, os enchem de ar, amarram com fibras de uma planta chamada ráfia e criam uma bola macia e resistente.

O esporte se difundiu pela facilidade na sua prática, mesmo que improvisada, e pelo contexto histórico da época. Os ingleses difundiram o esporte e a cultura que o permeia para várias partes do mundo. Em cada lugar a que chegou, o futebol desenvolveu-se segundo suas especificidades locais, e assim diferentes estilos de jogo foram surgindo a partir do original dando identidade e unidade a cada país valorizando o sentimento de pertencimento à nação. O historiador britânico Eric Hobsbawm em entrevista ao jornal a folha de São Paulo no ano de 2007 resumiu a sua conclusão sobre a relação futebol/globalização em uma interessante reflexão a respeito do futebol dada globalizado:

O futebol sintetiza muito bem a dialética entre identidade nacional, globalização e xenofobia dos dias de hoje. Os clubes viraram entidades transnacionais, empreendimentos globais. Mas, paradoxalmente, o que faz o futebol popular continua sendo, antes de tudo, a fidelidade local de um grupo de torcedores para com uma equipe. E, ainda, o que faz dos campeonatos mundiais algo interessante é o fato de que podemos ver países em competição. Por isso acho que o futebol carrega o conflito essencial da globalização. Os clubes querem ter os jogadores em tempo integral, mas também precisam que eles joguem por suas seleções para legitimá-los como heróis nacionais. Enquanto isso, clubes de países da África ou da América Latina vão virando centros de recrutamento e perdendo o encanto local de seus encontros, como acontece com os times do Brasil e da Argentina. É um paradoxo interessante para pensar sobre a globalização. (HOBSBAWM, 2007)

No campo da Geografia Humana alguns autores brasileiros se dedicaram aos estudos relacionados ao futebol, com destaque para o Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas de Jesus, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que criou uma disciplina eletiva no curso de Geografia

intitulada “Geografia dos Esportes”. Outro autor que contribuiu para o debate acerca da relação entre futebol e a Geografia foi o jornalista e geógrafo Paulo Miranda Fávero. Em sua dissertação de mestrado, intitulada “Os donos do campo e os donos da bola: trouxe alguns aspectos da globalização e do futebol” (FÁVERO, 2009) trouxe contribuições significativas em relação à transformação do esporte em espetáculo mostrando como ocorre a concentração do dinheiro em alguns clubes e como em meio a esse processo o jogador é transformado em mercadoria. Através do seu trabalho ampliei o referencial teórico em relação ao tema e pude compreender melhor esse processo.

A partir da ascensão do brasileiro João Havelange em 1974 a presidência da FIFA, iniciou-se o projeto institucional de expansão do futebol pelo mundo. Para atingir seus objetivos Havelange viajou por todos os continentes e em muitos países afim de angariar novos membros para a entidade máxima do futebol. Oferecia o apoio da FIFA para os novos membros e, em troca, Havelange também conseguia mais votos desses novos afiliados para se manter no poder. Ficou de 1974 até 1998 como presidente até ser sucedido pelo francês Joseph Blatter neste ano. Galeano (1995) traz algumas considerações a respeito de Havelange em uma de suas crônicas do livro “Futebol ao sol e à sombra”, intitulada “Havelange”.

– Vim vender um produto chamado futebol
Desde então, Havelange exerce o poder absoluto sobre o futebol mundial. Com o corpo grudado no trono, rodeado por uma corte de vorazes tecnocratas, Havelange reina em seu palácio em Zurique. Governa mais países que as Nações Unidas, viaja mais que o Papa e tem mais condecorações que qualquer herói de guerra. [...] Este idoso monarca mudou a geografia do futebol e transformou num dos mais esplêndidos negócios multinacionais. Em seu mandato, dobrou a quantidade de países nos campeonatos mundiais: eram dezesseis, serão 32 em 1998. E pelo que se pode adivinhar através da neblina dos balanços, os lucros que esses torneios rendem multiplicam-se tão prodigiosamente que aquele famoso milagre bíblico, o dos pães e dos peixes, parece piada (GALEANO, 1995, p.166-167).

Assim a partir da década de 1980, na medida em que os meios de comunicação foram se desenvolvendo, o futebol foi alcançando lugares cada vez mais distantes onde a prática do esporte ainda não era unanimidade. Com a maior exposição aumentaram os valores envolvidos no esporte, principalmente provenientes da publicidade e dos direitos de transmissão dos jogos das Copas do Mundo. Em outra crônica de Galeano (1995), intitulada de “Telecracia”, o autor expôs de que maneira este fato ocorreu:

Hoje em dia, o estádio de futebol é um gigantesco estúdio de televisão. Joga-se para a televisão, que oferece a partida em casa. E a televisão manda. No Mundial de 86, Valdano, Maradona e outros jogadores protestaram porque as principais partidas eram disputadas ao meio-dia, debaixo de um sol que fritava tudo o que tocava. O meio dia do México, anoitecer na Europa, era o horário que convinha à televisão europeia. O arqueiro alemão Harald Schumacher, contou o que acontecia:

– Suo. Tenho a garganta seca. A grama está como a merda seca: dura, estranha e hostil. O sol cai a pique sobre o estádio e explode sobre nossas cabeças. Não projetamos sombras. Dizem que isto é bom para a televisão.

A venda do espetáculo importava mais do que a qualidade do jogo? Os jogadores existem para chutar, não para sapatear; e Havelange pôs um ponto final no aborrecido assunto:

– Que calem a boca e joguem – sentenciou.

[...]

Quem dirigiu o mundial de 86? A Federação Mexicana de Futebol? Não, por favor, chega de intermediários: quem dirigiu foi Guillermo Cañedo, vice-presidente da Televisa e presidente da rede internacional da empresa. Foi o mundial da Televisa, o monopólio privado que é dono do tempo livre dos mexicanos e também dono do futebol do México. E nada era mais importante que o dinheiro que a Televisa podia receber, junto com a FIFA pelas transmissões aos mercados europeus.

[...]

Em todo o mundo, por meios diretos ou indiretos, a televisão decide onde, quando e como se joga. O futebol se vendeu à telinha de corpo, alma e roupa.

Os jogadores são, agora, astros da televisão... Agora milhões de pessoas podem ver as partidas, e não apenas as milhares que cabem nos estádios. Os torcedores multiplicaram e se transformaram em possíveis consumidores de qualquer coisa que os manipuladores de imagens queiram vender... (GALEANO, 1995, p.195-197).

Desta maneira o futebol se tornou um espetáculo numa indústria bilionária que tem nos jogadores e partidas seus principais produtos ou artigos a serem consumidos pelos torcedores que, por sua vez, se transformaram em consumidores.

4. ESQUEMA TÁTICO – A FORMA DE SE ORGANIZAR EM CAMPO

Este capítulo intitula-se “Esquema tático”, pois que é a partir dele que as equipes de futebol planejam sua forma de organização no campo, suas estratégias de ataque e defesa, assim como esta pesquisa.

4.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO

O sistema educacional formal, muitas vezes, tem se apoiado em formas de comunicação tradicionais em que o professor é tido como o detentor de todo o conhecimento e o aluno como alguém que nada sabe. Neste sentido o papel do professor passa a ser um mero transmissor de informações (conteúdos), que deposita o “conhecimento” nos alunos para que dessa maneira “aprendam”. As considerações que se seguem têm como objetivo fazer algumas reflexões e apontamentos sobre a comunicação na educação, indicando a possibilidade de abertura para outras práticas de educação libertárias, como as oficinas que têm como principal fundamento a dialogicidade.

A obra de Paulo Freire (1977) intitulada “Extensão ou comunicação” dá pistas sobre outras maneiras para se pensar a comunicação na educação. Freire em sua experiência no Chile na década de 60 se deparou com um grupo de agrônomos que procuravam “repassar” conceitos e técnicas agrícolas para um grupo de agricultores. O objetivo dos agrônomos e técnicos era de modernizar e aperfeiçoar as práticas agrícolas dos agricultores, bem como fazer com que abandonassem crenças a respeito da lida no campo, pois iam de encontro ao conhecimento proposto pela ciência moderna. Freire percebeu que os agricultores não estavam conseguindo compreender o que os técnicos e agrônomos lhes “ensinavam”, já que estes não levavam em consideração o contexto local, a cultura e os conhecimentos passados de geração em geração pelos agricultores.

Desta maneira o conhecimento técnico não lhes fazia o menor sentido, era imposto numa relação vertical que tinha os profissionais acadêmicos como detentores do conhecimento, legitimados pela ciência. Já os agricultores eram tidos como pessoas sem conhecimento científico capaz de transformar sua realidade. Freire (1977) faz uma análise semântica do termo extensão que significa estender algo a alguém numa perspectiva de dominação, transmissão, passividade, superioridade,

inferioridade e invasão cultural que o termo apresenta. A palavra “extensão” não se encaixa num fazer educativo libertador do agrônomo como intencionista. Assim, tendo em vista uma perspectiva humanista, o papel dos homens é de serem sujeitos da transformação do mundo. A proposta de extensão tem uma conotação em que está implícita no ato da extensão: levar, transferir e depositar. Ou seja, há aquele que sabe e o que não sabe.

Para o autor, é necessário atenção para que não se confunda extensão com educação. A educação necessita de humanismo verdadeiro, uma vez que a extensão mostra-se como uma espécie de domesticação e não como caminho de libertação para o agricultor, onde as técnicas são valorizadas e os homens são menosprezados. Freire (1977) aponta a necessidade de diálogo para que, a partir daí, seja possível fazer algo diferente, para que o agrônomo também se veja como agente de mudança em conjunto com os agricultores.

O autor demonstra como o conhecimento nasce entre os homens em suas relações sociais, na qual existem vários sujeitos que pensam, dialogam e comunicam, e que por meio dessas ações constroem o mundo e constroem a si mesmos. Destaca a intersubjetividade e a intercomunicação, via mediação entre os homens que pensam e falam. Utiliza a teoria de Nicol sobre as relações constitutivas do conhecimento (a gnosiológica, a lógica, a histórica), destacando a relação dialógica. O educador brasileiro ressalta ainda que:

Não há, realmente, não pensamento isolado na medida em eu não há homem isolado. Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos. O mundo é, desta forma, um mundo de comunicação (FREIRE, 1977, p.86).

Desta maneira, o mundo humano é um mundo da comunicação, e comunicação se dá através de sujeitos coparticipantes que apresentam reciprocidade entre si. Sendo o oposto da extensão onde existe um sujeito que sabe e outro que não sabe (Emissor, ativo, e receptor, passivo), na comunicação não há sujeitos passivos. Desta forma a educação é comunicação. E como a comunicação pressupõem o diálogo, é preciso que entre os sujeitos exista um quadro significativo comum (signos,

expressões e inteligibilidade) para que aconteça um encontro de sujeitos interlocutores que busquem a significação dos significados.

Por fim destaca a necessidade de ver-se o homem em sua interação com o mundo real e a importância do conhecimento histórico-social-cultural no fazer dos homens, já que a história é feita pelos homens e ao mesmo tempo nela eles vão se fazendo. Para Freire (1977) não há neutralidade na educação, mas sim há urgência de se pensar a educação humanista, isto é, para a prática da liberdade, na qual o sujeito possui de fato uma situação de verdadeira aquisição de conhecimento, na qual seja criadores de conhecimento.

4.2. PESQUISA DE ESTRATÉGIAS EM EDUCAÇÃO: OFICINA COMO FERRAMENTA PARA UMA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

O termo oficina tem sido muito utilizado por educadores para designar uma aula “diferente” das aulas ditas “tradicionais”, nas quais os professores atuam no esquema emissor (ativo) e receptor (passivo) de informações (conteúdos). O termo tem origem no latim “*officina*” e significa lugar de trabalho. Usualmente a palavra é associada a um determinado lugar onde se realizam trabalhos manuais tais como, por exemplo, oficina mecânica e oficina de arte, locais em que se conserta, fabrica ou constrói algo.

Na educação o termo oficina diz respeito a uma situação pedagógica em que se constrói o conhecimento coletivamente a partir de situações vivenciadas por cada um dos participantes. Como referencial para fundamentar o conceito de oficina recorro ao livro “Pedagogia Libertária: experiências hoje” de Corrêa (2000), em que o autor traz alguns apontamentos sobre essa prática de educação libertária. Tendo como ponto de partida o pensamento de Paulo Freire, o livro traz algumas definições sobre o que é uma oficina e modo com ela opera enquanto instrumento de aprendizagem numa perspectiva libertária. Para a elaboração de uma oficina, a escolha do tema de estudo é fator determinante, pois tem de ligar-se, de algum modo, aos interesses do oficineiro. Nesse sentido vale ressaltar a fala do autor quando diz que “um dos pontos mais importantes da oficina, como estratégia em educação é a ligação do oficineiro com o tema que escolhe. Uma oficina corresponde sempre a um interesse do oficineiro [...] a oficina inicia-se quando se quer conhecer algo.” (CORRÊA, 2006, p.28)

A oficina se caracteriza por ser uma modalidade de trabalho que se baseia nas relações de diálogo, na investigação das relações interpessoais, na investigação das construções de verdades e das práticas sociais e educativas. Tem como objetivo fazer com que todos os membros do grupo participem do processo a partir da vontade de estar ali, uma vez que a oficina não é um trabalho educacional compulsório. Tendo em vista esse cenário podemos nos indagar sobre qual a relevância, em se tratando de experiências em educação, de se propor uma oficina. Qual é o papel do oficineiro?

(...) corresponde sempre a um interesse do oficineiro. Interesse que independe de obrigações que possa ter com o cumprimento de currículos ou por força de sua formação. Não há necessidade de ater-se a sua especialidade ou área de conhecimento. A oficina inicia quando se quer conhecer algo. A pesquisa sobre o tema, todavia, só vai resultar em uma oficina quando se queira mostrar aos outros – qualquer um – o resultado do seu estudo (CORREA; PREVE, 2011, p. 197).

Esta perspectiva de trabalho foge à noção de escolarização tendo em vista que a oficina pode ser realizada em ambientes escolares ou não e se adapta conforme seus participantes (qualquer um que possa se interessar pelo tema da oficina), tempo disponível para a sua realização e, principalmente, vontade de estar ali presente e participar da mesma. Esse método traz uma ampla liberdade por parte do oficineiro devido à característica de ser um encontro mais dinâmico e aberto, no qual cada um participa ativamente da construção do conhecimento, partindo de sua própria realidade. Tal trabalho educacional caracteriza-se por fugir aos padrões tradicionais impostos pelo currículo/grade escolar, buscando desvincular-se ao tempo escolar, às provas etc. em sua realização. Sendo assim, Corrêa (2000, p.119) destaca que:

[...] o fazer juntos da oficina trazia à tona vivências de cada participante e era a circulação destes saberes, que enlaçava a todos. Deste modo, o que nos tornava iguais eram as experiências singulares que podiam ser trocadas, que podiam gerar decisões, a proposição de novas experiências e, assim, a possibilidades de produções que fossem únicas para cada grupo.

Corrêa (2000) mostra ainda algumas etapas a serem realizadas como estratégias para a realização desta perspectiva de trabalho. Primeiramente é necessário que o oficineiro, aquele que propõem a oficina, decidir o tema de estudo. Em seguida é necessário reunir material sobre o tema, buscando subsídios em materiais como revistas, filmes, livros, mas também nas conversas cotidianas e outras fontes. Depois é preciso estar claro qual é o entendimento do tema que será abordado, que se dará através do estudo. E, finalmente, desenvolver estratégias para poder dizer sobre o tema, podendo referir-se a qualquer meio disponível ou possível de ser criado (CORRÊA, 2000).

Desta maneira a pesquisa para a produção de uma oficina dividia-se em duas partes: *a pesquisa temática* e *a pesquisa de estratégias em educação*. Na primeira cabe ao oficineiro debruçar-se sobre o tema da oficina aprofundando seus conhecimentos sobre o mesmo, buscando estar o mais bem preparado possível, de modo a ter elementos suficientes para fomentar as discussões que serão trazidas pelos participantes da oficina, levando em consideração as falas dos participantes da oficina sobre o tema proposto. Na segunda cabe ao educador pensar e investigar estratégias em educação que visem instigar e provocar os participantes da oficina a refletirem sobre o tema proposto, porém sem trazer definições prontas, ou fechadas, acerca do tema, haja vista que as palavras (definições) podem atuar como freios do pensamento, inibindo a criatividade e espontaneidade dos participantes.

No modelo de escola atual, marcado pelo excesso de conteúdo das grades curriculares, é possível constatar que o ensino de geografia nas escolas está destoado da realidade dos alunos, fazendo com que o período em sala de aula não passe de um momento de escolarização e não de educação. A escola passa por essa crise institucional que, segundo Corrêa (1992, p.79), dado o “modo como está estruturada física, política, histórica e socialmente; ela pode, quando muito ensinar as pessoas os conteúdos eleitos (não sei por quem) num processo que se pode chamar de escolarização.”

Neste sentido cabe ao educador encontrar meios (metodologias e pesquisa de possibilidades em sala de aula) para superar determinados fatores limitantes, tornando assim a aula um momento de encontro entre oficineiro e os participantes, no qual ambos possam trocar saberes e construir conhecimento juntos, cada qual a partir de sua realidade e experiências. Assim surge a perspectiva de pesquisa de possibilidades na Educação, que tem como objetivo assistir aos acontecimentos cotidianos a fim de descobrir potenciais temas de estudo. Cabe ao educador

aproximar-se ou debruçar-se sobre a realidade do grupo com que se está trabalhando. O pesquisador de possibilidades, segundo Corrêa num trabalho que desenvolveu no ensino de Química, “é uma pessoa atenta em ligar a química do cotidiano, da limpeza, alimentação, saúde, da arte etc. com a Química enquanto saber científico sistematizado.” (Corrêa, 1992, p 78.) Da mesma forma funciona com o ensino de outras disciplinas, é necessário estar atento e debruçar-se sobre a realidade do grupo em que se está trabalhando. Procurar saber seus gostos e preferências quanto a assuntos que permeiem seu cotidiano, para, assim, encontrar o melhor tema gerador ou disparador de discussões, relacionado a um determinado conhecimento. Transformando a escola num ambiente de educação, em “um ambiente de vida que permite a qualquer um ser ao mesmo tempo, professor, aluno e pesquisador, ou melhor, nenhum deles, mas Homem, não função.” (Corrêa, 1992, p 79.)

Deste modo pretendo demonstrar que através da prática das oficinas é possível buscar uma alternativa aos meios tradicionais de ensino-aprendizagem, tendo como alicerces a dialogicidade e a construção do conhecimento pautado na realidade dos educandos, para que desta maneira o tema de discussão da oficina faça-lhes sentido e aconteça uma verdadeira aquisição de conhecimentos.

4.3. PESQUISA TEMÁTICA DA OFICINA: DO FUTEBOL A GLOBALIZAÇÃO.

Essa parte caracteriza-se pela pesquisa em livros, trabalhos acadêmicos a respeito do conceito “globalização” e, principalmente, por ficar atento às notícias sobre o tema “futebol” que podem relacionar-se de alguma forma com os intuitos da oficina. Sobre o aprofundamento na globalização busquei, principalmente, em “Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal” de Milton Santos (2005), o referencial de globalização. Como alicerces para fundamentar as discussões propostas na oficina trago alguns autores. Em primeiro lugar uso o livro de fotografias, “Futebol sem fronteiras” (VILELA, 2009), que traz algumas “peladas” registradas ao redor do mundo por Caio Vilela para instigar aos participantes a verem que o futebol é o esporte mais praticado e difundido no mundo. Sobre as camisetas, utilizo o livro, “A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil”, de Paulo Gini e Rodolfo Rodrigues (2009), em que é possível ver a inserção dos patrocínios nas camisas bem como a entrada do capital internacional por meio das multinacionais que passam a patrocinar os clubes. Já o prólogo do livro de Franklin Foer (2005), “Como o futebol explica o mundo: um

olhar inesperado sobre a globalização”, serve como meio de demonstrar em que medida o desenvolvimento tecnológico, que ocorre nos meio de comunicação e transporte, transformam o futebol num esporte globalizado. O livro de Eduardo Galeano (1995), “Futebol ao sol e à sombra”, fez-se muito presente nesta pesquisa, posto que suas crônicas nos auxiliam a entender o futebol. O livro de Richard Giulianotti (2010), “Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões”, foi de muita valia por trazer inúmeras referências importantes no campo acadêmico que tratam de estudar o futebol a partir das Ciências Humanas. O livro de Marcos Gutermam (2010), “Como o futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país”, mostra que o futebol, se lido da maneira correta, faz parte da construção histórica gerado como parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil. Além desses autores procuro ficar atento às notícias de internet e jornais que possam ter um possível viés para se relacionar o esporte ao conceito “globalização”. Vale destacar que na realização da oficina surgem novas percepções, por parte dos participantes, que me motivam a buscar e investigar novos elementos por eles propostos para se trabalhar na próxima vez que a oficina se realizar.

4.4. PESQUISA COMO INTERVENÇÃO E O MÉTODO DA CARTOGRAFIA

Esta pesquisa tem como sustentação metodológica o princípio da pesquisa-intervenção proposta pelos organizadores e autores do livro, “Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades”, Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009). O livro é composto por diversas pistas, atendo-me aqui somente às que possuem mais relevância a minha pesquisa.

A pista 1, “A cartografia como método de pesquisa-intervenção”, de autoria de Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros (2009). Nela os autores partem do princípio de que o trabalho do pesquisador não se faz de modo predeterminado com objetivos e regras fixados de antemão. Ressaltam que também não se trata de uma ação sem direção, mas sim de encontrar caminhos e metas a partir do percurso, na realização deste. A principal diretriz do método da cartografia está “nas suas pistas que orientam o percurso da pesquisa considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto de pesquisa, o pesquisador e seus resultados.” (PASSOS; BARROS, 2009, p.17)

Os autores afirmam que toda pesquisa é intervenção e partem do pressuposto de que intervenção se dá no plano da experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática no mesmo plano de produção, o da experiência, e assim a “cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano de experiência visando acompanhar os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento) do próprio percurso da investigação”. (PASSOS; BARROS, 2009, p.18. Nesta perspectiva os autores finalizam definindo que pesquisa-intervenção é

[...] conhecer a realidade, é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa intervenção (PASSOS, KASTRUP E ESCÓSSIA, 2009, p.31).

Pista 3, “Cartografar é acompanhar processos” (BARROS; KASTRUP, 2009), na qual os autores considerarem imprescindível ao método da cartografia o acompanhamento dos processos (processualidades) e não a mera representação de objetos. Apontam que a processualidade se faz presente em cada momento da pesquisa e que o acompanhamento desses processos requer uma atenção e aprendizados permanentes, bem como a produção coletiva do conhecimento. Nas oficinas, por sua vez, há um coletivo fazendo-se com a pesquisa, bem como existe uma pesquisa se fazendo com esse coletivo. Desta maneira a produção de dados e os resultados da pesquisa são processuais e coletivos, resultados dos encontros. Assim o cartógrafo

[...] imerso no plano das intensidades, lançado ao aprendizados dos afetos, se abre ao movimento de um território. No contato, varia, discerne variáveis de um processo de produção. Assim, destaca no trabalho de campo, no estudo e na escrita, variáveis em conexão, vidas que emergem e criam uma prática coletiva (BARROS; KASTRUP, 2009, p.74)

Desta maneira procurei mergulhar na pesquisa e na oficina tendo como objetivo acompanhar as processualidades e analisar quais os

resultados desse processo sobre meu objeto de estudo, sobre mim mesmo como pesquisador e sobre a produção de conhecimento.

5. PRIMEIRO TEMPO: O INÍCIO DO JOGO – PRIMEIRAS OFICINAS

Neste capítulo, de modo sucinto, pretendo mostrar parte das oficinas que já foram realizadas e seu modo de operar na prática. Dentre as seis oficinas realizadas, trago aqui na íntegra duas oficinas. A primeira oficina, realizada em conjunto com o grupo PIBID/Pedagogia, coordenado pela Prof. Dra. Alba Batisti, foi parte da formação de professores da Escola Básica Municipal “João Alfredo Rohr”. A segunda oficina foi realizada na Escola de Educação Básica “Simão José Hess” com uma turma de 2º ano do ensino médio. Ambas as escolas localizam-se no município de Florianópolis, a primeira municipal e a segunda estadual.

As aulas de geografia da escola que tenho acompanhando ao longo da minha jornada como bolsista PIBID na escola me têm parecido pouco atrativas aos alunos, bem como desconectadas do seu cotidiano de vida. Neste sentido surge o que chamamos de pesquisa de possibilidades em sala de aula, que, segundo Corrêa (1992, p.74), “é uma proposta muito ampla, na busca de eliminar as fronteiras entre o aprender no mundo e a escolarização, e que implica na atitude do educador-educando de debruçar-se sobre a realidade do seu grupo de trabalho com interesse em transformá-la”. Assim, procurei estar atento aos alunos em relação aos seus interesses pessoais, que esportes praticavam e o que gostavam de fazer fora da escola. Como esportes prediletos, os rapazes disseram que gostavam de jogar futebol, andar de skate e surfe. Já as meninas disseram que seus lazeres eram sair para festas e ir à praia e seus esportes prediletos eram vôlei, handebol e futebol.

Dessa maneira pude perceber que grande parte dos alunos, assim como eu, partilhamos um interesse em comum: o futebol. Passei a notar que havia um viés muito interessante para relacionar com algum tema relacionado aos conceitos que permeiam a geografia escolar. Devido a esse meu interesse pelo esporte passei a acumular alguns livros relacionados ao tema futebol. Tive, então, a ideia de criar uma oficina relacionando futebol com a geografia, mais especificamente com o conceito de “globalização”. Pensei neste conceito especificamente pelas amplas possibilidades em relacioná-lo com o futebol, que são descritas passo a passo nos parágrafos a seguir. Em todas as ocasiões em que a oficina foi realizada fui acompanhado pelo professor da turma.

5.1. COM AS PROFESSORAS: JOGANDO CAMISAS PARA ALTO

Fui convidado pela professora Alba Batisti, do departamento de Pedagogia da UDESC e responsável pelo PIBID/Pedagogia, para realizar esta oficina num curso de formação para professores que ocorreu no mês de setembro de 2013 no E.B.M. “João Alfredo Rohr” localizada no bairro do Córrego Grande no município de Florianópolis. Foi-me solicitado para que adaptasse a oficina para uma fala de pouco mais de uma hora a respeito de como ela se configurava e de que forma ela poderia ser utilizada pelos professores em suas aulas. Vale ressaltar que a oficina se modifica e se adapta conforme a necessidade e disponibilidade dos participantes. Nesse caso em específico, foi-me cedido pouco mais de uma hora e meia para fazer minha fala a respeito da oficina.

Confesso que fiquei um pouco nervoso devido à quantidade de professores na sala, 30 pessoas das quais 28 eram mulheres. Meu nervosismo também se deu devido ao fato de a pessoa que estava mediando minha fala ficar apressando-me ao longo da oficina. Aos poucos fui soltando-me e ficando mais tranquilo. Inicialmente pensei que não iriam gostar da oficina por se tratar do futebol como tema gerador de discussões, porém ao longo de minha fala percebi que havia muito interesse no assunto. Preparei uma apresentação de slides com o roteiro da minha oficina, imprimir o texto (prólogo) do livro “Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização” (FOER, 2005) e distribuí entre os participantes.

Apresentei-me como acadêmico do curso de Geografia da UDESC, que fazia parte do projeto PIBID/Geografia orientado pela professora Ana Maria Hoepers Preve. Comecei falando a respeito da modalidade oficina como recurso pedagógico para se trabalhar dentro de sala de aula. Falei acerca da oficina como recurso metodológico inspirado na reflexão teórica de Paulo Freire, que se utiliza da contextualização, da dialogicidade, da significância e da politização para a construção de conceitos coletivamente. É claro que trabalhar com oficinas dentro de sala de aula foge um pouco da concepção original da modalidade oficina, que tem como princípios concepções mais libertárias de educação. Digo isso, porque as oficinas, em sua concepção original, costumam realizar-se fora do horário normal de aula, com participantes de diversas faixas etárias e que estariam reunidos por simples vontade de querer estar ali. Para que, assim, se possa considerar o saber-fazer de cada um e atingir à construção coletiva do conhecimento levando em consideração o saber, a experiência e o contexto social em que se estaria inserido. Falei um pouco da pesquisa de possibilidades em sala de aula, que tem como objetivo ligar algo do mundo, que permeia o cotidiano das pessoas, com os conteúdos propostos. No meu caso expliquei que o conteúdo proposto era

globalização e que o tema gerador ou disparador de discussões era o futebol. Uma participante perguntou-me por que eu havia escolhido esse tema em particular tendo em vista que a globalização abrange diversos temas. Disse a ela que no período do estágio minha professora me havia pedido para juntar algo que gostasse de fazer fora da universidade com algum conteúdo da geografia escolar proposto para o determinado ano que eu iria trabalhar. Escolhi o tema/conceito globalização.

Nesta oficina com os professores coloquei o nome da oficina na lousa e perguntei aos participantes se haveria alguma relação existente entre globalização e futebol? Uma participante disse que achava que sim e que se tendo em vista, por exemplo, o fato de maioria dos jogadores que integram a seleção brasileira jogarem fora do país, já se poderia começar a falar sobre globalização. Disse a ela que estava correta e que de certa maneira a exportação dos jogadores brasileiros era uma das maneiras possíveis de se exemplificar a globalização no futebol. Também disse que ao longo do encontro explorar-se-ia mais exemplos a fim de ressaltar a relação existente entre globalização e futebol.

Imprimi aproximadamente 20 cópias do prólogo do livro de Foer (2005), que utilizo para abrir a oficina. Por se tratar de um curso de formação para professores e por ter pouco tempo para explorar o texto, fiz um breve resumo do texto destacando as partes mais importantes. Falei das transformações tecnológicas que ocorreram, principalmente, a partir das décadas de 1980 e 1990, que propiciaram um aceleração no modo como se está conectado com o mundo. Exaltei que o autor fala sobre as transformações ocorridas através da globalização a partir da temática do futebol. Para ele, o futebol está muito adiantado em relação à globalização, até mais adiantado do que a maioria das economias do planeta e isto se reflete nas misturas ou alquimias culturais que surgem a partir da escalação de um time de futebol (Foer, 2005). Continuei minha fala abordando os patrocínios que começam a aparecer nas camisas dos times brasileiros a partir de meados da década de 1980. Antes os times eram patrocinados por empresas regionais e nacionais, que não tinham grande aporte financeiro se compararmos aos valores que hoje os times grandes do Brasil recebem de seus patrocinadores. Disse que através dos patrocínios que estão nas camisas de futebol poderíamos fazer uma análise em relação a seu grau de inserção ou não na globalização.

Para ilustrar essa situação falei que iríamos analisar as camisas que elas haviam trazido para essa oficina (o que havia solicitado anterior ao encontro). Surgiram camisas de vários times nacionais e internacionais. No caso dos nacionais como Figueirense e Avaí, viu-se que eles se seriam mais como times tradicionais, porque eram patrocinados por empresas

regionais e ou nacionais e também por não contarem com jogadores de outros países no seu elenco. Já outros times brasileiros como o Palmeiras (Adidas e Fiat) e São Paulo (Reebok e LG) estavam mais atrelados ao capital externo. Eu disse que isso ocorre porque esses times têm grandes torcidas e com um certo poder aquisitivo para adquirir os produtos que são estampados nas camisas desses times. Para se ter ideia, o número de torcedores⁷ somente de um desses times é superior a população do Uruguai inteira. Fui avisado pela pessoa que mediava minha fala que meu tempo estava acabando, agradei e disse que esperava que esse relato ajudasse a pensar em novas práticas para se pensar o conceito globalização em sala de aula. Como meu tempo acabando, despedi-me sem poder fazer a análise de todas as camisas. Quando estava saindo as professoras começaram a jogar camisas para mim e dizendo: “agora é a minha camisa!”. Disse que infelizmente não haveria tempo suficiente para ver todas nesse dia. Elas disseram que gostaram da oficina porque inspiraram-nas a pensar em novas relações no trabalho com o conceito globalização. Algumas disseram que iriam usar como exemplo a questão das marcas de roupas que são as mais usadas pelos jovens e que também patrocinam alguns dos times de futebol como Nike Adidas. Agradei a todos, despedi-me finalizando mais um dia de oficina.

Figura 7 – Apresentação em curso de formação de professores



Fonte: Sandra Kellerman.

5.2. ENQUANTO ROLA A OFICINA, A BOLA ROLA NA COPA

Essa oficina foi realizada em parceria com o professor de geografia Bruno Jackson Severino, da E.E.B. Simão José Hess, que me cedeu algumas aulas para que a oficina fosse realizada com uma turma do terceiro ano do ensino médio do período noturno. A turma contava com aproximadamente vinte e cinco alunos, distribuídos quase que de forma equivalente entre meninos e meninas. Para o registro da atividade, contei com a ajuda de uma colega da universidade, Maynine Macedo, bolsista do programa PIBID/Geografia.

Em nosso primeiro encontro, com duração de duas aulas, comecei por me apresentar dizendo que essa seria uma aula diferente, com uma dinâmica mais aberta e que, principalmente, eu iria precisar da participação de todos os alunos. Falei que este trabalho com a metodologia de oficina estava diretamente ligado ao meu trabalho de conclusão de curso e que quanto mais eles participassem, mais eles iriam contribuir para a minha pesquisa. Escrevi na lousa o tema da oficina, “globalização”, e falei que iríamos explorar com mais profundidade esse conceito. Assim, iniciei uma conversa com os alunos perguntando-lhes sobre o que eles sabiam a respeito desse conceito tão complexo e qual a primeira palavra que vinha a mente quando eles escutavam o termo “globalização”. Da fala dos alunos surgiram as seguintes palavras: capitalismo, industrialização, tecnologia, tecnologia da informação, mundo conectado e internet.

Na sequência perguntei-lhes o porquê eles haviam citado essas palavras. O aluno que falou a respeito de capitalismo justificou-se dizendo que existiam as grandes multinacionais que se utilizavam dos benefícios da globalização para vender seus produtos pelo mundo. O aluno que falou sobre a revolução industrial disse que por meio das inovações tecnológicas, ao longo dos últimos 100 anos, as distâncias diminuíram por meio de novas invenções como barco a vapor, carro, avião, telefone celular e internet, e que cada uma dessas invenções revolucionou a forma das pessoas se relacionarem entre elas e com o mundo. Outro aluno, que citou a internet e as tecnologias da informação, disse que hoje a internet nos conectaria com o mundo e que o ramo de tecnologia da informação seria um dos mais promissores no Brasil para o futuro, e que pagava salários de até 15 mil reais mensais. O aluno que citou mundo conectado disse que a globalização nos trouxe uma nova forma de nos conectarmos com o mundo e que sua mãe vivia dizendo que na época dela não se possuía à disposição a tecnologia de hoje. A partir da fala deles pude perceber mais ou menos qual a noção deles a respeito

desse conceito, e me surpreendi positivamente, porque de certa forma cada colocação que foi feita pelos alunos nos ajudou a ter uma dimensão da complexidade desse conceito e de quão presente ele estava no nosso cotidiano. Ressaltei que tudo o que foi dito por eles tem relação com globalização e que a partir disso iríamos construir esse conceito juntos, ao longo da aula/oficina.

Continuei a aula dizendo que iríamos aprofundar-nos nesse conceito por meio de outro tema, o futebol, e lhes perguntei: é possível relacionar globalização e futebol? Um aluno respondeu que sim, era possível, e disse que era possível ver a globalização ao analisar-se a escalção da seleção brasileira, porque todos os jogadores titulares e grande parte dos reservas jogavam na Europa. Falei que ele tinha razão e que de certa forma os jogadores seriam produtos exportados para o exterior. Outro aluno disse que sim devido ao fato dos jogos serem transmitidos para o mundo inteiro. Disse que ele estava correto e que isso se devia ao fato das tecnologias de informação e comunicação nos aproximarem ao futebol. Uma aluna também disse que sim que era possível fazer tal relação e falou a respeito das propagandas ou patrocínios que envolvem o futebol, e que estão presentes nas camisas. Eu enalteci a sua fala e disse que iríamos falar a respeito dos patrocínios com mais profundidade ao longo da oficina. Um aluno citou que o futebol é como uma grande economia e movimenta muito dinheiro desde a venda de chuteiras e camisas até pipocas dentro dos estádios.

Outro aluno citou que existem times da Europa que foram comprados por bilionários estrangeiros, como o Chelsea, da Inglaterra. Disse que ele estava certo e que iríamos usar o Chelsea como exemplo para realizar uma atividade na próxima aula. Um aluno disse os valores monetários envolvidos no futebol mundial representa mais do que o Produto Interno Bruto de muitos países pequenos. Disse a ele que hoje, de fato, o futebol movimenta muito dinheiro. Outro estudante disse que o futebol havia também se utilizado dos benefícios da globalização para se espalhar por todos os continentes e se tornar um dos esportes mais populares do planeta. Disse que ele tinha razão e lembrei o fato da Copa do mundo de Futebol, que seria realizada no Brasil em 2014, ser o evento mais assistido e visto no planeta e que seria acompanhado por aproximadamente 3,5 Bilhões de pessoas pela televisão. De repente uma aluna levantou a mão e diz que se fossemos falar de futebol iríamos ter de falar de Copa do Mundo no Brasil, que era um evento global. Outra aluna concordou e disse que se fossemos falar de roubo, então poderíamos falar de Copa do Mundo. Disse a ela que não deveríamos ser contra a Copa do Mundo, e sim contra o modo como era feita a copa do mundo e,

principalmente, contra as instituições que regulamentam o futebol hoje (CBF e FIFA). Inicialmente, quando em 2007 o Brasil ganhou a disputa para sediar o mundial de 2014, dizia-se que os gastos para a construção dos estádios iriam ser feitos com verba privada e em grande parte disso não aconteceu e foram utilizadas verbas públicas na maioria dos estádios. Contesta-se até o fato de serem construídos doze estádios quando oito já seriam suficientes para a realização do evento. Fez-se a crítica também à escolha das cidades que iriam receber os jogos e que teriam novos estádios construídos, caso de Manaus, Brasília e Cuiabá, por exemplo, estados que não têm times representatividade no cenário nacional. Isso faria com que, provavelmente, estes estádios fossem poucos usados no período posterior à realização da copa, tornando-se “elefantes brancos”. Dizia-se que o Brasil iria beneficiar-se com obras de infraestrutura e mobilidade urbana que também não foram concluídas. Quanto à FIFA, disse que pensava ser um absurdo tamanha falta de respeito com o povo brasileiro, pois montou todo um circo, fez-nos pagarmos pela estrutura desse circo, encheu os bolsos com dinheiro de patrocinadores e direitos de transmissão do evento e foi embora. Até mesmo dentro dos estádios seria liberada a bebida alcoólica, que já era proibida por lei até então. Além do fato dos preços dentro dos estádios serem extremamente abusivos (cerveja lata a R\$13 e amendoim a R\$8).

Um aluno citou o fato de que os grandes times (com maior poder aquisitivo) comprem os bons jogadores dos times menores, não dando chance para que esses times possam ganhar campeonatos. Fiquei feliz, pois notei que parte da turma gostava de futebol e assim poderiam fazer uma boa articulação entre os dois temas: futebol e globalização. Foi desse modo, dialogando e partindo do saber que de cada um, que buscaríamos construir juntos e compreender o fenômeno/conceito da globalização, a partir do tema gerador de discussões, o futebol.

Nesse momento propus para que os alunos fizessem a leitura do prólogo do livro, “Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização”, de Franklin Foer (2005), e pedi para que destacassem uma parte do texto que mais lhes chamasse a atenção. A leitura desse texto veio para somar e ampliar o que discutíamos anteriormente: de que forma globalização e futebol podem se relacionar, bem como, trazem reflexões interessantes a respeito das consequências da globalização no futebol, que se assemelham as consequências da globalização de um modo geral? Dei um tempo para que os alunos fizessem a leitura do texto, depois pedi para que cada compartilhasse com a turma a parte destacada e fizesse um comentário acerca do porquê achou aquela parte do texto interessante. Não coloquei aqui todas as falas dos

alunos, somente incluírei as que achei mais importantes e relevantes para a pesquisa. Um dos alunos destacou o seguinte trecho:

Mas lentamente a tecnologia foi preenchendo as brechas. Primeiro, graças a Deus, veio a internet, onde você podia ler as páginas esportivas inglesas e seguir atentamente os jogadores que tinha conhecido na Copa do Mundo. Depois Rupert Murdoch, abençoado seja, criou um canal a cabo chamado Fox Sports, quase totalmente voltado ao futebol europeu e latino americano (FOER, 2005, p.7).

O aluno disse que destacou esse trecho porque achou interessante a parte em que o autor citava a chegada da tecnologia como fator preponderante para aproximá-lo do esporte que tanto admirava.

Outro trecho interessante, destacado por um aluno, dizia respeito ao conceito de globalização que estava presente em um trecho do texto. A seguir trago o trecho destacado pelo aluno:

[...] louvou a inexorável integração de mercados, Estados-nações, e tecnologias em um grau jamais observado antes” – de forma que esta habilitando os indivíduos, corporações e Estados nacionais a se contactarem com o mundo de maneira mais ampla, rápida, profunda e barata do que em qualquer outra época (FOER, 2005, p.8).

Uma aluna pediu a palavra para compartilhar seu trecho destacado:

Ao criarem alquimias culturais a partir de suas escalações, os técnicos muitas vezes produziam novos e maravilhosos espetáculos: o estilo italiano, cínico e defensivo, vitalizado pela infusão de liberdade de estilo de holandeses e brasileiros; o estilo duro (ou falta de estilo) dos ingleses temperado por uma pitada de perspicácia sob a forma de atacantes franceses (FOER, 2005, p.8-9).

Outro aluno pediu a palavra e disse que queria ler seu destaque no texto:

Visto da minha poltrona o futebol parecia estar muito mais adiantado no processo de globalização

do qualquer outra economia do planeta (FOER, 2005, p.9).

Falei para o aluno que, realmente, o futebol estava mesmo adiantado em relação a esse processo tendo em vista que só fomos ter acesso a certas tecnologias de comunicação como celular e internet a partir do final da década de 1990, início dos anos 2000.

Outro destacou uma parte bem interessante que dizia o seguinte:

Evidentemente, o futebol não é a mesma coisa que Bach ou budismo. Mas frequentemente provoca um sentimento mais profundo que a religião e, tal como está, é parte do tecido comunitário, um repositório de tradições. Durante o regime franquista, o Atlético de Bilbao e a Real Sociedad eram os únicos espaços que o povo basco podia expressar seu orgulho cultural sem ir para a cadeia (FOER, 2005, p.9).

Destaquei essa fala do aluno e disse que posteriormente iríamos usar o exemplo do Atlético de Bilbao para realizar uma atividade, ainda ressaltando que nesse caso o futebol transcendia às quatro linhas e ganhava uma conotação política-cultural na sociedade espanhola do início do século XX.

Por fim, um aluno destacou outras duas partes interessantes do texto que diziam o seguinte:

Pela lógica tanto de seus críticos como de seus proponentes, a cultura global deveria ter varrido essas instituições locais. Com efeito, viajando pelo mundo, é difícil deixar de se assombrar com o poder de megamarcas como Manchester United e Real Madrid, patrocinados pela Nike e Adidas, que cultivam seu apoio através dos continentes afastando torcedores de seus antigos clubes. [...] observei as formas como a globalização havia fracassado em reduzir as culturas futebolísticas regionais, as disputas sangrentas e mesmo a corrupção no plano local (FOER, 2005, p.10).

Ressaltei a fala do aluno, porque de fato haveria uma tendência da globalização em homogeneizar gostos, tendências e até mesmo sufocar as culturas locais. Mas no futebol, segundo o autor, isso não parece se

aplicar. Nesse momento toca o sinal e acaba a aula, despeço-me e peço para que tragam o texto para a próxima aula.

5.3. MAPAS E FRONTEIRAS: TIMES GLOBALIZADOS X TIMES TRADICIONAIS

Para começarmos mais um dia de atividades, rerepresentei-me para os alunos, pois reparei que muitos deles não haviam comparecido ao nosso primeiro encontro. Pude ver que, pelo fato das aulas serem no período noturno existia certa rotatividade em relação à presença dos alunos. Perguntei aos alunos, quantos deles haviam faltado à aula passada, seis alunos levantaram a mão e disseram que estavam comparecendo pela primeira vez à oficina. Senti a necessidade de retomar e relembrar-lhes a respeito do conceito que havíamos falado na aula passada.

Disse que estávamos tentando construir o conceito de globalização em conjunto e que a partir daí iríamos pesquisar se era possível relacionar futebol e globalização. Distribui cópias do texto para os alunos que não vieram a última aula e fiz um resumo do texto, pois ele nos ajudara a ampliar a noção a respeito da relação existente entre futebol e globalização. Continuei a aula passando uma reportagem, em vídeo, do jornal a folha de São Paulo cujo tema era uma exposição do fotógrafo Caio Vilela. Na exposição o autor percorria 26 países pelo mundo para registrar as “peladas de rua”, com o objetivo exaltar a importância desse esporte e sua difusão pelo planeta. Passei o vídeo para os alunos e lhes perguntei o que eles acharam do vídeo, bem como o que mais lhes chamou atenção.

Um aluno disse que achou interessante o fato de existir a prática do futebol em lugares tão distantes como é o caso da Muralha da China e de Machu Pichu, no Peru. Outro aluno ressaltou o fato curioso ocorrido no Iêmen, relatado no vídeo pelo fotógrafo como país em que ele mais viu crianças e jovens jogando futebol nas ruas da cidade. O que ocorre porque no Iêmen 60% das pessoas tem menos de 15 anos de idade. Disse a eles que meu objetivo com esse vídeo era de mostrar o trabalho do fotógrafo Caio Vilela, que publicou o livro “Futebol sem fronteiras”, em que mostra as peladas de rua pelo mundo registradas através de fotografias, bem como o livro “Do Oiapoque ao Chuí” que mostra as peladas de rua por diversos estados do Brasil.

5.4. CHELSEA: O CASO DO TIME INGLÊS MENOS INGLÊS

A partir daí disse que iríamos fazer uma atividade usando o mapa que estava pendurado na lousa, pedi para que três alunos viessem para a frente da turma para ajudar-me. Disse aos alunos que escolhessem um dos três papéis dobrados e o abrissem. Eles fizeram-no e leram que havia escrito o nome de um time de futebol, no caso em questão, do Chelsea da Inglaterra. Perguntei a eles o que sabiam a respeito do Chelsea e logo um aluno disse que ele era um time da Inglaterra, no qual jogavam alguns atletas brasileiro. Disse então para que os alunos que estavam na frente da turma marcassem um ponto em cima da Inglaterra, país de origem do time Chelsea. Dei uma folha para os alunos, tratava-se de uma lista com os principais envolvidos no time do Chelsea (técnico, patrocinadores, dono do clube, presidente e jogadores), cada qual com a bandeira de sua nacionalidade ao lado do seu nome. Assim pedi para que os três alunos identificassem os países de origem dos nomes listados no mapa político. Quando todos foram identificados, pedi para que cada aluno fizesse uma seta ligando esses diversos países ao país de origem do clube.

Em seguida perguntei o que mudou em relação ao mapa inicial quando começamos as atividades? Uma aluna respondeu que havíamos riscado o mapa inteiro. Perguntei, então, o que eles puderam ver a partir dos traços que havíamos feito no mapa e se podemos dizer que o Chelsea é um time globalizado? Um aluno respondeu que sim, porque o Chelsea tem diversas nacionalidades no seu elenco. Disse que ele tinha razão e que o Chelsea foi o primeiro time inglês a entrar sem nenhum jogador inglês em campo em 2003 e que essa mistura de nacionalidades representava exatamente a globalização presente no futebol.

Os alunos que estavam na frente da turma notaram que de vinte e três jogadores o Chelsea, somente quatro eram ingleses, mais uma evidência da inserção desse time na globalização.

Figura 8 – Alunos riscando o mapa na atividade



Fonte: arquivo pessoal do autor

5.5. ATLÉTICO DE BILBAO E O CASO DO PAÍS BASCO

Partimos então para outro exemplo de time, o atlético de Bilbao. Perguntei aos alunos se conheciam esse time e ninguém o conhecia. Dei outra folha aos alunos que estavam na frente da turma e lhes pedi para que fizessem o mesmo procedimento que fizemos com o time do Chelsea. Os alunos notaram, então, que nesse time só havia duas setas para ligar: uma envolvendo o

patrocínio esportivo, da Nike, empresa americana, e outra seta envolvendo um jogador do elenco, que é francês. Como nenhum dos alunos sabia nenhuma informação relativa ao time resolvi fazer uma explanação acerca da história desse time, que procura fugir da lógica globalizada. Para começar fiz um desenho na lousa do que hoje seria a atual Espanha, disse em seguida que, antes desse país ser como era hoje, ele fora composto por diversos reinos na idade média e diferentes culturas que posteriormente vieram a se agrupar no que hoje conhecemos como a Espanha. Falei também que dessa mistura resultou um país extremamente diverso culturalmente. Situei as principais cidades da Espanha como Madrid, na qual se localizavam o povo de origem castelhana. Barcelona, local de origem do povo catalão, e, no noroeste do país, localizava-se o país basco (três províncias na Espanha e duas no sul da França). Nesse contexto, expliquei ainda que no início do século XX houve uma ditadura instaurada pelo general Franco, que centralizou o poder em Madrid (Castelhanos) e começou a perseguir as outras etnias culturais, principalmente catalães e bascos, que também faziam parte do país. Os povos perseguidos ficaram proibidos de falar seu idioma local, praticar seus costumes, entre muitas outras coisas. Fora nesse momento tão importante politicamente que o futebol ganhara certa conotação política, tendo em vista que os únicos locais em que os povos perseguidos podiam falar seu idioma e expressar seu orgulho cultural era nos estádios. Vale ressaltar que o Atlético de Bilbao, juntamente com o Real Madrid e Barcelona, são os únicos times que nunca caíram de divisão em toda história do campeonato espanhol.

Um aluno pediu-me a palavra e disse que de certa maneira, então, o atlético de Bilbao ia contra essa tendência globalizante. Confirmei e disse que esse era exatamente o ponto que eu queria destacar. Conclui dizendo que hoje é difícil um time ter essa concepção e apego em relação às tradições, e mesmo assim continuar montando times competitivos, tendo em vista o fato de os outros times terem mais capital para investir e mais

diversidade quanto à nacionalidade dos jogadores, podendo vir de várias partes do mundo. Disse que era interessante analisarmos as particularidades relativas à história de cada time.

Um aluno pediu a palavra e disse que no Brasil havia times ligados a classe trabalhadora como o Corinthians. Ratifiquei o que ele disse e complementei que de certa forma o futebol poderia ser um reflexo da sociedade, e que muitos times foram fundados por trabalhadores, como é o caso do Corinthians, de São Paulo. Explique também que quando o futebol chegou ao Brasil ele era um esporte elitizado e que só foi se popularizando com o passar das décadas. Um aluno levantou a mão e disse que existia um enorme preconceito racial em relação à população negra praticar o esporte e que o primeiro time a incluir um negro em seu elenco profissional no Brasil foi o time do Vasco, por volta da década de 1920. Nesse momento outra aluna levanta a mão e diz que existiam times que usavam pó branco para disfarçar a cor negra dos seus atletas. Disse à aluna que ela estava correta e que times como São Paulo e Fluminense adotavam essa prática para esconder a cor dos seus atletas.

5.6. DINHEIRO COMPRA TRADIÇÃO?

Por fim, utilizamos o exemplo do time Manchester City da Inglaterra. Novamente perguntei aos alunos o que eles sabiam sobre esse time. Um aluno disse que ele havia sido comprado por um bilionário sheik árabe, que investiu muito dinheiro no time. E que esse investimento se refletiu na conquista do campeonato inglês, algo que não acontecia há muito tempo.

Perguntei a ele então se de certa forma o dinheiro havia ganhado um papel muito importante no futebol. Ele disse que sim, a seu ver o time que mais investe em jogadores tem o resultado com títulos em campo.

Distribui folhas aos alunos que se estavam à frente da turma para continuarmos a atividade. Nesse caso distribui as folhas aos alunos com as informações relativas ao time do Manchester City e pedi aos alunos que ligassem as setas dos diversos países que envolvem a constituição do time até a Inglaterra país de origem do time. Os alunos foram identificando os países envolvidos e fizeram diversas setas ligando ao país de origem, no caso a Inglaterra. Um aluno disse que esse time se

assemelha muito mais ao Chelsea do que ao Atlético de Bilbao e então de certa forma trata-se de um time globalizado. Eu respondi ao aluno dizendo que ele tinha razão e que se reparássemos no número de jogadores ingleses que compõem esse time iríamos ver que temos um número baixo jogadores ingleses no elenco, por volta de cinco atletas.

A partir daí pedi para os alunos que notássemos a transformação do mapa segundo as setas que fizemos para representar os times globalizado (Chelsea e Manchester City) e tradicional (Atlético de Bilbao). Uma aluna disse que achava que as setas dos times globalizados envolviam uma série de países representavam a globalização. Eu disse a ela que sim e que de certa forma podíamos ver a transposição das fronteiras do mapa político por meio dos rabiscos que fizemos. Propus esse exercício para que justamente pudéssemos ver essa transformação no mapa que ocorre por conta da globalização. Fiz uma indagação aos alunos a respeito do caso do Manchester City, pois o time havia sido comprado há pouco tempo, foi alvo de inúmeros investimentos que se refletiram em títulos. Em cima disso os perguntei se eles achavam que dinheiro compra tradição? Um aluno disse sim e que cada vez mais os clubes se pareciam com as empresas, que sempre irão visar o lucro.

Disse que de certa forma ele tinha razão, mas que no Brasil, por exemplo, os times são clubes, em que se pagava uma mensalidade e podia-se desfrutar de uma estrutura destinada ao lazer. Já em outros países, como EUA, os times são franquias que podiam ser compradas e mudadas de cidade conforme o desejo de seu dono. Outro aluno disse que era difícil ver exemplo de times que levavam a sério esse tipo de tradição e orgulho em relação as suas origens e que seguem as tradições como o Atlético de Bilbao. Seguiu dizendo que cada vez mais o futebol se tornava um mercado, como qualquer outro, em que os jogadores são o principal produto a ser vendido. Disse ao aluno que ele tinha razão, pois de fato esse esporte se transformou muito desde sua criação até os dias de hoje, e que a partir do final da década de 1980 e início dos anos 1990 poder-se-ia ver essa transformação através dos patrocínios e parcerias envolvendo times brasileiros e empresas estrangeiras.

Para finalizar o encontro desse dia, pedi que para o próximo encontro os alunos trouxessem camisas de diversos times de futebol do Brasil e do mundo. A partir delas iríamos analisar sua inserção ou não no futebol global. Disse que falaríamos a respeito das parcerias e patrocínios no Brasil, e que faríamos uma análise dos patrocinadores de cada time por meio do livro de Paulo Gini e Rodolfo Rodrigues (2009), intitulado “A História das camisas dos 12 maiores times do Brasil”. Tocou o sinal e finalizamos mais um dia de oficina.

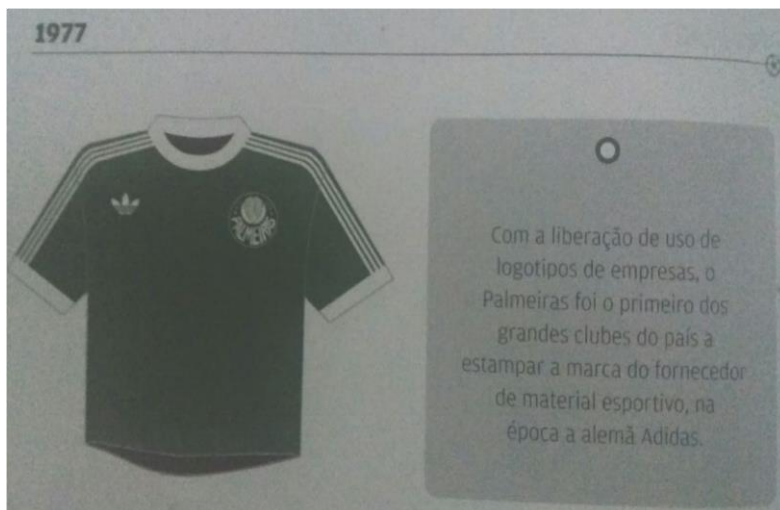
5.7. VAMOS ÀS CAMISAS!

Iniciei mais um dia de oficina perguntando aos alunos o que havíamos visto no encontro passado. Uma aluna lembrou que havíamos falado a respeito de times globalizados e times mais tradicionais e que fizemos uma atividade no mapa. Perguntei a ela se saberia dizer quais eram esses times, ao que ela respondeu que eram Chelsea, Manchester City, que representavam times globalizados, e Atlético de Bilbao, que representava os times tradicionais. Disse que na aula de hoje iríamos analisar as camisas que os alunos trouxeram e que a partir de seus patrocinadores poderíamos ter uma ideia da sua inserção ou não no contexto global.

Comecei falando acerca do início dos patrocínios nas camisas no futebol brasileiro, que começaram no final da década de 1970, no caso dos patrocínios esportivos, e no início dos anos 1980, os patrocinadores másters, que são aqueles que estampam o maior logo na camisa do time e consequentemente pagam uma quantia maior aos clubes. Para ilustrar o que ia falando trouxe comigo o livro, “A História das camisas dos 12 maiores times do Brasil” (GINI; RODRIGUES, 2009). Nele podia-se ver desde o primeiro patrocinador até o último patrocinador, até 2009, ano da edição do livro.

Nessa aula fomos percorrendo sobre cada time e analisando seus patrocinadores. Nessa análise podíamos ver algumas curiosidades e constatações interessantes que dizem respeito aos patrocínios dos times no Brasil. Podíamos ver que desde o início empresas de materiais esportivos como Adidas (alemã) e Le Cof Sportif (francesa) já iniciaram patrocinando os times brasileiros no final da década de 1980.

Figura 9 – Camisa do Palmeiras de 1977



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p.186.

Já os patrocínios másters começaram no início da década de 1980 e eram somente patrocínios de empresas nacionais ou regionais, o que de certa forma demonstrava que os times brasileiros não estavam tão inseridos nesse contexto global.

Figura 10 – Camisa do Santos de 1985



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p.218.

Já mais para o final da década de 1980 pôde-se notar que a maioria dos times nacionais era patrocinada pela Coca-Cola (empresa americana de bebidas). O que demonstraria a inserção do capital estrangeiro em nosso país e que também demonstraria o reflexo da economia nacional que não ia muito bem na época.

Figura 11 – Camisa do Grêmio de 1987

1987



Em 1987, o Grêmio ganhou o seu primeiro patrocinador de camisa, a Coca-Cola. Na época, a empresa patrocinou os grandes clubes do futebol brasileiro. Só o Grêmio, porém, não aceitou usar o logotipo da Coca em vermelho, cor do rival Internacional. Um fato raro na história publicitária da marca.

Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 149.

Falei também a respeito das parcerias de times brasileiro com empresas estrangeiras, como a do time do Palmeiras, do Juventude e Paulista de Jundiaí com a Parmalat nos anos 1990; da parceria do Corinthians com os fundo de investimento Hicks Muse, também no final da década de 1990 e da parceria com a MSI nos anos 2000. Falei também que de certa maneira algumas dessas parcerias implicaram em investimentos para se montar times competitivos que refletiriam em títulos. Já outras desta parcerias resultaram em fracassos em campo bem como em dívidas financeiras.

Figura 12 – Camisa do Palmeiras de 1992



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 192.

Um aluno relembrou a vinda do jogador Ronaldo para o Corinthians e da quantidade de patrocinadores que havia na camisa do time para poder pagar o salário do jogador. Disse que ele estava correto e que a vinda do Ronaldo ao Corinthians foi muito rentável para o clube, pois, além de trazer patrocinadores ao clube, a vinda do jogador aumentou a venda de camisas do clube, o valor pago ao clube pela transmissão dos jogos e também o público nos jogos.

Figura 13 – Camisa do Corinthians de 2009



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 85.

Na sequência pedi para que os alunos apresentassem suas camisetas para que pudéssemos fazer uma análise de cada uma. Começamos com uma camisa do Figueirense, cujo patrocínio era da Tashibra (empresa regional do ramo de lâmpadas) e da Penalty (empresa nacional de material esportivo). Perguntei aos alunos se o time do Figueirense se enquadra no perfil de time globalizado ou tradicional? Um aluno disse que se enquadra no tradicional tendo em vista que contava com patrocínios e jogadores brasileiros. Concordei com a posição do aluno posto que o Figueirense nunca teve grandes patrocinadores estrangeiros nem contou com muitos jogadores do fora do país.

Passamos a analisar a camisa do Avaí, que é patrocinado pela Champs (empresa nacional de material esportivo) e pela Caixa (banco nacional). Fiz a mesma pergunta em relação se o Avaí e outro aluno disse que ele seguia a mesma lógica do Figueirense.

Passamos então a camisa do Palmeiras, que era patrocinado pela Samsung (empresa sul coreana) e Adidas (empresa alemã de material esportivo). Fiz a mesma pergunta aos alunos, que disseram que o Palmeiras se encaixava mais em time globalizado. Perguntei por que eles achavam isso e um aluno respondeu que por contar com os mesmo patrocinadores do time do Chelsea e por ter jogadores estrangeiros, como o chileno Valdívia. Concordei com ele que, de fato, essas grandes empresas somente patrocinam clubes que contam com um grande número de torcedores espalhados pelo país e que tenham um certo poder de consumo para comprar seus produtos. Estampar um patrocínio na camisa de um grande clube brasileiro seria certeza de exposição e fixação da marca de uma empresa.

Fomo então para outro aluno que trouxe uma camisa do Roma, da Itália. Quando ia comentar a respeito do escudo do time, que tem um lobo e dois meninos que são carregados por esse lobo, uma aluna pediu a palavra e disse que deveria se tratar da lenda do surgimento da cidade de Roma, que tinha com protagonistas os irmãos Romulo e Remo que supostamente tinham sido criados por lobos. Passamos então a analisar os patrocinadores do time que eram Wind (empresa italiana) e Kappa (empresa italiana de material esportivo). Perguntei se o Roma se enquadrava em time globalizado ou tradicional? Um aluno disse que se tratava de um time mais globalizado porque apesar de ser patrocinador por empresas italianas, tratavam-se de multinacionais, além de o time ter jogadores de vários países diferentes, inclusive um brasileiro (Maicon), que integra a seleção brasileira. Assenti, dado que se tratavam de grandes

empresas, elas não se enquadrariam como empresas nacionais ou regionais e também por terem jogadores de diversas partes do mundo.

Para encerrar falei mais um pouco para os alunos sobre essa relação estreita que existe entre globalização e futebol. Expliquei que trouxera essa oficina para que juntos pudéssemos construir uma noção a respeito de globalização, partindo de um tema não convencional para se tratar do assunto, o futebol. Disse para a turma que esperava que a oficina pudesse ampliar e modificar a relação deles com um conceito tão complexo como o de globalização. Pedi para que respondessem um questionário com três perguntas a respeito da minha oficina, para que assim pudessem ajudar-me a melhorar esse trabalho em educação. Falei ainda que não precisavam colocar nome para que pudessem se sentir à vontade para criticar de forma positiva ou negativa. Assim, depois que todos da turma responderam às perguntas, finalizei a oficina agradecendo aos alunos, ao professor Bruno Jackson Severino e a Maynine Macedo por me auxiliar nos registros em sala de aula. Despedi-me de todos e assim acabou essa oficina.

6. INTERVALO – REPENSAR AS ESTRATÉGIAS, RECUPERAR AS ENERGIAS

Neste período, entre o término das oficinas que foram realizadas para o TCC e o presente momento desta pesquisa de mestrado, tive tempo para me debruçar na pesquisa afim de corrigir eventuais erros que foram observados durante o processo de pesquisa, com o propósito de reformular as oficinas para obter resultados mais fidedignos a sua proposta como método de pesquisa. Vi a necessidade de dar mais voz ao aluno por meio de um conjunto de exercícios que visariam captar com maior precisão suas falas e impressões acerca do conceito de globalização. Desta forma decidi utilizar o método da cartografia afim de melhor acompanhar as processualidades ocorridas durante a oficina.

Em reuniões e conversas com professora Ana, falamos a respeito do modo de operacionalização da oficina. Decidimos que não começaria mais com o prólogo do livro de Franklin Foer (2005), uma vez que em determinado momento do texto surge uma definição pronta do conceito de globalização. O trecho em questão diz o seguinte:

Grças ao colapso das barreiras comerciais e às novas tecnologias, dizia-se que o mundo havia ficado muito mais interdependente. Thomas Friedman, colunista do The New York Times e grande sacerdote da nova ordem, louvou a “inexorável integração de mercados, Estados-nações e tecnologias em um grau jamais observado antes – de uma forma que está habilitando indivíduos, corporações e Estados nacionais a se contatarem com o mundo de maneira mais ampla, rápida, profunda e barata do que em qualquer outra época (FOER, 2005, p.8).

Esta definição mobiliza e direciona o pensamento dos participantes da oficina e freia qualquer tentativa dos alunos de trazerem seus saberes e experiências prévias a respeito da globalização. Então decidimos que deixaríamos este texto como sugestão de leitura para os participantes ao término da oficina. Conversamos também a respeito dos exercícios propostos na oficina e que talvez fosse necessário usar tais exercícios para colocar os alunos em movimento acerca do tema da oficina. Boa parte das primeiras oficinas, seja em formação de professores ou com alunos do ensino médio, era demasiada expositiva a respeito do tema e como nos

propomos a dar voz aos participantes e fazê-los movimentarem-se em torno da oficina, decidimos remodelar as atividades propostas.

Definimos que precisávamos utilizar as atividades e exercícios também como forma de registro da impressão dos participantes no início e ao término da oficina. Ao preparar o roteiro definimos a ordem das atividades propostas da seguinte forma: (1) exposição sobre o conceito de oficina e como surgiu a ideia de se relacionar futebol e globalização, (2) exercício para captar o que os alunos sabem a respeito do conceito de globalização por meio de frases ou desenhos, (3) observação das imagens do livro “Futebol sem fronteiras” de Caio Vilela (2009), (4) exibição de trechos do filme “A copa” de Khyentse Norbu (1999), (6) exercício de produção dos mapas temáticos, (7) atividade de análise dos patrocínios nas camisas de times. (8) exposição das imagens do livro de Paulo Gini e Rodolfo Rodrigues (2009), (9) e, por fim, buscar captar o que foi possível pensar a partir da participação da oficina.

Esse roteiro seria flexibilizado conforme a disponibilidade de tempo dos participantes e locais onde a oficina se realizaria, mas como prioridade decidimos que os exercícios (5), produção de mapas, e (6), análise das camisas, teriam prioridade, pois são atividades que demandam mais tempo para serem realizadas.

7. SEGUNDO TEMPO: A NOVA ESTRATÉGIA NO CAMPO – NOVA OFICINA

Neste capítulo mostro a oficina após uma série de reformulações, revisões e reflexões. Eu realizei-a numa turma composta por 22 alunos matriculados na disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia, no quarto semestre do curso de licenciatura em Geografia da UDESC. Disciplina essa ministrada pela Prof. Dra. Ana Maria Hoepers Preve. Para acompanhar o processo tive como instrumentos de registro meu smartphone para tirar fotos, filmar e gravar as falas dos participantes, além do caderno que utilizei para fazer alguns registros logo após o término de cada encontro da oficina.

7.1. PRIMEIRO ENCONTRO DA OFICINA (23/08/2016)

Por volta de meio-dia chego à universidade com minha mochila carregada de livros, textos, imagens, mapas e expectativas para o primeiro encontro com a turma. Ao chegar à sala organizo os materiais (computador, datashow, livros, camisas de times, mapas-múndi políticos, canetas coloridas, cartolina branca, fitas adesivas e tesouras) e aguardo a chegada dos participantes da oficina, que foi dividida em dois encontros de quatro horas cada. Professora Ana chega e me ajuda recepcionando os alunos e me deixando mais tranquilo. Antes dar início às atividades, professora Ana propõem a todos que nos levantássemos e começássemos a fazer alguns exercícios de alongamento, respiração e vocais ao mesmo tempo. Assim, ao longo do exercício, cada um apresentou-se dizendo seu nome. Penso que estes exercícios foram importantes para que cada um se soltasse um pouco das tensões do dia-a-dia, ficando bem à vontade e predispostos a fazer da oficina um momento agradável e profícuo.

A professora deu-me a palavra e, então, comecei traçando um pouco da minha trajetória acadêmica e profissional. Desde o início, da ideia de unir algo de meu interesse com um conteúdo tratado na Geografia escolar no período de estágios na graduação, passando pelo PIBID e pelo TCC, até o presente momento na pesquisa de mestrado.

Havia sido pedido aos alunos, na aula anterior à oficina, para que lessem um texto de Flavio Lopes Holgado e Maria Ivaini Tonini (2013), chamado: “Futebol, camisas e símbolos: identidades futebolísticas nas aulas de Geografia”. Os autores propõem algumas reflexões sobre a relação entre vivências escolares e futebol. Esse texto foi resultado de uma pesquisa que analisou a presença dos elementos que relacionam

identidades ligadas ao futebol e consumo que pudessem ser percebidos nas paisagens. O conteúdo do artigo está bem claro logo nos primeiros parágrafos:

Neste texto, serão apresentados resultados de uma pesquisa que procurou analisar a utilização do futebol nas aulas de Geografia, no ensino fundamental, onde buscou-se analisar, com os alunos, a presença de elementos que relacionam futebol e consumo que podem ser percebidos nas paisagens (HOLGADO, TONINI, 2014, p.123).

O texto traz falas dos alunos e alunas e imagens relativas ao universo do futebol na escola.

Inicialmente pedi que os participantes da oficina destacassem o que haviam achado de interessante a respeito da leitura do texto. Uma das participantes destacou que os autores não colocaram termos no gênero feminino ao se referir às alunas da escola ou às jogadoras. Disse a ela que o futebol ainda é um esporte permeado por uma estrutura majoritariamente masculina e que ainda existem muitos casos de machismo no esporte. Citei a diferença de investimento, infraestrutura e salários que separam homens e mulheres no esporte assim como em várias outras atividades. E que o reflexo disso pôde ser percebido na disputa dos Jogos Olímpicos realizados no Rio em 2016, em que o futebol masculino foi medalha de ouro e o feminino ficou em quarto lugar. A professora interveio indicando que os autores, talvez, não tivessem a intenção de focar na questão de identidade de gênero, mas sim exaltar a presença do futebol, como elemento cultural, nas aulas de Geografia, problematizando a relação entre o esporte, consumo e de que forma isso poderia ser percebido na paisagem.

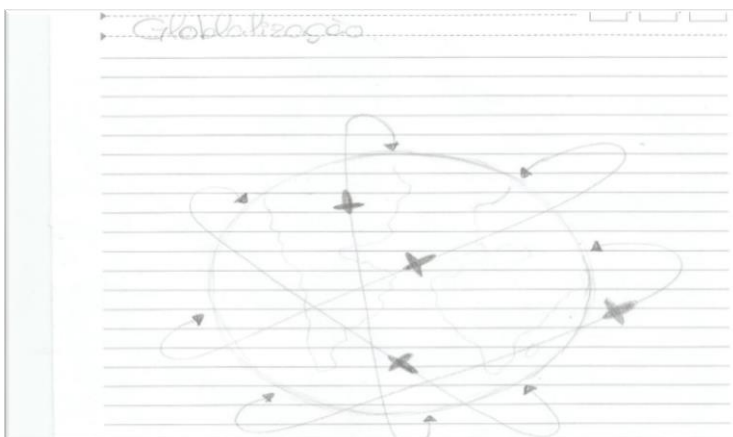
Reafirmei que a proposta de iniciar a oficina com esse texto era de trazer algo do ensino de Geografia e que fazia do futebol temática para se trabalhar em sala de aula. A professora Ana ressaltou que a proposta em trazer esse texto era mostrar que existem trabalhos, na área do ensino de Geografia, que trazem o futebol como elemento para algumas reflexões na educação geográfica.

A seguir falei da metodologia das oficinas como proposta de intervenção e sobre a maneira como o grupo de pesquisa, “Geografias de experiência”, do Laboratório de Estudos de Educação em Geografia (LEPEGEO) pensa as oficinas. Disse que a partir das minhas experiências como professor e pesquisador na educação pude perceber que o termo

oficina é utilizado, algumas vezes, de maneira indiscriminada e sem um aporte teórico/metodológico que o sustente. Argumentei que estas, do grupo, baseavam-se na formulação proposta pelo Prof. Dr. Guilherme Carlos Corrêa. O autor sugere que as oficinas realizem-se de maneira espontânea sem a obrigatoriedade, que move boa parte dos alunos nos espaços de educação formal, e que é primordial que haja o interesse de ambas as partes, entre oicineiro e os demais participantes. Além de sua proposta teórico-metodológica, que se apoia na dialogicidade freiriana. Acredito que por estar num ambiente de formação de professores, fez-se necessária uma breve explanação sobre como surgiram as oficinas, qual noção de oficina estamos operando neste trabalho, assim como a citação de exemplos de outros trabalhos na área futebol e ensino de Geografia qual noção de oficina estamos operando neste trabalho.

Para dar início às proposições da oficina, distribuo uma folha A4 em branco para cada um da turma e peço para que coloquem no papel o que lhes vêm à mente a partir da palavra “globalização”. Ressalto que o exercício é livre, podem utilizar palavras, desenhos e o que mais lhes vier à cabeça. O principal objetivo desta atividade é saber quais são os saberes e percepções que eles já possuem a respeito do tema da oficina. A partir disso pedi para que cada participante mostre seu registro para o grupo. Surgiram muitos desenhos e falas similares entre si, boa parte delas retratava o globo e fluxos de mercadorias, capital, informações proposto pela intensificação desse fenômeno. A seguir, trago para a pesquisa algumas dessas falas e imagens para ilustrar o que os participantes pensam sobre o conceito.

Figura 14 – Globalização



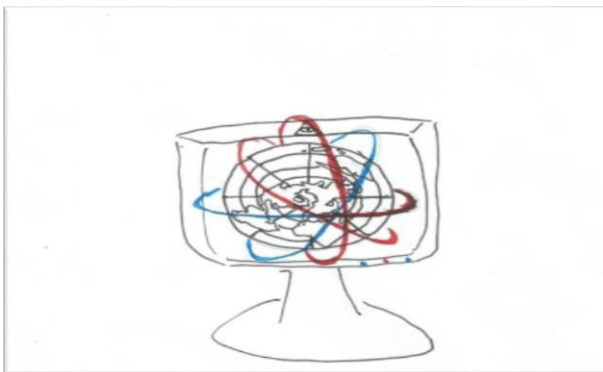
Fonte: arquivos do autor

Figura 15 – Globalização e os fluxos



Fonte: arquivos do autor

Figura 16 – Globalização e a tecnologia



Fonte: arquivos do autor

Nestas três imagens o globo terrestre e os fluxos da globalização se fazem presentes. Na figura 14, há a representação de aviões circulando o planeta, intensificando os fluxos no transporte de mercadorias e pessoas. Na figura 15, o globo terrestre possui vários pontos interligados e a teórica queda das fronteiras entre os países devido aos avanços nos campos da comunicação e transporte. E na figura 16, a tecnologia aparece representada pela tela de um monitor e dentro dela o símbolo da ONU. Nessas três falas os alunos ressaltaram a noção de mundo conectado proposta pela globalização.

Figura 17 – Globalização e a desigualdade



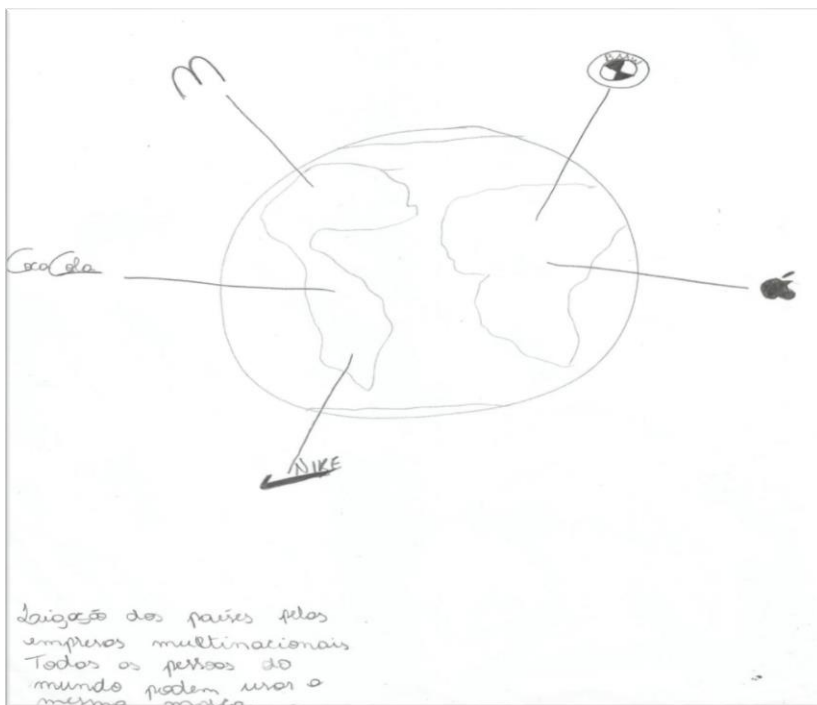
Fonte: arquivos do autor

Nesta representação o aluno argumentou que a globalização não seria para todos e que nem todos se beneficiam dela. De um lado estaria a classe burguesa mais beneficiada por esse processo e, de outro, as classes mais baixas, nas favelas, que pouco se beneficiam da globalização. Esta imagem remeteu-me à ideia de globalização como fábula proposta por Milton Santos (1999) em seu livro, “Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal”. Nessa ideia a globalização torna o mundo melhor, pois se encurtam as distâncias, tem-se o mundo na palma de nossas mãos e um avassalador mercado global que homogeneizaria as diferenças sociais através do incentivo ao consumo. Enquanto, na verdade, as diferenças sociais só se aprofundam cada vez mais.

Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do

encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. (SANTOS, 2005, p.9)

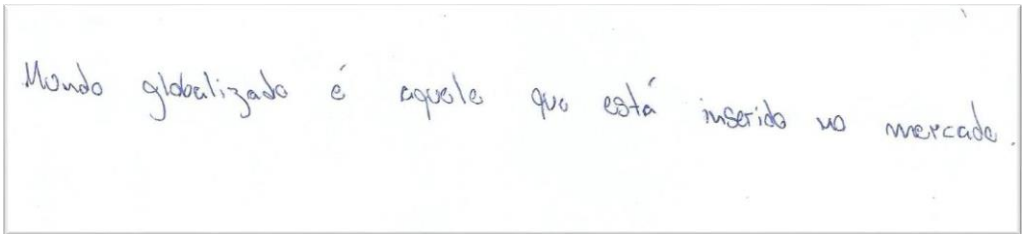
Figura 18 – Globalização e as multinacionais



Fonte: arquivos do autor

Na figura 18 um aluno representou o globo, desta vez dando um enfoque na homogeneização da cultura do consumo, que tem como principais expoentes marcas globais como a Nike, BMW, Apple, Coca-Cola e Mc Donald.

Figura 19 – Mundo globalizado e o mercado.



Fonte: arquivos do autor

Na figura 19, o participante argumentou que somente os países centrais do capitalismo se beneficiam da globalização.

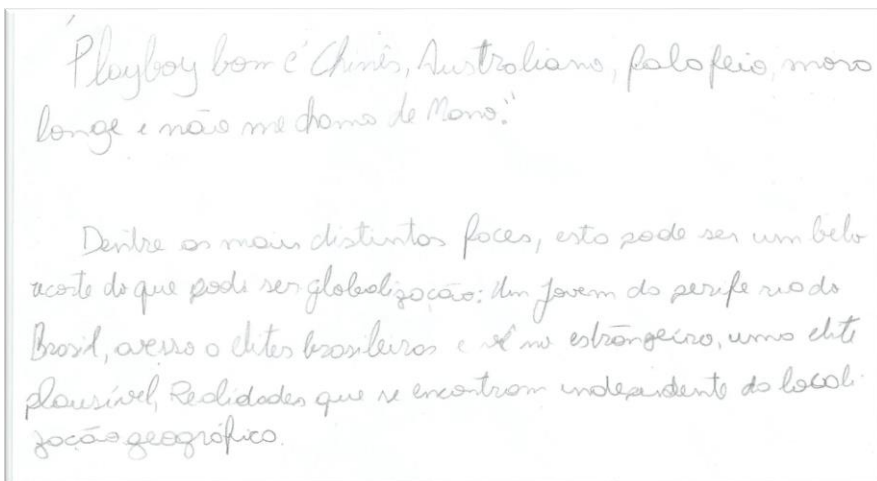
Figura 20 – Globalização: conhecimento e desconhecimento.



Fonte: arquivos do autor

Na figura 20, o participante disse que, ao mesmo tempo em que os fluxos de informações intensificaram as trocas de informações e saberes, muitas pessoas ficaram de fora desse processo e ainda não o teriam, e que pessoas são influenciadas por culturas de locais distantes supervalorizando-as em detrimento da sua cultura local.

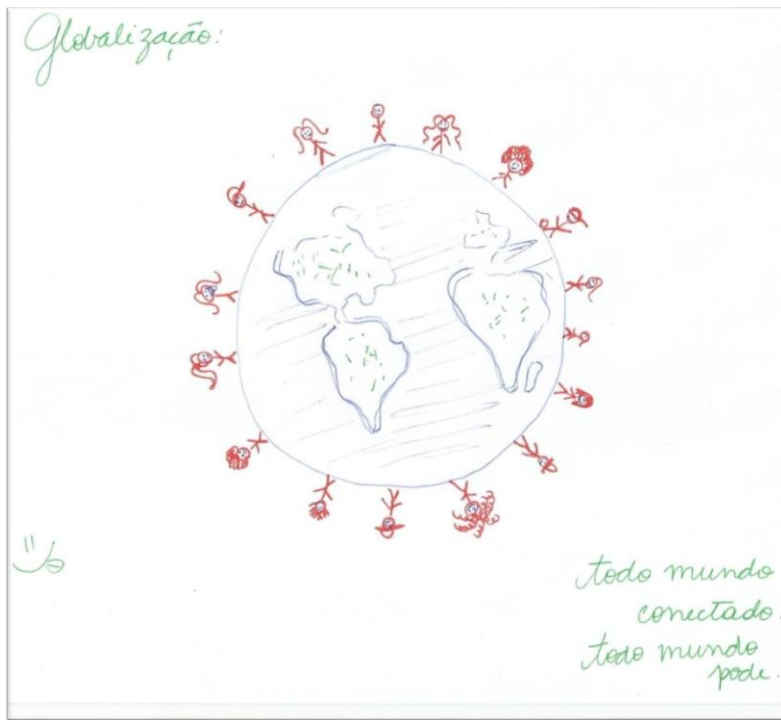
Figura 21 – Globalização e os Racionais Mc's



Fonte: Arquivos do autor

Na figura 21, o aluno escreveu um trecho da música “da ponte pra cá” do grupo de rap brasileiro, Racionais Mc’s, o trecho diz o seguinte: “Playboy bom é chinês, australiano, fala feio, mora longe e não me chama de mano”. Ele argumentou que esse trecho poderia ser um exemplo das consequências da globalização, já que, nas palavras do participante, “um jovem da periferia, avesso às elites brasileiras, vê no estrangeiro uma elite plausível. Realidades que se encontram independente de localização geográfica”.

Figura 22 – Globalização e a fraternidade



Fonte: arquivos do autor.

Na figura 22, a globalização aparece de uma maneira mais fraternal, com pessoas em volta do globo e uma mensagem que diz, “todo mundo conectado, todo mundo pode”. Esta imagem remete-me novamente a Milton Santos (2005), mas desta vez pensando na ideia de como poderia ser a globalização. Nesta “outra globalização” ter-se-ia um mundo voltado para atender às necessidades sociais:

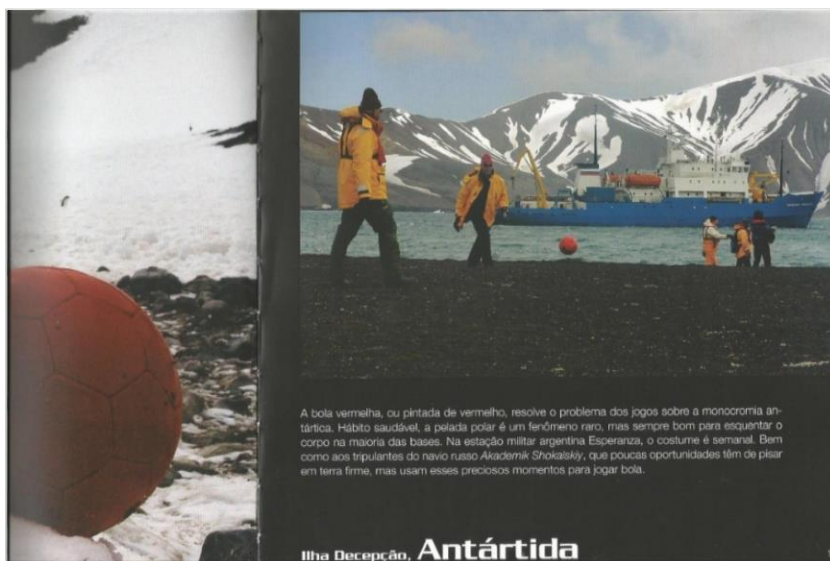
“Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas

ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. (SANTOS, 2005, p. 10)

Depois de todos falarem o que pensavam sobre o conceito, ressaltei os diferentes pontos de vista surgidos a partir da palavra globalização e que seriam parte muito importante para acompanhar o processo da oficina. Por isso recolhi as folhas dos alunos para as incluir aqui no trabalho.

A seguir distribui algumas imagens retiradas do livro “Futebol sem fronteiras” do fotógrafo, jornalista e geógrafo Caio Vilela (2009). Trata-se de um livro que surgiu a partir de fotografias de jogos de futebol amador (peladas) tiradas pelo autor durante suas coberturas jornalísticas. Cerca de 25 países são representados pelos seus moradores locais, que praticam o esporte, no livro aparecem algumas imagens de futebol em lugares pitorescos como a muralha da China e as pirâmides do Egito. O objetivo com essa atividade era mostrar que independente do país e da cultura, o futebol aparece como elemento em comum presente em todos esses lugares. A seguir trago algumas dessas imagens para o texto.

Figura 23 – Futebol na Antártida.



Fonte: Fonte: VILELA, 2009, p. 14-5.

Na figura 23, trago uma imagem em que o futebol é praticado com muitos casacos, pois as temperaturas na Antártida são muito baixas e a bola é laranja para facilitar sua visualização.

Figura 24 – Futebol no Egito.



Fonte: VILELA, 2009, p.43.

Na figura 24, um egípcio, na companhia de um camelo, faz embaixadinhas em frente a uma de pirâmides.

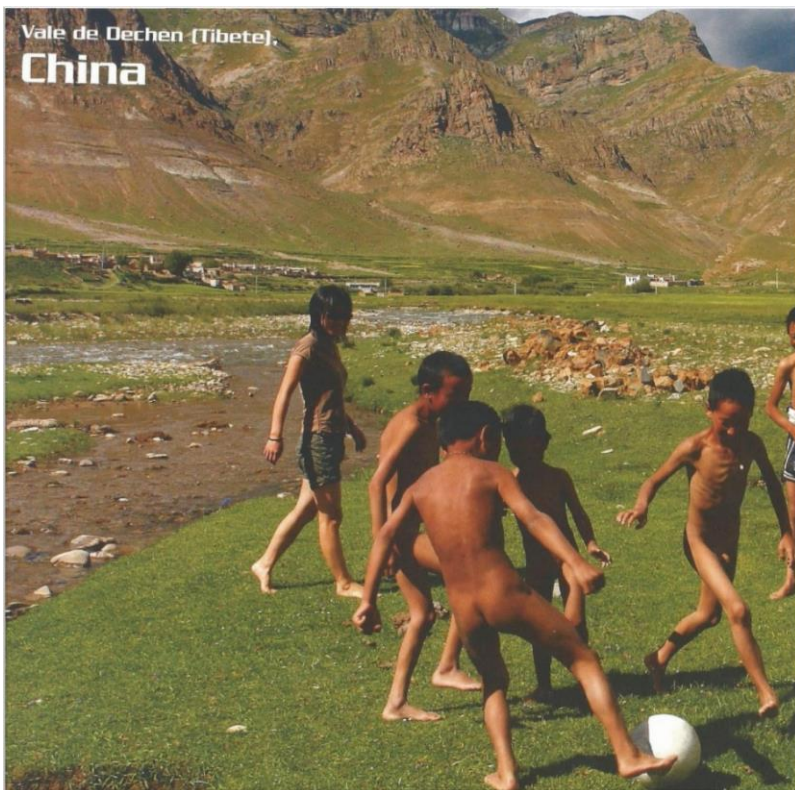
Figura 25 – Futebol em Machu Picchu no Peru.



Fonte: VILELA, 2009, p.95.

Na figura 25, algumas crianças jogam uma pelada numa área próxima ao sítio arqueológico de Machu Picchu no Peru.

Figura 26 – Futebol no Himalaia.



Fonte: VILELA, 2009, p.38.

Na figura 26, vê-se um grupo de crianças nuas jogando futebol na China. A ausência de vestimenta das crianças contrasta com a presença da bola.

Figura 27 – Futebol em Mianmar e a presença do Brasil



Fonte: VILELA, 2009, p.81.

Na figura 27, dois asiáticos usam a camisa da seleção brasileira demonstrando a influência cultural que o nosso país exerce sobre outras culturas através da disseminação do esporte pelo mundo.

Figura 28 – Futebol em Mianmar num monastério budista.



Fonte: VILELA, 2009, p.83.

Na figura 28, pequenos monges budistas praticam futebol demonstrando que independente de religião o esporte é um importante elemento cultural de coesão social.

Figura 29 – Futebol na muralha da China.



Fonte: VILELA, 2009, p.37.

Na figura 29, algumas pessoas jogam futebol na muralha da China. Fiquei curioso para saber como iriam buscar a bola caso ela caísse para fora dos limites da muralha.

A partir da observação das imagens perguntei para o grupo de participantes se havia alguma relação entre as imagens do livro e a globalização, e se o futebol seria um esporte globalizado e por que. Um dos participantes disse que o esporte em si era globalizado, haja vista que é praticado em todos os continentes, entretanto ressaltou que boa parte dos países retratados nas imagens não dispõe de grandes investimentos em campeonatos, melhoria de estádios e transmissões das partidas pela televisão. Outro participante ressaltou que o esporte se tornou global a partir da sua profissionalização, em que os jogos se tornaram espetáculo. Continuei questionando os participantes a respeito de por que que o esporte se difundiu pelo mundo. Outra participante disse que nesse processo os jogadores se tornaram trabalhadores e que somente alguns clubes cresceram a ponto de se tornarem instituições globais. Outro participante argumentou que a difusão do esporte estaria ligada à facilidade em se praticar o esporte, improvisando os locais (praia, ruas, escolas etc.) e equipamentos (traves, demarcação do campo, bola). Reafirmei que ele estava correto em relação à facilidade em praticar-se o

esporte e que esse também seria um importante elemento para entender a difusão pelo mundo. Todavia, ressaltei que era necessário também analisar o contexto histórico do período. Disse que era necessário levar em consideração o papel da Inglaterra como principal disseminadora do futebol pelo planeta. Maior potência econômica e marítima da época, os ingleses investiam seu capital em várias partes do mundo. Ressaltei que no Brasil o futebol e os clubes surgiram a partir de imigrantes europeus e brasileiros filhos de europeus, como Charles Miller, que trouxeram o esporte para o país. Por fim, expliquei-lhes que para mim o mais interessante neste livro eram as imagens das disputas em locais inusitados e em países de diferentes culturas.

Em seguida, passei um vídeo de uma entrevista¹ de Caio Vilela para a Folha de São Paulo falando sobre seu livro. Segundo Vilela o projeto “Futebol sem fronteiras” começou a partir de suas coberturas jornalísticas de turismo em que teve a ideia de registrar peladas disputadas nos países que ele visitava. O jornalista ressaltou que conseguiu fotografar imagens de jogos disputados em locais muito inusitados, como a muralha da China e o Monte Everest. O autor falou sobre algumas curiosidades de suas viagens, citou que o Lêmen, por ter boa parte da sua população com menos de 15 anos de idade, apresentou a maior concentração de futebol nas ruas. E que, dentre os 26 países retratados, foi na Argentina, em Buenos Aires no bairro Boca, que encontrou jogadores tão habilidosos quanto os brasileiros.

Após essa primeira parte da oficina fizemos um pequeno intervalo de quinze minutos para tomar um café e retornarmos logo em seguida. No retorno percebi que alguns alunos não haviam voltado, o que me causou certa apreensão, pois pensei que alguns participantes poderiam não estar gostando ou não se sentindo motivado em participar das proposições da oficina.

Disse para a turma que o próximo passo seria assistir a trechos de um filme intitulado “A copa”, ou “*The cup*” em inglês, o primeiro filme do Butão, filmado em 1999, escrito e dirigido do butanês Khyentse Norbu². A história é baseada em fatos e se passa num monastério de tibetanos budistas, exilado ao norte da Índia. O exílio ocorre por causa da repressão chinesa aos tibetanos, que não reconhece o Tibete como país

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lj9OKWQXC9E>. Acessado em 22/08/2016

² Para assistir ao filme completo acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=R3tHyUdyS7Q>. Acessado em 23/08/2016.

independente, além de querer anexá-lo aos seus domínios. No filme o personagem principal é o pequeno monge Orgyen (Jamyang Lodro) que é apaixonado por futebol e tenta fazer de tudo para poder acompanhar aos jogos da Copa do Mundo de 1998, realizada na França. Em determinado momento do filme, o garoto toma banho e ao retirar a vestimenta de monge aparece uma camisa do Brasil de Ronaldo, melhor jogador do mundo na época, feita pelo próprio pequeno monge. Por não dispor de uma televisão no monastério, Orgyen e outros jovens monges escapam às noites para assistir aos jogos da copa. A paixão pelo esporte dos mais jovens contrasta com o desconhecimento dos monges mais velhos. Em um dos diálogos entre os monges mais velhos, um deles pergunta o que é futebol, demonstrando total desconhecimento pelo esporte. O objetivo em passar trechos do filme era de mostrar que o esporte chegou aos recantos mais distantes do planeta, mesmo em locais que estão na periferia da geopolítica do esporte como o Butão, Tibete e a Índia. Assistimos a só alguns trechos que evidenciam essa relação entre a paixão do mais jovens pelo esporte global e o total desconhecimento dos mais velhos, que são mais ligados as tradições locais.

Depois começamos outra atividade. Pedi para que os participantes da oficina se dividisse em grupos de quatro ou cinco alunos, juntando as carteiras. Formaram-se quatro grupos e cada qual recebeu um mapa-múndi político e escolheu um time dentre os oitos que eu havia pré-selecionado, cinco globalizados (Real Madrid, da Espanha; Paris Saint German, da França; Chelsea, da Inglaterra; Bayern de Munique, da Alemanha; e Barcelona, da Espanha) e três tradicionais (Chivas Guadalajara, do México; Atlético de Bilbao, da Espanha; e Nacional, do Equador). Cada equipe ficou responsável por elaborar um mapa temático, a partir do mapa-múndi político, em que deviria constar a origem do clube, dos jogadores que compõem a equipe, dos patrocinadores (esportivo e máster) e do treinador dos times. A partir dessa pesquisa deveriam elaborar setas com caneta hidrocor, lápis de cor ou fita adesiva colorida, ligando os respectivos locais até o país de origem do clube. Também deveriam criar legendas para explicar os fluxos presente nos mapas. Os clubes escolhidos pelas equipes foram: Real Madrid, Chivas, Atlético do Bilbao e Paris Saint German. Ressaltei que a atividade era livre para que pudessem criar o mapa da maneira que desejassem. Após a escolha dos clubes pedi para que os alunos utilizassem seus smartphones para pesquisar os itens pedidos anteriormente. Prof. Ana me pediu para explicar a diferença entre patrocínio esportivo e máster. Expliquei então que o esportivo é a empresa que fornece o material esportivo e dinheiro

para o clube. Já o patrocínio máster forneceria somente dinheiro em troca de um espaço na camisa do time destinado a publicidade das empresas patrocinadoras. Geralmente são estes que ficam no centro das camisas e que podem coexistir com outros patrocínios de menor valor e exposição nas camisas, calções e até meiões dos jogadores. Ressaltei que os jogadores possuíam patrocínios de chuteiras independentes do patrocinador esportivo de seus clubes e até mesmo das suas seleções.

Enquanto produziam, passei pelos grupos para tirar dúvidas em relação a produção dos mapas que pudessem surgir. Alguns participantes perguntaram-me se poderiam “rasurar o mapa”, ressalttei que o mapa podia ser riscado, pintado, colado, furado com as tachinhas para fixar algo, enfim que podia ser transformado conforme cada grupo desejasse. Dentre os materiais, dispúnhamos de tachinhas coloridas, fitas adesivas, cola, tesoura, papel, lápis e canetas coloridas. Outra participante, que fazia parte do grupo do Real Madrid, perguntou-me se deveria colocar todos os jogadores que compunham o elenco ou somente os jogadores titulares. Disse a ela que poderia ser somente o time titular tendo em vista que alguns clubes como o Real Madrid chegam a ter mais de 30 jogadores em seus elencos. Participantes do grupo do Atlético de Bilbao chamaram-me dizendo que acharam estranho pois o time de Bilbao tinha jogadores somente da Espanha. Pedi para que eles pesquisassem um pouco a respeito da história do clube para ver se conseguissem saber os motivos da ausência de estrangeiros. Após uns minutos passei pela mesa do grupo que me disse que haviam descoberto que o time do Atlético de Bilbao só aceita jogadores filhos ou descendentes de bascos. Falei um pouco a respeito da história do clube que havia sido um dos locais de resistência à centralidade político-econômica proposta na ditadura do General Franco na Espanha. Falei da diversidade étnica e cultural presente na Espanha, em que existem diferentes povos como os castelhanos, bascos, galeses e catalães, e que cada um desses povos possuía seus costumes, idiomas, formas de escrita, bandeiras, entre outras especificidades. Na época da ditadura espanhola os estádios de futebol eram os únicos locais em que os bascos e catalães podiam exercer sua cidadania e orgulho regional sem ser oprimidos, reivindicando direitos negados pela ditadura franquista. Um participante do grupo do Real Madrid perguntou-me se a seta do patrocinador máster do time, a companhia aérea Fly Emirates, dos Emirados Árabes Unidos, deveria se ligar a Espanha, pois a companhia podia não estar presente fisicamente na Espanha. Disse que fisicamente ela poderia até não estar presente na Espanha, mas que havia um fluxo de capitais proveniente dos Emirados Árabes Unidos para a Espanha, daí a

necessidade da seta estar presente para representar esse fluxo. Ao passar pelo grupo do Paris Saint German, algumas participantes disseram que decidiram representar não somente a equipe masculina, mas a equipe feminina também, tendo em vista que o clube mantém equipes dos dois gêneros. Achei muito interessante o ponto de vista delas, já que nas oficinas realizadas previamente nunca ninguém tinha proposto analisar os clubes femininos. Professora Ana disse-me que esse ponto de vista era reflexo da vida das participantes que são ativistas feministas. A oficina dá abertura para que as falas dos participantes surjam de maneira espontânea, muitas vezes, baseadas em suas experiências de vida, de militância, indo além das linhas iniciais desenhadas para a oficina. Um dos participantes do grupo do Real Madrid disse-me que não havia o país de Gales no mapa-múndi. Ao observar-se o mapa, pôde-se ver que a nação está representada como parte integrante do Reino Unido. Falei para os participantes que a geopolítica do futebol comandada pela FIFA conta com 211 países/nações³ associados e extrapola a geopolítica mundial representada pela ONU que conta atualmente com 193 países/nações⁴ associados.

Por fim, finalizamos o primeiro encontro da oficina. Agradei a todos os participantes pela presença e disse que iríamos finalizar os mapas no próximo encontro para comparar o resultado final dos mapas. Pedi, também, para que os alunos trouxessem no próximo encontro camisas de times de futebol, de qualquer time brasileiro e/ou estrangeiro. Após o término da oficina a maior parte da turma foi embora, porém, alguns participantes ainda ficaram na sala ajudando-me a arrumar os materiais, a sala e os mapas. Nesse meio tempo, esses participantes e eu ficamos conversando a respeito do esporte. Falei um pouco sobre a minha trajetória acadêmica e minha paixão pelo futebol, e que na universidade pude unir uma paixão da vida (uma questão existencial) com o ensino de geografia. Antes de saírem dei algumas dicas sobre o próximo encontro. Em primeiro lugar disse que iríamos finalizar os mapas afim de comparar os fluxos dos times para ver em que medida os times estariam inseridos na globalização e que iríamos analisar a inserção ou não dos clubes

³ Dados extraídos do site oficial da FIFA (Federación Internationale Football Association). Disponível em: <http://www.fifa.com/associations/index.html>. Acesso em: 22/08/2016.

⁴ Dados extraídos do site oficial da ONU (Organizações das Nações Unidas). Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca/paises-membros/>. Acesso em: 21/08/2016.

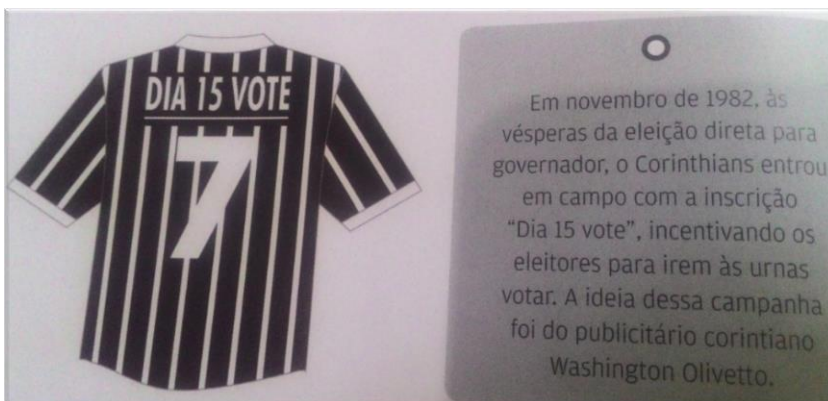
perante a globalização por meio da análise dos seus patrocinadores estampados nas camisas de times.

7.2. O DIA QUE NÃO TEVE OFICINA E, MESMO ASSIM, ALGO Se passou (30/08/2016)

O segundo encontro estava marcado de acontecer na mesma sala em que o primeiro, na qual daríamos continuidade às atividades já iniciadas. Logo na entrada da universidade percebi uma movimentação dos servidores da UDESC, que se mobilizavam para promover uma assembleia. Esta tinha como pauta principal algumas reivindicações propostas pelos servidores. Cheguei ao prédio da FAED e peguei a chave da sala para preparar os materiais e a disposição das carteiras afim de dar continuidade a oficina. Feito isso, alguns alunos foram chegando assim como a professora Ana. Parte dos alunos não havia comparecido na segunda metade do nosso primeiro encontro, no qual iniciamos a criação dos mapas temáticos sobre os fluxos relacionados aos times de futebol. Um desses alunos ficou curioso em saber mais sobre a atividade e tive de me conter para não retomar a oficina de onde havíamos parado. Pouco mais de dez alunos compareceram à sala de aula e, tendo em vista que nenhuma atividade docente seria realizada neste dia na FAED, em razão da paralização dos servidores, Ana, os alunos e eu decidimos que seria melhor dar continuidade a oficina na semana seguinte. Alguns alunos permaneceram na sala e começaram a mostrar as camisas de times que haviam trazido para o nosso encontro. Um dos alunos mostrou uma camiseta do Bahia Esporte Clube, que ele havia adquirido em viagem recente ao nordeste. Perguntei a ele se achava que o clube estava mais ligado ao capital global ou local. Ele respondeu-me que pertencia ao capital local pois as empresas que patrocinavam o clube (MRV Construções, por exemplo) era uma construtora nacional. Disse a ele que tinha razão e que as camisetas poderiam nos comunicar muitas coisas a respeito da história do clube e da inserção das empresas de capital estrangeiro em nosso país. Outros alunos juntaram-se a nossa conversa curiosos para saber mais sobre camisas de times e também para mostrar as que haviam trazido. Peguei um dos livros utilizados na oficina, que trata a respeito da história das camisas, “A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil” (GINI; RODRIGUES, 2009), e mostrei para os alunos algumas curiosidades a respeito das camisas como, por exemplo, a camisa do Corinthians da década de 1980 que continha a seguinte mensagem: “Dia 15 vote”. A mensagem era um incentivo às pessoas

participarem das eleições. Disse a eles que a história por trás dessa camisa estava ligada ao movimento democracia corinthiana, promovido na época por dirigentes do clube e pelo publicitário corinthiano Whashington Olivetto.

Figura 30 – Camisa do Corinthians de 1982 e 1983



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p.66.

Este movimento visava a participação democrática na tomada de decisões relativas às atividades do clube, todos os integrantes do clube (comissão técnica, jogadores, técnico, diretores etc.) poderiam decidir, por exemplo, se os jogadores iriam se concentrar ou não antes das partidas. Um dos alunos disse que já conhecia o movimento, que tinha como principais lideranças os jogadores Sócrates e Casagrande. Folheando as páginas do livro observamos que alguns clubes que possuem origem italiana, como Cruzeiro e Palmeiras, no período da segunda guerra mundial, tiveram que mudar o nome (Palestra), o escudo do clube e até mesmo as cores das camisas. Outro aluno mostrou em seu smartphone que o Santos Futebol Clube estava sendo patrocinado por uma empresa aérea internacional, Royal Air Maroc, sediada no Marrocos. Em seguida começamos a falar a respeito da importância do esporte para os acadêmicos na universidade, tendo em vista que a UDESC organiza jogos internos entre os doze centros, regularmente uma vez ao ano, e possui um grande histórico de incentivo ao esporte desde sua fundação. Disse ao grupo que minha pesquisa surgiu de algo que eu gosto muito e que aproxima pessoas de diferentes cursos, mas que têm em comum a paixão pela prática de esportes. Falei sobre as conquistas que nosso

centro, FAED, já havia alcançado em anos anteriores. Tendo em vista que participei de seis JIUEDESC⁵ seguidos de 2010 a 2015, praticando diversas modalidades como: futsal, futebol de campo e futevôlei, e também participando como membro da atlética⁶. Por fim, despedimo-nos e marcamos a retomada da oficina na semana seguinte. Tudo aconteceu com muito interesse dos alunos, eles só saíram de sala porque encerramos o assunto para que continuasse no próximo encontro. Entretanto, essa conversa chamou-me a atenção dado interesse pela oficina e pelo implicado nela.

7.3. SEGUNDO ENCONTRO DA OFICINA (06/09/2016)

Chego à universidade, pego a chave da sala, organizo as mesas e disponho os mapas que havíamos começado no encontro anterior. Espalho pela sala algumas camisas de times de futebol, que serão utilizadas no segundo momento do encontro da oficina.

Figura 31 – Preparação da sala de aula para a produção de mapas temáticos



Fonte: arquivo pessoal do autor

⁵ Os Jogos de Integração da UDESC (JIUEDESC) ocorrem todos os anos, uma vez por ano desde 2007. Reúnem onze centros da UDESC que disputam diversas modalidades esportivas.

⁶ Cada centro da UDESC tem uma entidade esportiva, as atléticas, que ajudam na organização e promoção das atividades esportivas nos centros ao longo do ano e na preparação para os jogos de integração.

Figura 32 – Participantes produzindo os mapas temáticos



Fonte: arquivo pessoal do autor

Alguns alunos, por terem saído no intervalo da primeiro encontro da oficina, não participaram do início da construção dos mapas temáticos dos times naquele dia. Aos ausentes, pedi que se juntassem com algum dos quatro grupos já formados. Aos presentes e remanescentes da atividade dos mapas, pedi que explicassem para os demais do que se trata a atividade proposta. Um dos participantes explicou, então, que a turma havia sido dividida em quatro grupos, cada qual com um time, e deveriam usar o mapa para explicar os fluxos de jogadores, patrocinadores etc. Complementei a explicação dizendo que o objetivo da atividade era construir mapas temáticos a partir do mapa-múndi político e que nesse mapa deveriam constar os fluxos referentes à origem dos patrocinadores, jogadores e treinadores das equipes. Para realizar a atividade os grupos pesquisaram as informações na internet por meio de seus smartphones e, em seguida, passaram a intervir no mapa. Foram plotando no mapa a origem do clube escolhido e ligando as setas (feitas com fita adesiva) dos fluxos de jogadores, patrocinadores e treinadores que iam ao encontro do clube de origem escolhido. Para tornar o mapa inteligível foi necessária a construção de legendas dos fluxos, bem como um novo título para o mapa, uma vez que sua finalidade não era mais a mesma. Os mapas (planisférios políticos do mundo) transformam-se, por uma série de intervenções direcionadas por mim, o oficinairo, em mapas temáticos. Transformados para dizer ao leitor a respeito dos fluxos inerentes ao time de futebol e não mais como mapa-múndi político. Mapas coletivos com novas intenções.

Dentre os quatro clubes escolhidos dois deles são tidos como clubes tradicionais (Atlético de Bilbao, da Espanha, e Chivas Guadalajara, do México) e dois, clubes globalizados (Real Madrid, da Espanha, e Paris Saint German, da França). A partir dessa explicação disse para que os grupos finalizassem os mapas e que após o término iríamos compará-los afim de ver suas semelhanças e/ou diferenças e a qual conclusão poderíamos chegar após a observação.

Pedi para que o primeiro grupo, do Paris Saint German (PSG), explicassem de que forma se deu a intervenção no mapa. Uma aluna começou explicando que o PSG, como é conhecido o clube, possuía dois times, um feminino e um masculino. Por esse motivo decidiram incluir jogadores de ambos os gêneros na representação dos fluxos no mapa. Esses fluxos de jogadores e jogadoras vinham de diversas partes do mundo, a participante mostrou duas setas que indicavam os fluxos dos patrocinadores: Nike, americana, e Fly Emirates, dos Emirados Árabes Unidos. Disse que nem todos os clubes possuem equipes de ambos os gêneros. Outra participante do grupo ressaltou que existem jogadores brasileiros em ambos os times, no feminino a brasileira Cristiane e no masculino vários jogadores como Lucas Moura, Maxwel e Thiago Silva. Outro participante disse que eles preferiram não representar somente o treinador, mas toda a comissão técnica que tem profissionais originários da França e Espanha. Ele ainda ressaltou que o PSG é um time tido como “novo rico”, pois havia sido comprado poucos anos antes por um milionário xeique dos Emirados Árabes Unidos. Segundo o participante, antes disso o PSG figurava entre times medianos da Europa sem grandes destaques nas competições nacionais e europeias, mas que, no momento atual, tinha alcançado patamares maiores devido a injeção do capital por parte do novo dono do clube. Segundo o participante, isso mostra que o capital influencia muito na conquista de títulos, todavia, muitas vezes, esses clubes eram comprados por pessoas interessadas em lavar dinheiro por meio dos clubes.

Na sequência, outra integrante ressaltou que, a partir dessa nova gestão, o clube passou a ter prazos para conquistar campeonatos que disputaria nos próximos anos. Uma integrante de outro grupo manifestou-se dizendo que esse mesmo processo acontece em outros esportes, como no caso do futsal. Citou a história do seu pai, que é treinador de futsal na Rússia, de um time que pertencia a uma grande empresa do país, e que em outros países que seu pai trabalhou, como na Holanda, o time também pertencia a uma empresa. Segundo essa aluna isso demonstraria a estreita relação entre capital e futebol, e que os times que ganham mais títulos

geralmente são os com mais aportes financeiros. Disse que ela tinha razão e que Eduardo Galeano tem uma crônica muito interessante tratando sobre essa relação entre empresas e futebol. Perguntei ao grupo se eles teriam mais alguma consideração a ser feita e eles disseram que não. A crônica de Galeano (1995), intitulada de “Os donos da bola”, retirada do livro “Futebol ao sol e à sombra”, não foi utilizada nesta parte da oficina, mas me serviu de subsídio teórico para mediar e alimentar as discussões propostas na oficina. A seguir trago alguns trechos dessa crônica para ilustrar a fala de Galeano sobre a estreita relação entre futebol e as empresas que o utilizam como veículo de publicidade.

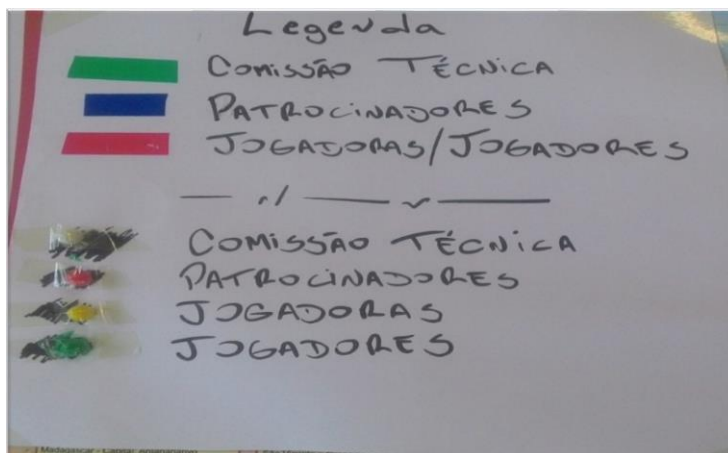
Neste futebol de fim de século, tão pendente do marketing e dos sponsors, nada tem de surpreendente que alguns dos times mais importantes da Europa sejam empresas que pertencem a outras empresas. O Juventus de Turim faz parte, assim como a FIAT, do grupo Agnelli. O Milan integra a constelação de mais de trezentas empresas do grupo Berlusconi. O Parma é da Parmalat. O Sampdoria, do grupo petroleiro Mantovani. O Fiorentina, do produtor de cinema Cecchi Gori. O Olympique de Marselha foi lançado ao primeiro plano do futebol europeu quando se transformou numa das empresas de Bernard Tapie [...] No Japão, onde o futebol profissional tem pouco tempo de vida, as empresas fundaram times e contratam astros internacionais, a partir da certeza de que o futebol é uma idioma universal que pode contribuir para a projeção de seus negócios no mundo inteiro [...] As empresas Mazda, Mitsubishi, Nissan, Panasonic e Japan Airlines também têm seus próprios times de futebol. O time pode perder dinheiro, mas este detalhe carece de importância se propicia boa imagem à constelação de negócios que integra. Por isso, a propriedade não é secreta: o futebol serve à publicidade das empresas e no mundo não existe instrumento de maior alcance popular para as relações públicas (GALEANO, 1995, p. 170-2).

Figura 33 – Mapa de fluxos do time do Paris Saint German (PSG)



Fonte: arquivos do autor

Figura 34 – Legendas do mapa do PSG



Fonte: arquivos do autor

A partir daí, passamos ao próximo mapa, o do grupo do Atlético de Bilbao. Um dos participantes começou dizendo que o time era espanhol, mas que foi fundado por britânicos. Disse que no mapa o único fluxo presente é o do patrocinador esportivo, Nike, americana, pois, segundo ele, o time tem um grande apreço a sua nacionalidade: basca⁷. O participante disse que até pouco tempo eram aceitos no clube somente jogadores nascidos nas províncias bascas localizadas na Espanha e França e que essa regra foi flexibilizadas de alguns anos para cá, podendo, atualmente, os jogadores ser descendentes de bascos e não necessariamente nascidos nas províncias bascas. Todavia, de que qualquer forma, deveriam ser introduzidos à cultura basca, aprendendo até mesmo o idioma local, o *euskera*.

Outra integrante, referindo-se ao mesmo assunto, cita que o Bilbao é um dos únicos clubes, juntamente com Real Madrid e Barcelona, que nunca caíram da primeira divisão do campeonato espanhol, mesmo tendo um orçamento financeiro infinitamente menor comparativamente aos dois maiores clubes da Espanha. E que os jogadores do elenco atual são todos nascidos nas províncias bascas e não são famosos mundialmente como Cristiano Ronaldo, Messi ou Neymar. Nessa linha de raciocínio, pergunto aos participantes se eles querem acrescentar algo. Um dos participantes diz, então, que houve, ao longo da história, pouquíssimos estrangeiros que jogaram no clube, caso do brasileiro Vicente Buurrun, descendente de bascos, entre outras raras exceções. Ressalto que esse time foi escolhido e chamado de “time tradicional” por razões ligadas às informações dadas pelos participantes. E que o Atlético de Bilbao é o exemplo de time que valoriza suas raízes, tradições e sentimento de pertencimento a uma determinada cultura local, em contraposição a proposta de globalização de outros times como o PSG, tratado anteriormente. Pergunto aos participantes da oficina e do grupo se querem fazer mais alguma consideração e todos ficam em silêncio.

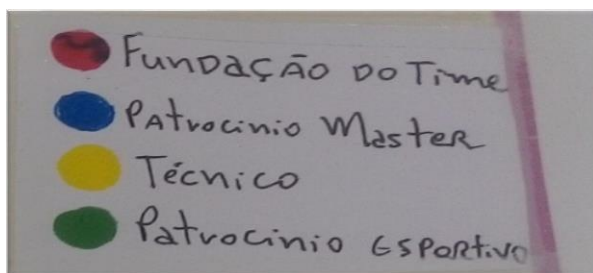
⁷ O país basco é uma área de 20 mil km² localizada nos territórios da Espanha e França que têm relativa autonomia política, mas que não possuem um território. Intitula-se “basco” quem nasce nas províncias do país basco. Possuem idioma, escrita e costumes próprios.

Figura 35 – Mapa de fluxos do time do Atlético de Bilbao



Fonte: arquivos do autor.

Figura 36 – Legendas do mapa do Atlético Bilbao



Fonte: arquivos do autor

A partir daí, pedi para que o próximo grupo, o do Real Madrid, apresente o mapa para a turma. Um dos participantes diz que o Real Madrid é maior campeão de clubes do século XX, entre todos os clubes do mundo, segundo a FIFA, posto que é o maior campeão de torneios europeus e mundiais. O membro do grupo diz que o Real sempre foi o time da realeza espanhola e da burguesia, e que foi beneficiado no período do regime ditatorial, do General Franco, torcedor do time, desde o final da década de 1930 até meados dos anos 1970. Além disso, a rixa com o Barcelona e Atlético de Bilbao, por exemplo, tem razões históricas, tendo em vista a repressão imposta por Franco a esses clubes. O integrante

relatou que o Real Madrid, em sua história, contou com muitos jogadores estrangeiros em sua equipe, com destaque para a equipe da década de 1960, que contava com o argentino, Di Stéfano, e o húngaro, Ferenc Puskas; e a equipe do início do século XXI, que foi intitulada de galácticos, formada por astros como o francês, Zinedine Zidane, o português, Luís Figo, os brasileiros, Ronaldo e Roberto Carlos, o espanhol, Raúl, entre outros. Uma “constelação” formada pelos melhores jogadores do mundo que, em grande parte, eram estrangeiros. Segundo o participante, o Real Madrid sempre foi rico e os patrocinadores nunca foram a maior parte da receita do clube, que angaria adeptos ao redor do mundo.

A respeito do mapa e dos fluxos, o aluno explicou que a equipe é patrocinada pela empresa dos Emirados Árabes Unidos, Fly Emirates, e que entre os jogadores principais estão: o brasileiro, Marcelo; o português, Cristiano Ronaldo; o colombiano, James Rodriguez; o alemão, Kross; o croata, Modric; e o costa-riquenho, Keylor Navas. Ressaltou que o Real Madrid conta em seu elenco com dois jogadores entre os mais caros da história do Futebol, Cristiano Ronaldo (vendido por 94 milhões de euros pelo Manchester United da Inglaterra ao Real Madrid) e o galês Bale (vendido por 100 milhões de euros pelo Tottenham da Inglaterra), terceiro e segundo mais caros da história do futebol respectivamente. O estudante ainda disse que ele tinha bastante conhecimento sobre o time porque na sua infância acompanhava os brasileiros que jogavam no Real, e que tinha uma camisa na época do jogador brasileiro Robinho.

Após a apresentação da equipe perguntei aos demais participantes da oficina se queriam se manifestar a respeito das considerações feitas pelo grupo. Um participante do grupo do Atlético do Bilbao disse que o mapa apresentado era bem diferente do mapa proposto por eles e que se assemelhava mais ao mapa proposto pelo grupo do PSG. Outro participante da oficina disse que tinha a impressão de que o Real Madrid procura comprar jogadores já consagrados enquanto o Barcelona prefere formar jogadores jovens em suas categorias de base. Disse que ele tinha razão, mas que não poderíamos levar isso ao pé da letra, já que, por exemplo, Messi é formado nas categorias de base do Barcelona em La Masia, mas é argentino e foi levado para Barcelona ainda quando criança com 12 anos de idade. Então, apesar da formação de jogadores, muitos deles não irão chegar a seleção espanhola por serem estrangeiros e por não abdicarem as suas nacionalidades. E que a compra de atletas, ao invés da sua formação, prejudica as seleções nacionais dos países centrais do esporte, pois não têm capacidade de renovar suas gerações de atletas tão

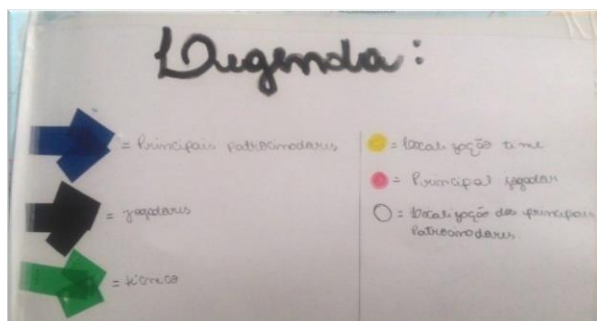
facilmente quanto os países da América do Sul, por exemplo. Outro participante da oficina disse que o Barcelona nem sempre foi referência na base, pois muitos brasileiros já haviam passado por lá, nos anos 1990, como Romário (melhor do mundo em 1994), Ronaldo (melhor do mundo em 1996, 1997 e 2002), Rivaldo (melhor do mundo em 1999) e também na década de 2000, com Ronaldinho Gaúcho (melhor do mundo em 2004 e 2005). Perguntei se mais alguém gostaria de fazer alguma consideração sobre o mapa e, como ninguém se manifestou, decidimos partir para o último mapa.

Figura 37 – Mapa temático do Real Madrid



Fonte: arquivos do autor

Figura 38 – Legenda mapa do Real Madrid



Fonte: arquivos do autor

A seguir a próxima equipe apresentou o mapa de fluxos do time mexicano Chivas Guadalajara. Uma participante começou dizendo que o apelido do time é “*las chivas*”, que patrocínio esportivo era da Puma, empresa alemã, o fundador do clube, belga, Edgar Everaert, o treinador, argentino, Matias Almeyda, o patrocínio máster, a empresa de produtos alimentícios local, Bimbo, e quase todos jogadores do clube são mexicanos, menos Miguel Ángel que era americano naturalizado mexicano. O grupo decidiu tampar com cartolina as partes do mundo no mapa que não se relacionam com fluxos. Os participantes disseram que boa parte dos fluxos se concentra no México, mas no mapa proposto pela equipe, ficou decidido representar também as exceções. Então, boa parte das setas representadas pela equipe são das exceções de influência estrangeira. Disse para a equipe que, visualmente, o mapa dava a impressão de que o clube sofria mais influências globais do que locais, dado o tamanho das setas.

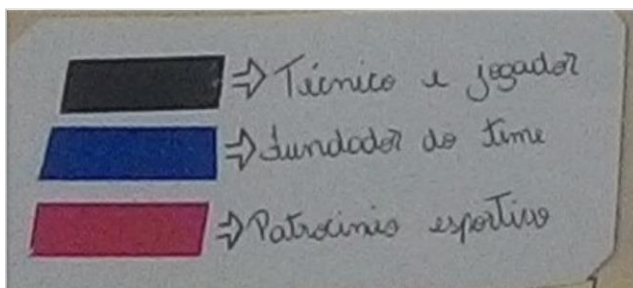
Em meio a toda essa conversa formativa, professora Ana alertou para o fato de que, talvez, essa atividade tenha um fator limitante, pois nem todos os times se encaixariam na lógica de time tradicional, que sofre poucas influências globais. Disse que talvez, ao encontrar um fator limitante, fosse hora de repensar a atividade afim de reformulá-la, para que ficasse mais clara a noção de time tradicional em contrapartida ao time globalizado. Demo que, ao comparar-se os mapas, fosse possível compreender as diferenças entre os mapas de fluxos tradicionais e globalizados. Falou que nesse esse último mapa não poderia ser comparado ao mapa do Atlético Bilbao, também tido como time tradicional, pois visualmente apresenta setas maiores e em maior número. O, assim, mapa não falaria por si só e necessitaria de uma explicação sobre a intenção de quem o produziu. Para quem compara o mapa do Chivas (tradicional) com o mapa do PSG (global) ou Real Madrid (global) não iria notar muitas diferenças, haja vista que ambos os mapas possuem muitas setas de fluxos sendo representadas. Assim daria a impressão que o time Chivas possui muito mais fluxos do que realmente tem.

Figura 39 – Mapa do Chivas Guadalajara



Fonte: arquivos do autor

Figura 40 – Legendas do mapa do Chivas Guadalajara



Fonte: arquivos do autor

Após as apresentações, passamos a refletir sobre a atividade do mapa como um todo e sobre quais perguntas poderiam ser feitas sobre essa atividade de fluxos dos times numa sala de aula de ensino médio. Desse debate surgiu o seguinte questionamento: será que poderíamos pensar que os clubes que possuem mais setas indicando fluxos são mais globalizados que os que têm menos setas? Chegamos à conclusão de que sim, mas que se haveria de fazer uma ressalva em relação às especificações na construção do mapa, às setas muito grandes que representavam as exceções, como no caso do mapa do Chivas, que podem confundir quem vê o mapa e tenta entendê-lo. O time do Chivas foi

incluído por mim no rol de times tradicionais a serem escolhidos pelos grupos justamente por apresentar poucas influências estrangeiras na composição dos jogadores e no patrocínio máster. E para que assim pudéssemos fazer uma comparação dos fluxos em relação aos times globalizados, mas, a partir, da decisão dos participantes de fazerem setas grandes para representar as exceções não foi mais possível de identificá-lo como time tradicional, pois o mapa ficou mais parecido com os times globalizados do que time tradicional. Deste modo, o mapa de fluxos do time não falaria por si só e necessitaria de uma explicação do grupo para se poder compreendê-lo.

Por fim entramos num debate acerca do conceito de globalização no que diz respeito ao que faz com que um time seja mais globalizado do que o outro? Um dos participantes da oficina disse que só pelo fato de a Nike patrocinar o Bilbao já o torna globalizado, já que se trata de umas das maiores empresas de material esportivo no mundo. Outro integrante disse que o Bilbao também pode ser considerado globalizado, uma vez que suas partidas são transmitidas no Brasil, por exemplo. Eis aqui um grande questão para o trabalho: será que o conceito de globalização que estava em curso dava conta das demandas apresentadas no exercício da oficina? Esse movimento que aconteceu no trabalho das oficinas foi interesse, porque um conceito serve até onde ele consegue resolver uma questão, de repente ele se apresenta como limite e, aí, precisa ser revisto em conjunto, mesmo que se chegue não tão longe. Argumentei dizendo que para construir essa atividade tomei como parâmetro ou critério para dizer se um time é globalizado ou não o fato de terem jogadores e patrocínios estrangeiros, já que cada vez mais é difícil ou quase impossível para os clubes fugirem a lógica da globalização. Um participante da oficina disse que dependendo do referencial de globalização pode-se ter como prioritário a cultura, a política ou economia e que são necessários critérios muito bem definidos para se dizer se um time é globalizado ou não. Por fim, dobramos e guardamos os mapas e retiramos as camisas da mochila para a próxima proposição da oficina.

Iniciamos a outra etapa da oficina, em que usamos as camisetas de times de futebol. Comecei mostrando algumas das minhas camisas de times, e disse que iríamos analisar a inserção do time no capital global ou local a partir de seus patrocinadores. Comecei pela camisa que eu estava usando no dia da oficina: uma camisa do Chelsea da Inglaterra, patrocinado pela Adidas, da Alemanha, e pela Samsung, da Coreia do Sul. Falei um pouco sobre a história dos últimos anos do clube, que foi

comprado por um bilionário russo, chamado Roman Abramovich, e que foi o primeiro time inglês a entrar numa partida do campeonato inglês sem nenhum jogador inglês em campo. Depois apresentei minha camisa do Deportivo Lã Corunha, da Espanha, que possui somente um patrocínio de material esportivo, Lotto, italiana, e por isso poder-se-ia considera-lo um time globalizado. Até porque além do patrocínio estrangeiro o clube também conta com alguns jogadores estrangeiros em seu elenco.

Depois mostrei duas camisetas de meu time de praia, o Real Santista Futebol e Regatas, na primeira camisa havia o patrocínio da empresa do pai de um integrante do time, que financiou a confecção das camisas. Após dez anos de fundação do time, mandamos fazer um novo jogo de camisas, agora feitas pela marca alemã Adidas, produzidas numa confecção de São Paulo. Mais um paralelo que pode ser feito entre patrocínio local e global. Outra camisa que eu trouxe foi minha primeira camisa do São Paulo Futebol Clube, patrocinado na época pela Penalty, empresa nacional de material esportivo, e pela LG, empresa de tecnologia da Coreia do Sul. Trouxe outra camisa mais recente patrocinada pela empresa de material esportivo americana, Under Armor, e que não possui patrocínio máster. Trouxe também uma camisa “retrô” que tenho, utilizada na disputa de um campeonato de futsal amador, esta camisa difere das demais pois é feita de algodão. O tecido absorve todo o suor e é bem mais pesada do que as camisas produzidas atualmente. O patrocínio da camisa é de uma construtora local, a Napoleão Construções.

Em seguida começamos a analisar as camisas dos participantes da oficina, a primeira foi uma camisa do Esporte Clube Bahia. O participante disse que desde pequeno já gostava do time e depois ficou sabendo que o Bahia era o time das massas, apresentando uma torcida muito ritmada. Após uma viagem a Salvador o participante adquiriu a camiseta, que apresentava vários patrocínios, a maior parte deles regionais, Guaraná Mix, Penalti (esportivo), MRV construtora e Unimed, e somente um estrangeiro, Tim, empresa de telefonia móvel italiana. O integrante ressaltou que essa camisa estava mais inserida no capital local do que ao global segundo o patrocínio da camisa. Uma curiosidade foi o fato da camisa apresentar uma imagem de uma freira, a Irmã Dulce. No caso o emblema religioso aparece na camisa porque o clube tem uma parceria com uma instituição beneficente que leva o nome da freira.

Figura 41 – Participante mostra sua camisa do Bahia.



Fonte: arquivos do autor.

A próxima camisa foi a do Real Madrid da Espanha, o integrante da oficina expôs que foi uma das primeiras que teve na vida e que a comprara por causa do atacante brasileiro Robinho, que havia se transferido para o clube. A camisa contava com os patrocínios da Adidas, alemã, e da empresa Bwin, do setor de apostas em esportes. O participante disse que considera o time globalizado, uma vez que é um dos maiores clubes do mundo. Depois o integrante mostrou outra camisa trazida por ele, do Arsenal, da Inglaterra, patrocinado pela Nike, americana, e pela Fly Emirates, dos Emirados Árabes Unidos. O integrante citou que o estádio do Arsenal também leva o nome da empresa e que os clubes negociam o “*naming rights*” (concessão temporária do nome do estádio com fins publicitários em troca de compensação financeira) de suas

arenas. Mostrou outra camisa, do Lyon, da França, patrocinado pela Umbro, inglesa, e Renault, francesa. Falou sobre sua idolatria pelo brasileiro Juninho Pernambucano que foi várias vezes campeão pelo clube francês. Falou que a camisa tem um emblema da UEFA (União das Federações Europeias de Futebol) que também poderia ser considerado um símbolo da globalização, pois é a confederação europeia em que estão os times mais ricos do mundo, os melhores jogadores etc. E por fim, ele mostrou a camisa do seu clube do coração, o Avaí Futebol Clube, de Florianópolis, falou sobre o patrocinador esportivo, a empresa catarinense, Fanatic. Disse que quando era mais novo não gostava desse patrocínio e que não entendia porque o time não era patrocinado pela Nike, como outros times do Brasil. Depois descobriu que a Fanatic era uma empresa local criada pelos próprios clubes do estado, o que faz com que a maior parte dos lucros das vendas de camisas fiquem com o clube e não com parceiras estrangeiras como no caso da Nike. Citou as outras empresas que patrocinam o clube, a Komeco, empresa local de ar condicionados, a VOA, empresa local de construção civil, e a Intelbras, empresa local de tecnologia. Disse que achava curioso o fato dos times brasileiros apresentarem um mosaico de patrocínios comparativamente aos clubes europeus que têm somente um patrocínio máster.

Figura 42 – Participante mostra sua camisa do Real Madrid



Fonte: arquivos do autor

Posteriormente, uma participante apresentou a camisa do Barcelona, da Espanha, patrocinado pela empresa de materiais esportivos Nike, americana, pela Qatar Airways, do Qatar, além da UNICEF. Argumentou que o clube era global pela origem das empresas e também pelo emblema da UNICEF, instituição que faz parte da ONU (Organizações das Nações Unidas). Falei de uma curiosidade a respeito da camisa do Barcelona, que até pouco tempo o Barcelona era um dos únicos clubes do mundo a não vender o espaço na camisa para publicidade, mas que cedeu à pressão da do capital global ao aceitar uma oferta tentadora da empresa qatariana, Qatar Airways, de aproximadamente 119 milhões de dólares por ano de contrato.

Outra participante mostrou suas camisas que ganhou do tio, que jogou pelo Avaí Futebol Clube, todos os patrocínios da camiseta eram de empresas do Brasil, a Fanatic, de materiais esportivos, e a máster, Pauta, empresa local de tecnologia, e Unimed, empresa nacional de planos de saúde. Depois a participante mostrou uma camisa do seu time de coração, Internacional, de Porto Alegre, patrocinado pela Reebok, empresa inglesa, Tramontina, empresa regional, e pelo Banrisul, banco regional.

Figura 43 – Participante mostra a sua camisa do Internacional.



Fonte: arquivos do autor

Perguntei aos participantes o que eles conseguem perceber a respeito dos patrocínios dos times grandes e times menores do Brasil. Um participante disse que havia uma diferença de valores em relação a visibilidade de cada um na mídia e, por isso, os times maiores recebiam

maiores valores. Fiz um comparativo entre a seleção uruguaia, país com 3 milhões de habitantes, em comparação ao Flamengo que tem cerca de 33 milhões de torcedores, creca de 11 vezes mais potenciais consumidores das camisas e produtos estampados nas mesmas, o impacto publicitário do Flamengo seria bem maior que o da seleção uruguaia, por exemplo. O mesmo se aplicaria a times menores. Argumentei que as empresas estrangeiras investiam nos clubes grandes devido a exposição, venda de camisas e até mesmo para conquistar novos mercados consumidores para seus produtos.

Outra participante mostrou sua camisa do Fluminense, do Rio de Janeiro, que tem como patrocinadores a alemã, Adidas, que fornece o material esportivo, e empresa nacional de planos de saúde, Unimed. Falei que o presidente da Unimed era torcedor do Fluminense e, além de patrocinar a equipe, pagava salários de alguns atletas para ajudar o clube. O presidente da Unimed na época participava da tomada de decisões dentro do clube.

Outra participante mostrou a sua camisa do Flamengo, do Rio de Janeiro, patrocinado pela Peugeot, empresa automobilística francesa, pela empresa de telefonia móvel italiana, Tim, e pela fornecedora de materiais esportivos alemã, Adidas.

Outro participante mostrou sua camisa do Paysandu, de Belém do Pará, carregando vários patrocinadores locais nela: Cerpa, uma cervejaria nacional, o governo do estado do Pará, a rede de farmácias local, Bigben, além da fornecedora de materiais esportivos, Finta, que é uma empresa nacional. Fiz uma observação em relação aos patrocínios feitos pelos órgãos governamentais, algo que não era muito habitual no futebol brasileiro, e começou em 2002 com camisas do Vasco, que faziam propaganda para o programa social “Fome Zero”. Disse ainda que só recentemente a Caixa, banco estatal, passou a financiar vários clubes no Brasil.

A seguir uma participante apresentou a camisa do Figueirense, de Florianópolis, patrocinada pela empresa inglesa de material esportivo, Umbro, e que não possuía nenhum patrocínio máster naquele período.

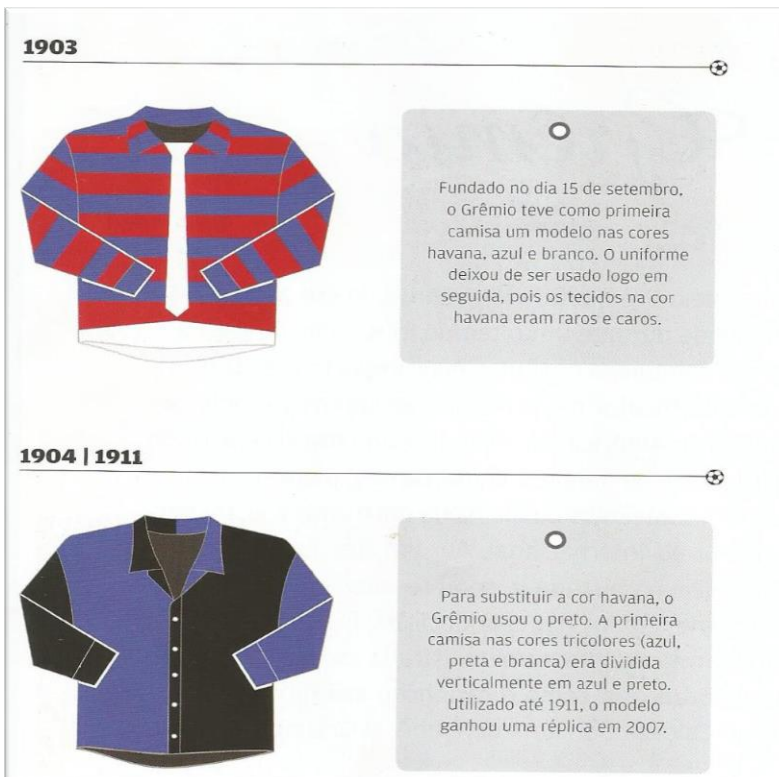
Outro participante falou sobre a sua camisa, adquirida após uma viagem a Recife, do Sport Recife, de Pernambuco, patrocinada pela Lotto, empresa italiana de materiais esportivos.

Finalizei, então, a atividade e disse que o objetivo era olhar para uma camisa de time e analisar em que medida haveria a inserção dos times na globalização. Pedi que fizéssemos um intervalo e continuássemos em

quinze minutos, quando alguém da turma gritou: “*mais os acréscimos*”, todos demos risada e fomos para o intervalo.

Após o intervalo passei uma apresentação de slides com imagens do livro “A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil” de Paulo Gini e Rodolfo Rodrigues (2009) que trazia desde a primeira camisa até a camisa de 2009, data de edição do livro, e através da observação das camisas busquei expor a gradual inserção das empresas estrangeiras estampando sua marca nas camisas ao mesmo tempo que o conceito de globalização começa a ganhar força em meados da década de 1980. Comecei pela primeira camisa da história do Grêmio que demonstra a elitização do futebol quando o esporte chega no Brasil. Além da presença da gravata, o clube usava as cores havana, azul e branco, a primeira, havana, deixou de ser usada dado que o tecido era raro e caro. Posteriormente o clube decidiu adotar as cores azul, preto e branco.

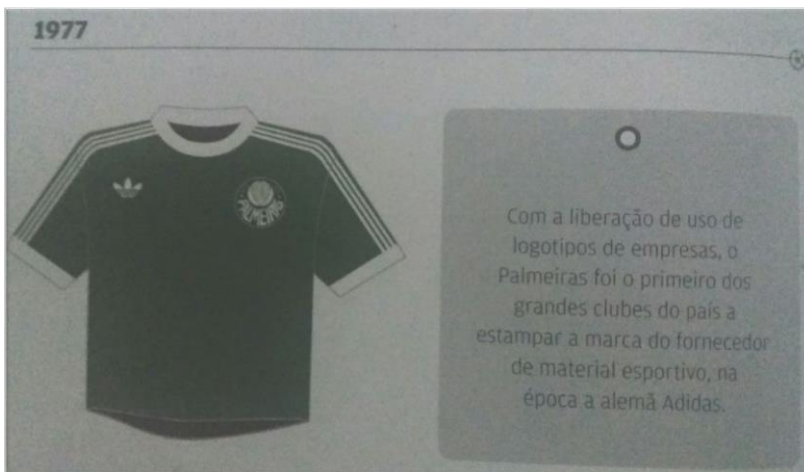
Figura 44 – Primeiras camisas do Grêmio



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 142.

Posteriormente passei à camisa do Palmeiras de 1977 que foi o primeiro a estampar patrocínio esportivo, na época o clube já era patrocinado por uma empresa estrangeira a alemã, Adidas.

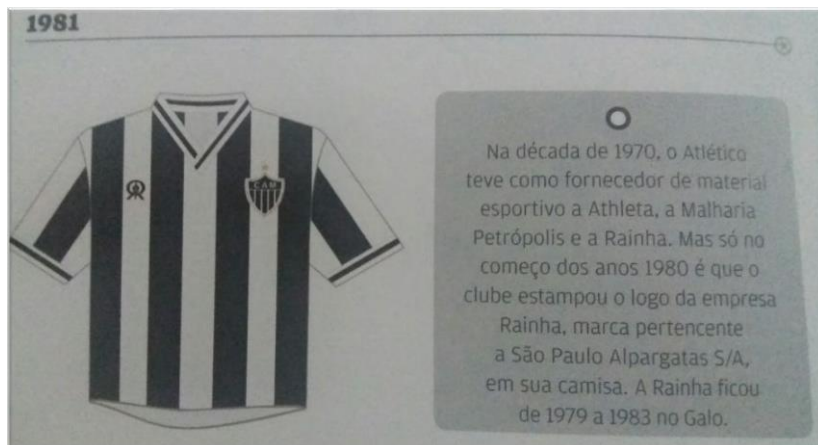
Figura 45 – Camisa do Palmeiras de 1977



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 186.

Depois, em 1981, a camisa do Atlético Mineiro patrocinado pela empresa brasileira de material esportivo Rainha.

Figura 46 – Camisa do Atlético Mineiro de 1981.



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 18.

Depois, passei à camisa do Santos, de 1984, patrocinada pela concessionária de veículos, Afonso Veículos, e alemã, Adidas. Misto entre patrocínio local e estrangeiro.

Figura 47 – Camisa do Santos- SP de 1985



Fonte: GINI; RODRIGUES 2009, p. 218.

A próxima camisa foi a do Palmeiras, de 1983, patrocinada pela Bandeirante Seguros, empresa nacional do ramo de seguros, e o patrocínio esportivo da Adidas, alemã. Misto entre patrocínio local e global.

Figura 48 – Camisa do Palmeiras de 1983.



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 187.

A camisa seguinte foi a do Flamengo de 1984, patrocinada pela empresa brasileira estatal do ramo petrolífero, Petrobrás, que estampava a marca de óleos Lubrax. Esse foi o patrocínio mais longo da história do futebol brasileiro, que vigorou por 25 anos e terminou em 2009. O clube era na época patrocinado pela marca de materiais esportivos alemã, Adidas. Misto entre patrocínio local e estrangeiro.

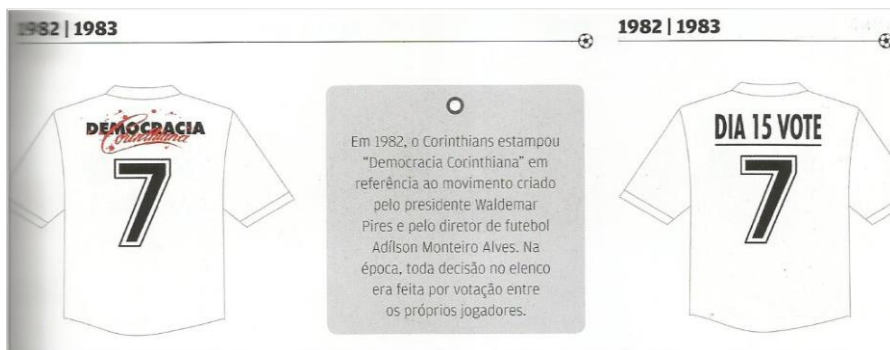
Figura 49 – Camisa do Flamengo de 1984



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 111.

Em seguida trouxe a camisa do Corinthians de 1982 e 1983, patrocinado pela empresa brasileira de material esportivo, Topper. Na camisa não havia patrocinador máster, mas sim a inscrição “dia 15 vote”, na época o Corinthians incentivava o processo de redemocratização que ocorria no Brasil na época, após o período da ditadura militar (1964 a 1985). A ideia do movimento foi do publicitário corinthiano Washington Oliveto, e dentro do clube chamava-se “democracia corintiana”, e primava que todos os jogadores, diretores, treinador e funcionários do clube decidiriam os rumos do clube.

Figura 50 – Camisa do Corinthians de 1982 e 1983



Fonte: GINI, 2009, p. 67. A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil

Depois mostrei algumas camisas de vários times brasileiros que começaram a ser patrocinadas pela Coca-Cola, empresa de refrigerantes americana. Argumentei dizendo que em 1992, por exemplo, a maioria dos times era patrocinada pela empresa americana, assim como o próprio campeonato brasileiro de 1992.

Figura 51 – Camisa do Grêmio de 1987



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 149.

A camisa do Grêmio de 1987 teve como primeiro patrocinador a Coca-Cola, não aceitando estampar a cor vermelha da marca, pois era também a cor do seu clube rival da cidade, o Internacional. Assim a empresa aceitou estampar seu logotipo em preto e branco.

Figura 52 – Camisa do Botafogo de 1992.



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 49

Figura 53 – Camisa do Internacional de 1989.



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 169.

Figura 54 – Camisa do Atlético Mineiro de 1989 e 1990.



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 23.

Na sequência, então, mostrei a camisa do Palmeiras patrocinada pela Parmalat, na época a empresa italiana de produtos alimentícios fez uma parceria com o clube em que controlava a gestão de futebol, algo inédito até então, dado que geralmente as empresas apenas injetam dinheiro no clube em troca de publicidade. A empresa investiu muito dinheiro no clube e teve como resultado muitos títulos, entre eles os campeonatos brasileiros de 1993 e 1994, e a taça libertadores de 1999.

Figura 55 – Camisa do Palmeiras de 1992



Fonte: GINI; RODRIGUES, 2009, p. 192.

A penúltima camisa foi a do Vasco da Gama do ano de 2001. O Vasco era patrocinado pela empresa de material esportivo italiana, Kappa. O logo do canal de televisão SBT foi estampado na camisa porque Eurico Miranda, presidente do clube na época, queria provocar a rede Globo de televisão, quem ele considerou culpada pelo adiamento da final do campeonato brasileiro após um acidente nas arquibancadas do estádio.

Figura 56 – Camisa do Vasco de 2001



Fonte: GINI, 2009, p. 265.

Por fim, vimos a camisa do Corinthians de 2009. Na época o clube repatriou o atacante brasileiro Ronaldo, sua contratação teve enorme impacto publicitário nas camisas. O clube passou a estampar diversos patrocínios nacionais, como o da Bozzano, que produz produtos de higiene, dos títulos de capitalização Tele Sena e Baú, o banco Panamericano e da Batavo, empresa de produtos alimentícios. O clube ainda contava com o patrocínio da Nike, empresa americana de material esportivo. O Corinthians soube explorar a vinda do jogador mundialmente conhecido para alavancar suas finanças explorando ao máximo os espaços de publicidade na camiseta.

Figura 57 – Camisa do Corinthians de 2009



Fonte: GINI, 2009, p. 85. A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil

Esta parte da oficina teve como principal objetivo mostrar o que é possível pensar a respeito da relação de um time de futebol com o conceito de globalização a partir das camisas dos clubes. Cada time tem sua história, que pode ser contada a partir das camisas, muitas delas ficam guardadas nas memórias das pessoas. A apresentação dos slides do livro Gini e Rodrigues (2009) mostra que ao observar os patrocínios das principais equipes do país é possível ver a gradual inserção dos patrocínios de empresas estrangeiras nos times grandes do Brasil que anteriormente eram patrocinados por empresas nacionais.

Para finalizar o último encontro da oficina perguntei aos participantes sobre quais possíveis conteúdos seriam passíveis de se trabalhar na relação futebol e ensino de Geografia. A conversa que se seguiu foi boa e longa. Uma das alunas disse que o consumismo seria um tema da Geografia escolar passível de se trabalhar a partir do futebol, tendo como ponto de partida uma camisa de futebol e seus patrocínios. Disse para a participante que isso fazia sentido na medida em que cada vez mais os torcedores eram encarados pelos seus clubes como consumidores. Citei a transformação dos estádios brasileiros pós-copa do mundo de 2014, em que muitos deles passaram a ter ingressos muito mais caros que antes das reformas. Visando a modificação da classe social presente no estádio de futebol, buscando atrair uma classe média e alta ao invés dos torcedores das classes sociais mais baixas. Outra integrante da oficina disse que seria possível trabalhar a noção de território a partir da relação entre dois clubes rivais de uma mesma cidade. Disse que ela

estava correta e que, por exemplo, em São Paulo algumas linhas de metrô da cidade levam o nome de clubes de futebol, como a estação Palmeiras, em Barra Funda, na zona oeste, e, em contrapartida, havia a estação Corinthians, em Itaquera, na zona leste da cidade. Seguindo a discussão, outra aluna disse que quando há jogos entre rivais de uma mesma cidade, como Grêmio e Internacional, em Porto Alegre, era preciso ter cuidado ao sair na rua vestindo a camiseta de um dos dois clubes, já que nesses dias alguns torcedores hostilizavam os torcedores rivais ou se enfrentavam nas ruas, causando até a morte de torcedores adversários. Outra participante disse que talvez pudesse ser explorada a diversidade cultural no país, haja vista a que alguns clubes no Brasil foram fundados por ingleses e italianos, por exemplo.

Falei, então, a respeito de alguns trabalhos no campo da Geografia que visam problematizar as mudanças na paisagem urbana a partir da realização da copa do mundo de 2014, realizada no Brasil. Falei a respeito de uma experiência marcante ocorrida as vésperas da Copa do mundo de 2014: a universidade promoveu um debate a respeito dos impactos sofridos nas cidades que iriam receber jogos da Copa. Participaram da mesa de debate um grupo de moradores da cidade de Porto Alegre, que foram removidos de suas casas para as obras no estádio Beira Rio e no aeroporto Salgado Filho, e eu.

Outro aluno disse que poderia trabalhar em sala de aula questões sociais diversas. Citou um jogo do Zenit, da Rússia, contra o Gent, da Bélgica, que ele assistiu *in loco* e, em conversa com um colega, que o acompanhava no estádio, ficou sabendo que a torcida do Zenit se orgulhava de não ter nenhum jogador negro entre seus titulares. Disse que no time belga havia jogadores negros e quando eles pegavam na bola se poderia perceber que os torcedores russos imitavam sons de macaco. Demonstrando a existência de preconceitos enraizados até hoje em muitos lugares do mundo. Assenti com o que o estudante disse e complementei dizendo que na Europa, principalmente em países que possuem um passado marcado pelo fascismo, isso ocorre com mais frequência e resultou numa atualidade xenofóbica e racista. Citei o caso do brasileiro Daniel Alves, que ao cobrar um escanteio numa partida do Barcelona teve uma banana arremessada contra si. Argumentei um pouco sobre a relação entre racismo e futebol dando como exemplo o time do Internacional de Porto Alegre, tido como time das massas ou do povo, em contraposição ao Grêmio, que era composto pela burguesia e impedia que jogadores negros jogassem por sua equipe. Falei sobre o primeiro craque brasileiro, Arthur Freidheinich, que era filho de um alemão e de uma brasileira negra,

e que a partir dos seus feitos houve certa valorização dos negros no universo do futebol. Freidheinrich era um mulato de olhos verdes que fazia com a bola o que mais ninguém fazia em sua época, foi autor do gol que deu o primeiro título a seleção brasileira. A conversa seguia e fui contando que alguns jogadores mulatos e negros daquela época usavam pó de arroz na pele afim de mascarar sua cor para serem aceitos. Uma das participantes disse que já tinha ouvido falar de casos de jogadores que tinham que mascarar sua cor, principalmente na região sul do Brasil.

Uma participante acrescentou que o tema migração seria, também, passível de se trabalhar em Geografia relacionando o com o futebol, já que muitos jogadores brasileiros vão para o exterior. Concordamos, uma vez que a cada ano cerca de 800 a 1000 jogadores brasileiros se transferem para clubes do exterior. Outra participante citou que até mesmo em outros esportes, como futsal ou futebol de areia, existe uma forte tendência às migrações de brasileiros para outros países, inclusive de pessoas que se naturalizam e adquirem cidadania estrangeira para jogar pelas seleções nacionais.

A tarde de aula-oficina foi chegando ao fim, e a conversa foi se apagando. Fomos todos tomados pelo cansaço de tanta descoberta, de tanta conversa, de tantas questões futebolísticas e nos perguntamos quase em coro ao final: e se as aulas de geografia se parecessem um pouco mais com isso? Como, a partir do que experimentamos juntos nestes quase três encontros, pode-se pensar em projetos ou propostas de aulas futuras onde o interesse vivo do professor e do grupo se faça presente, será que a geografia também não seria mais viva? Nesse sentido Kaercher ajuda a olhar e a refletir sobre o que se passou com este grupo, ou sobre o que se passou nesta partida de futebol de salão (em sala de aula):

Seria útil pensar que a docência não implica apenas razões (saber mais). Há na profissão uma parcela muito grande de conflito, ansiedade, emoção (não só nos aspectos positivos) e imprevisibilidade. Temos preparado nossos alunos para a escola real do dia a dia?

A universidade é uma das instâncias de formação do profissional e é preciso uma atitude ativa do graduando a fim de que ele não tenha a graduação como ponto final da sua formação (TONINI; HOLGADO, 2014, p. 233).

Que um curso de graduação possa se abrir ao que se passa no mundo, assim nossos professores em formação possam ter algumas pistas a seguir...

Ressaltei, então, para os participantes que criassem suas próprias oficinas a partir de temas de seu interesse e que também criassem as estratégias em educação para trabalhar em sala de aula. A oficina realizada surgiu a partir de meus interesses e que assim podem surgir oficinas dos mais diversos temas. Disse aos alunos da importância de se trazer algo do mundo e que possa se relacionar com o conteúdo da geografia escolar. Para que assim o conhecimento passe a ser vivo baseado na vivência e experiências de cada um. Em tom de brincadeira, professora Ana fez a seguinte pergunta para a turma: será que o Cristiano gosta de futebol? Todos riram sem precisar responder. Nesse momento a professora seguiu ressaltando a importância de se relacionar algo que se gosta com a área de conhecimento, ressaltou ainda que esse fator torna as coisas mais interessantes do ponto de vista geográfico e prazerosas a quem ensina e a quem aprende.

Finalizei a oficina agradecendo a todos os participantes e à professora, pela oportunidade de realizar o trabalho em suas aulas e por sua importância em meu processo de formação pessoal e profissionalmente. Dei de presente a um participante algumas crônicas do livro “Futebol ao sol e a sombra” de Eduardo Galeano (1995), disse para o participante que os textos eram um presente porque pude ver que ele compartilha a mesma paixão pelo futebol que eu. Ele agradeceu.

Para sintetizar minha paixão pelo futebol finalizo esta seção da dissertação com uma crônica de Galeano (1995) intitulada, “o futebol”, que representa o meu sentimento por esse esporte que moveu boa parte desta pesquisa e da minha vida:

A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se transformou em indústria, foi desenterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo de fim de século, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável. Ninguém ganha nada com essa loucura que faz com que o homem vire menino por um momento, jogando como o menino que brinca com o balão de gás e como o gato que brinca com o novelo de lã: bailarino que dança com uma bola leve como o balão que sobe ao ar e o novelo que

roda, jogando sem saber que joga, sem motivo, sem relógio, sem juiz.

O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renúncia a alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia.

Por sorte ainda aparece nos campos, embora muito de vez em quando, algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade. (GALEANO,1995, p.2)

8. MESA REDONDA: A ANÁLISE DA PARTIDA – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com algo que se gosta, que se faz com paixão, fez dessa pesquisa um prazer ao invés de um fardo. A união do meu amor pelo futebol a minha profissão como professor-pesquisador foi algo instigante e cada vez mais raros nos dias de hoje. Esta pesquisa-intervenção fez com que eu me aprofundasse ainda mais no universo do futebol e na sua relação com a globalização. Fiz deste trabalho minha vida e, mesmo em meio às dificuldades, perseverei. Esta pesquisa só foi possível de ser realizada a partir da relação com o outro, ou melhor, com os outros. Tantas falas, percepções e indagações foram surgindo no decorrer desse processo e me instigando a pesquisar cada vez mais. Nem sempre temos a resposta pronta para tudo, em muitas vezes tive de refletir, ponderar e reconhecer que nem sempre as coisas saem da maneira como planejamos. Acredito que a potência deste trabalho está em relacionar algo do mundo, como o futebol, e mostrar que a partir dele é possível pensar muitas coisas em relação com a educação, especificamente aqui no ensino de Geografia. A partir de um simples jogo foi possível pensar em inúmeros temas que podem ser problematizados e estudados a partir da sua conexão com temas do mundo e da vida.

Como educador penso que cada vez mais é necessário fazer com que os conteúdos sejam vivos e concretos. Para isso, penso que esta pesquisa possa incentivar outras pessoas a buscarem um caminho a partir do que gostam e a criarem estratégias para dizer aquilo que desejam. Penso que minha escolha em relacionar o futebol e o conceito de globalização foi muito feliz, posto que esse esporte representa o arquétipo perfeito desse complexo conceito. Neste sentido, aponta Boniface (FÁVERO, 2009 apud BONIFACE, 2006, p.14), quando trata da relação entre futebol e globalização:

Os termos globalização ou mundialização tornaram-se correntes para qualificar o período atual. As fronteiras não têm mais o mesmo sentido que outrora. Os meios de comunicação, sejam eles utilizados para tornar públicos os eventos ou para se deslocar, modificaram radicalmente as noções de tempo e espaço. O mundo se tornou uma aldeia global onde tudo se pode saber. Passam então a existir referências universais, imediatamente identificadas pela maioria dos seres humanos,

vivam em Tokyo, Berlim, Los Angeles, Dakar, Buenos Aires ou Melbourne. Mas o fenômeno mais global é o futebol. É certo que George W. Bush, Bin Laden, o Papa ou o Dalai Lama, Madonna ou Youssour N'Dour são universalmente conhecidos (e diversamente apreciados). Mas Zidane, Beckham e Ronaldinho ultrapassam-nos de longe em notoriedade e ainda mais em popularidade. O futebol é, ao fim e ao cabo, o arquétipo da mundialização, ainda mais que a democracia, a economia de mercado ou a internet.

Em conjunto com os participantes das oficinas pode-se ver o conceito em sua concretude, a partir de camisas de clubes, da criação de mapas temáticos, refletiu-se sobre o tema a partir de imagens, textos e vídeos. Cada camisa de clube representou um determinado momento histórico, tendo uma grande representatividade do ponto de vista pessoal de cada um. Essa foi uma maneira de se fazer algo, todavia existem (e podem surgir) muitas outras a partir da vontade e desejo de se aprender alguma coisa. Há ainda muito a ser explorado na educação a partir do futebol. Por meio das oficinas pude realizar esse trabalho partindo de uma concepção de educação libertária, que visou incorporar o saber de cada participante às oficinas. Não havia um caminho pré-determinado e um objetivo claro posto inicialmente. O desenrolar do processo e das oficinas foram norteando o caminho, por meio desse caminhar encontrei-me, procurei fazer algo muito presente na minha vida e que me faz feliz em uma prática em educação.

Quando realizei as oficinas percebi que a minha escolha pelo futebol como tema gerador de discussões, para se refletir e problematizar a globalização foi muito feliz, visto que as aulas que havia acompanhado na escola estavam mais preocupados com a pura transmissão de conhecimentos e com conceitos destoados da realidade cotidiana dos alunos. Assim, com a temática futebol, pude transformar as aulas de geografias em aulas bem mais conectadas com o cotidiano dos alunos e com as questões postas no mundo contemporâneo. Pelo fato de ser uma oficina itinerante, ela se realizou em diversas escolas para diversos públicos. Trabalhei do nono ao terceiro ano do Ensino Médio, bem como em um curso de formação de professores. Em cada encontro surgiram novas percepções e proposições feitas pelos participantes em relação ao tema, que muitas vezes, não eram por mim percebidas e que vieram a acrescentar ao meu trabalho, bem como o modelo proposto de

aula/oficina veio a acrescentar na formação dos professores das escolas em que ela se realiza. Neste sentido é muito importante ressaltar a importância do PIBID como motivador dessa troca de ideias, experiências e significâncias, que ocorre entre acadêmico bolsista PIBID, professor da escola e alunos da escola. Contribuindo assim para a construção da própria oficina, que evolui ao longo desse processo de investigação educacional.

Tendo em vista tudo que foi feito, posso dizer que esse trabalho evoluiu ao longo de suas práticas/experiências, principalmente no que tange o registro da fala dos alunos. No início percebi que baseava a oficina muito em minha própria percepção do conceito de globalização e de como eu o via dentro do universo do futebol. Aos poucos fui acompanhando os processos e pude fazer com que os participantes das oficinas se expressassem mais e percebessem as relações entre futebol e o conceito de globalização por si próprios, a partir da realidade que permeavam o cotidiano de cada um, sem que eu precisasse guiá-los a um determinado resultado. Acredito que ao longo das oficinas pude fazer com que os alunos experimentassem observar o conceito de globalização de outra forma.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Hipólito de; OLIVEIRA, Renato de; BARCELOS, Vinícius Lúcio. **Futebol e Globalização: Espetáculo, Consumo e Lucro na Sociedade Contemporânea**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Departamento de Educação, Política e Sociedade, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.52-75

CORRÊA, Guilherme Carlos. Alfabetização técnica: A Arte de Aprender Ciências e Matemática. Ijuí: Unijuí, 1992

_____. Oficina: novos territórios em educação. In. Pey, Maria Oly. **Pedagogia Libertária: experiências hoje**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

_____. **Educação, comunicação e anarquia**. São Paulo: ed. Cortez, 2006.

CORRÊA, Guilherme Carlos; PREVE, Ana Maria Hoepers. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. **Revista de Estudos Universitários**, v. 37, nº 2, 2011. p. 181-201.

FÁVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol**. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1977.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&M Editores, 2002.

GUTERMAN, Marcos. O Futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.

GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GINI, Paulo; RODRIGUES, Rodolfo. **A história das camisas dos 12 maiores times do brasil**. São Paulo: Panda Books, 2009.

HOBSBAWM, Eric J. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

HOLGADO, Flávio Lopes. **Além das quatro linhas: o futebol no ensino de geografia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013

MACHADO, Fabiano Ferreira. Futebol: uma nova perspectiva no ensino de geografia. **10º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO EM GEOGRAFIA**, 2009, Porto Alegre. [trabalho apresentado]. Porto Alegre: [s.n], 2009. p.1-16.

NROBU, Khyentse. **Phörpa**. Direção: Khyentse Norbu. Produção: Jeremy Thomas, Raymond Steiner, Malcolm Watson. Butão/Austrália, 1999. 94 min., Son., Cor.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal. São Paulo: Record, 2005.

TONINI, Ivaini Maria; HOLGADO, Flávio Lopes. Futebol, camisas, símbolos identidades futebolísticas nas aulas de Geografia”. In MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski; TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Ligia Beatriz. **Ensino de Geografia no contemporâneo: experiências e desafios**. Santa Cruz do Sul. Edunisc, 2014.

VILELA, Caio. Futebol sem fronteiras – Retratos da bola ao redor do mundo. São Paulo: Panda Books, 2009.